



MUSEU DE SANTA MARIA DE LAMAS

*Crónicas de
um Acervo*
Museu de Santa Maria de Lamas

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?!

Medalhística contemporânea como forma
de tributo a diferentes vultos da *Cultura
artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)

“Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?!

*Crónicas de
um Acervo*
Museu de Santa Maria de Lamas



José Carlos de Castro Amorim

O que guardam as Reservas do Museu de Santa Maria de Lamas?!

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura
artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)

*“Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do
centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na Coleção de Medalhística con-
temporânea do Museu*

Ficha Técnica

O que guardam as Reservas do Museu de Santa Maria de Lamas?!

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*: **António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)** - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

José Carlos de Castro Amorim

© Fevereiro de 2017 - Autor & Museu de Santa Maria de Lamas.

Coordenação geral: Susana Patrícia Gomes Ferreira (Conservadora do Museu de Santa Maria de Lamas).

Coordenação científica: José Carlos de Castro Amorim (Historiador da Arte / Técnico Superior de História da Arte do Museu de Santa Maria de Lamas).

Textos: José Carlos de Castro Amorim.

Revisão: José Carlos de Castro Amorim & Susana Gomes Ferreira.

Edição: Museu de Santa Maria de Lamas / Casa do Povo de Santa Maria de Lamas.

Design, Projeto Gráfico e Paginação: José Carlos de Castro Amorim.

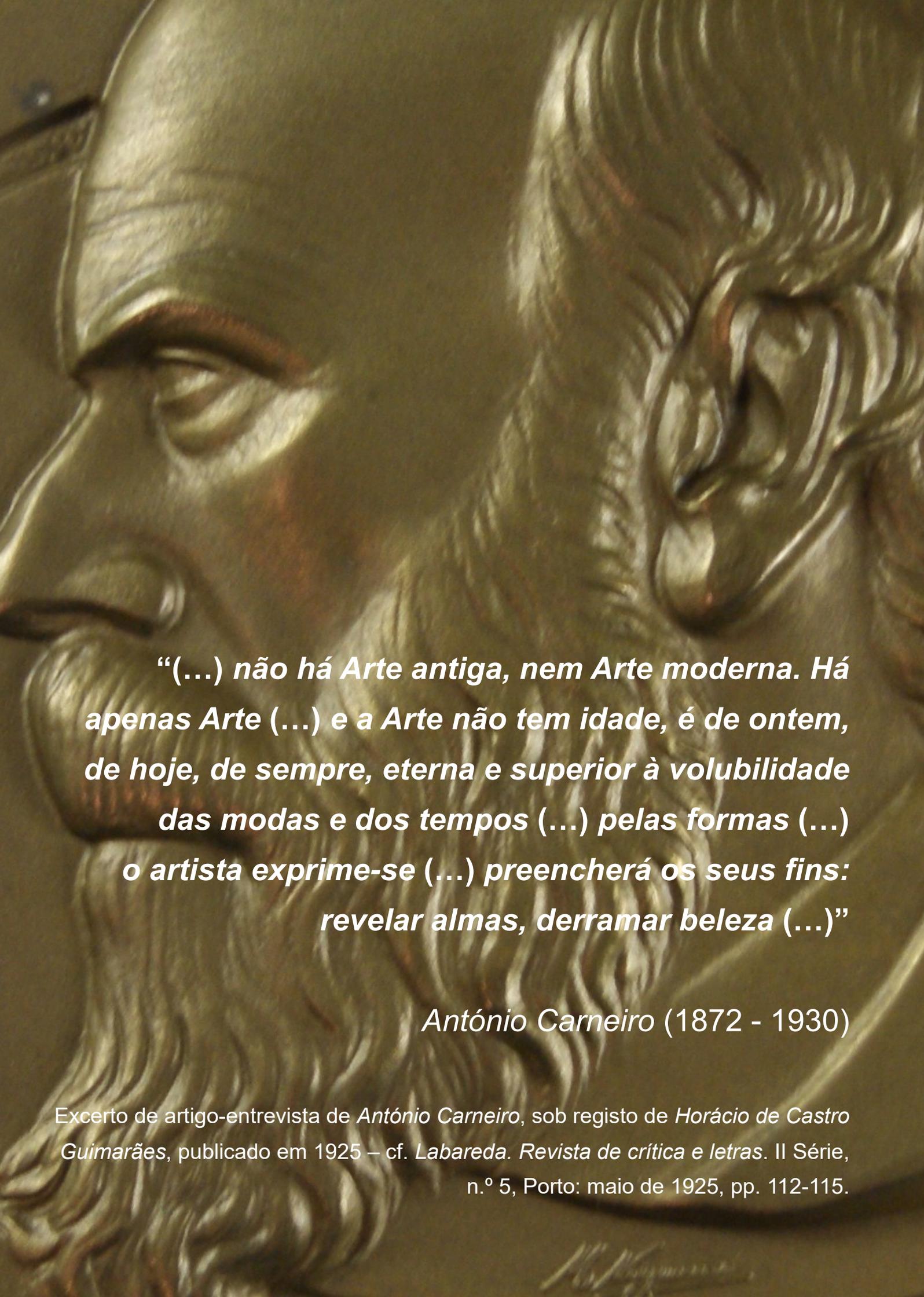
Fotografia de objetos integrados no acervo pessoal do autor e do Museu de Santa Maria de Lamas: José Carlos de Castro Amorim & Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

Créditos de outras imagens reproduzidas neste estudo: *Bibliografia & Recursos eletrónicos* citados. Cortesia imagética de alguns elementos reproduzidos no decurso desta obra, cedidos por parte do *Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso (Amarante)* e da *Exma. Sr.^a Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro* (coleccionadora particular portuense e descendente de *Francisco Costa Queiroz*, irmão de *Rosa Atília Queiroz Carneiro*, esposa de *António Carneiro*), ao autor deste estudo (no âmbito da *Dissertação de Mestrado* que o próprio desenvolveu (AMORIM, José Carlos de Castro - *António Carneiro (1872 - 1930). Pluralidade e designios do Ilustrador*. Vol. I. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012); e que, em parte, serviu de base e originou esta abordagem à figura de *António Carneiro* a partir da *Medalhística do Museu de Santa Maria de Lamas* que tributa o primeiro centenário de nascimento deste vulto da *Cultura artística portuguesa* (1872 - 1972).

Capa e contracapa: “**ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO**” (Pormenor do Anverso) - Medalha circular da autoria de “*Ulisses*”, promovida e encomendada em 1972. *Museu de Santa Maria de Lamas*: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

Data: 21 de fevereiro de 2017.

© 2017 - Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotografia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita do editor.



“(...) não há Arte antiga, nem Arte moderna. Há apenas Arte (...) e a Arte não tem idade, é de ontem, de hoje, de sempre, eterna e superior à volubilidade das modas e dos tempos (...) pelas formas (...) o artista exprime-se (...) preencherá os seus fins: revelar almas, derramar beleza (...)”

António Carneiro (1872 - 1930)

Excerto de artigo-entrevista de *António Carneiro*, sob registo de *Horácio de Castro Guimarães*, publicado em 1925 – cf. *Labareda. Revista de crítica e letras*. II Série, n.º 5, Porto: maio de 1925, pp. 112-115.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Nota prévia (Por José C. Amorim)

Com processo de afirmação secular em *Portugal*, sedimentado aos poucos até chegar à contemporaneidade, a “*Medalhística de autor*”, que na sua maioria explora as capacidades de *deseñhista, modelador e cinzelador* do seu “*Mestre*”, tem no Alto / Baixo-relevo e na fundição de materiais como o Ouro, a Prata, o Bronze, o Cobre, o Cristal e ainda algumas substâncias e ligas sintéticas, as suas características técnicas e morfológicas mais significativas.

Por vezes secundarizada no panorama artístico e expositivo nacional, talvez pela própria condição reprodutiva, de múltiplo, que algumas destas criações assumem, para *Henrique Alves Amorim* (1902 - 1977), colecionador e fundador do *Museu de Santa Maria de Lamas (MSML)*, esta disciplina criativa representou mais uma fonte de consumação do seu “vício colecionista”. Ou seja, no acervo do seu *Museu* (recolhido exclusivamente com recurso ao capital próprio e sensibilidade deste “*Industrial Corticeiro*” - um dos fundadores, em 1922, da primeira grande “fábrica rolheira moderna” do *Norte de Portugal*, a “*Amorim & Irmãos, Lda.*”), fomentando a pluralidade técnica, tipológica e temática da sua coleção de Arte, *Henrique Amorim* incorporou diversos registos de Medalhística contemporânea. Essencialmente oitocentistas e novecentistas (de sécs. XIX e XX), adquiridas, na sua maioria, através de incursões no “mercado artístico e colecionista” português, operadas entre o início dos anos (19)50 e o ano de 1977 (no qual faleceu), as “*Medalhas de autor*” do *MSML* são maioritariamente de produção e origem portuguesa, excetuando-se a presença de um caso internacional. A do medalhista francês *Louis – Oscar Roty* (1846 – 1911), através de um exemplar de Medalha em formato retangular, de cariz “*Realista-naturalista*” assinalando - através de um “*Busto ideal da República francesa*” e de uma alegoria às “*Artes aplicadas à Indústria*”, com a cena mitológica “*Minerva aconselha Vulcano*” - a “*Societe d’encouragement a L’Art et a L’Industrie*”.

Do ponto de vista estético e temático, esta coleção (atualmente integrada na “Área de Reservas” do *Museu*, para Estudo e Conservação

preventiva), caracteriza-se pela sua amplitude numérica, diversidade de formatos, iconografias, correntes e linguagens artísticas (as mais características do séc. XX e, sobretudo, da *Arte contemporânea em Portugal*). Englobando, em simultâneo, objetos honoríficos tradicionalistas / conservadores e elementos “vanguardistas”. Registos circulares, retangulares, quadrangulares, trapezoidais, pentagonais, hexagonais ou octogonais; de cariz “*Realista-naturalista*”, “*Expressionista*”, “*Simbolista*”, “*Neo-realista*”, “*Futurista*”, “*Surrealista*”, ou mesmo “*Abstracionista*”.

Não obstante esta multiplicidade de materiais, estruturas, pensamentos e orgânica compositiva, “forma e função” cumpriam estritamente os propósitos honoríficos e correspondiam aos gostos / exigências do mecenato português (público ou privado; individual ou corporativo). Aliás, dois vetores profundamente intrincados e indissociáveis da existência e proliferação desta disciplina artística, não só no *Passado*, mas inclusive no *Presente*.

Outro dos aspetos que define este acervo de Medalhística contemporânea e a sua singularidade - e que aliás, é transversal a todos os campos do gosto e atitude colecionista de *Henrique Amorim* - advém da acentuada “*Portugalidade*” que exprime e absorve. Uma “*Portugalidade*” vincada não só através da já referida presença maioritária de autores lusitanos nesta coleção. Mas sobretudo pelos temas que envolve, capazes de tributar diferentes momentos da *História, Identidade, Património, Costumes, Tradições, Etnografia, Associativismo, Corporativismo, Comércio, Indústria, Ensino, Cultura Artística e Literária e Personalidades / Individualidades* de vulto, de amplitude local, regional e nacional.

Deste modo, “*Exposições*”, “*Comemorações desportivas*”, “*Efemérides Associativas e Individuais*”, “*Eventos*”, “*Congressos*”, “*Políticos portugueses*”, “*Entidades / Individualidades / Dignidades Eclesiásticas*”, “*Indústrias e Industriais de renome*”, “*Entidades educativas*”, “*Costumes locais*”, “*Castelos e Fortificações*”, “*Monarcas*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Nota prévia (Por José C. Amorim)

portugueses”, “*Navegadores*”, “*Embarcações portuguesas*”, “*Lírica Camonianiana*”, “*Artistas*”, “*Escritores*”, “*Poetas*” e “*Pensadores*”, são alguns dos títulos pelos quais podemos “arrolar” as diferentes “subcoleções” da *Medalhística contemporânea do MSML*.

Todavia, este estudo não pretende dissertar aprofundadamente acerca da globalidade tipológica e figurativa da *Coleção de Medalhística do Museu*. Pretende sim, direcionar-se para a sua vertente evocativa da “*Cultura Artística portuguesa*”, demonstrando que a partir de dois registos patentes neste acervo, é possível invocar, conhecer e abordar uma das personalidades que marcou, de uma forma muito peculiar, o panorama da *Arte contemporânea* nacional.

Assim sendo, partindo de duas Medalhas circulares de três autores distintos - que em 1972 foram modeladas exclusivamente para assinalar publicamente o seu “*1.º Centenário de Nascimento (1872 - 1972)*” - este trabalho, a par de analisar plástica e iconograficamente estes registos, evoca perante o leitor o conhecimento do seu “modelo”. Ou seja, assinala o percurso do “*Pintor-poeta*”, *desenhista* e *ilustrador* virtuoso retratado: *António Teixeira Carneiro Júnior* (1872 - 1930).

António Carneiro, epítome do *Simbolismo português* (tanto na *Pintura*, como no *Desenho* e *Artes gráficas*), cedo transitou de *Amarante*, onde nasceu a 16 de setembro de 1872, para um asilo da *Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Artista inato, na cidade do *Porto* iniciou um percurso de formação bipartido entre a conservadora *Academia Portuense de Belas Artes* (ca.1884 – 1896) e a experiência externa na “*Academia Julian*”, contemplando a efervescência estética finissecular de *Paris* (1897 – 1900).

Espirito recolhido, dedicado à família e aos íntimos, complementou o seu *Tour* com passagens por *Itália* (1899) e *Bélgica* (1900), onde recolheu fontes reflexivas para a sua arte. Desenhista virtuoso, inserido num contexto sociopolítico pautado entre o término da *Monarquia* e a ascensão republicana, equilibrou a *Arte*

portuguesa finissecular entre a tradição e a vanguarda.

Constituindo uma obra plural, foi na regular atividade de *ilustrador* (1888 – 1929) que democratizou e perpetuou os seus verdadeiros desígnios, ligados ao *símbolo*, à *metafísica* e à *introspeção*. Rodeado pelo *Humorismo* e *Modernismo*, manteve-se antitético a estes paradigmas e encarou o ofício de *ilustração* como um prolongamento pessoal de devoção e amizade com os escritores, poetas e pensadores que interpretou (alguns deles também registados e perpetuados por diferentes artistas na *Coleção de Medalhística contemporânea do MSML*).

Culto, seletivo e profundo nas suas apreciações, permaneceu absorto ao ruído do meio, mantendo ligações frequentes com movimentos literários. De que se evidenciam os dezoito anos (1911 – 1929) de direção artística e participação gráfica no movimento mental, cultural, formativo e editorial da *Renascença Portuguesa*.

Em termos metodológicos, contribuindo para posicionar o *MSML* no panorama historiográfico e analítico contemporâneo, como um “ponto de partida” bastante abrangente e singular para o conhecimento de diferentes áreas, períodos, segmentos e sobretudo alguns vultos da “*Cultura artística portuguesa*” (representados neste *Museu* com obras de autoria, ou simplesmente, como acontece neste caso, invocados postumamente, do ponto de vista pessoal, em registos laudatórios e honoríficos fomentados por “terceiros”), este estudo inicia-se através de uma abordagem genérica e superficial ao *Museu*, dedicada ao legado cronológico, *Coleção* e *Colecionador*.

Cessada esta abordagem preliminar, o “corpo” central desta obra incide em dois momentos distintos. O primeiro, composto por uma pequena “leitura transversal / introdutória”, pretende elencar os caracteres básicos - temáticos e estilísticos - que pautam a globalidade da *Coleção de Medalhística contemporânea do MSML*. Quanto ao segundo e último segmento deste estudo, na sua composição, evidencia-se

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Nota prévia (Por José C. Amorim)

o enfoque dado - em termos formais e iconográficos - aos dois exemplares de Medalhística tributários do "1.º Centenário de nascimento (1872 - 1972)", do Pintor António Carneiro. Partindo, a partir daí, para a sequente exposição biográfica detalhada perante o leitor, deste, que foi um dos artistas mais *sui generis* - pelo seu perfil, pensamento estético, poesia e arte - da "Cultura e produção artística portuguesas" na viragem do século XIX para os alvares do século XX.

Para concluir, os conteúdos expostos neste registo historiográfico e analítico, seguiram uma metodologia organizacional e produtiva que conjuga, simultaneamente e de forma harmoniosa, recursos textuais e descritivos (baseados no levantamento, consulta e análise de *Fontes primárias, Bibliografia geral & específica*), com complementos gráficos / visuais.

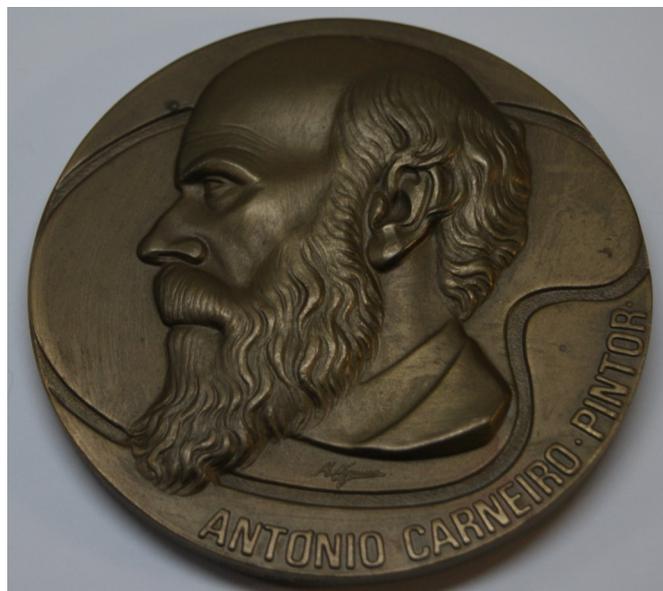
Apesar da matéria produzida, este "ensaio científico" - certamente um "ponto de partida" para publicações e investigações futuras, com detalhe e profundidade superior - pretende assumir-se como uma "valência" de auxílio e suporte para todos aqueles que, de certo modo, pretendem conhecer, visitar, preservar e divulgar a "Memória" e o Património do *Museu de Santa Maria de Lamas*, nos seus diferentes setores e abrangências.

Dando a conhecer segmentos do seu espólio que na atualidade, por diversas e justificadas razões não integram a exposição permanente e visitável do *Museu*, mas que, apesar do seu Arquivo na "Área Reservada" deste complexo museológico, continuam a merecer o seu devido estudo e promoção perante a comunidade geral e científica. De modo a que fique devidamente clarificada e seja perceptível perante todos a valia numérica, a variedade tipológica e temporal deste acervo. E ainda, a multidisciplinaridade que demarca o "perfil, o gosto, a prática, a inspiração e a atitude colecionista" de *Henrique Alves Amorim*.

José Carlos de Castro Amorim

José Carlos de Castro Amorim

Historiador da Arte / Técnico Superior de História da Arte
do Museu de Santa Maria de Lamas



Figs. 1 & 2 Medalhística / Medalhas circulares evocativas do "Primeiro centenário de nascimento (1872 - 1972), do artista amarantino, portuense e português António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)"

Anversos (registos frontais), com retratística "Realista-naturalista" evocativa de António Carneiro (1872 - 1930), dos dois exemplares de Medalhística circular que servem de objeto de estudo às diferentes componentes desta investigação (a abordagem e caracterização prévia da *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas* & a utilização de dois dos seus exemplares como objetos laudatórios de um vulto maior da *Cultura artística portuguesa: António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)*). Museu de Santa Maria de Lamas: Medalhas atualmente arquivadas na "Área de Reservas" do MSML.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Prólogo

O Museu no "espaço e no tempo" - Breve cronologia do Museu de Santa Maria de Lamas

(Por José C. Amorim)

- *Henrique Alves Amorim* (1902 - 1977) foi o colecionador e fundador do *Museu de Santa Maria de Lamas*. “*Industrial Corticeiro*”, aproveitou a sua prosperidade económica para “alimentar” o vício pessoal pelo colecionismo e legar uma ampla obra filantrópica a toda a população e freguesia de *Santa Maria de Lamas*.

- A partir da década de 50 do século XX: inicia-se a atividade colecionista de *Henrique Amorim* que resulta na construção, de raiz, do atual Edifício do *Museu de Santa Maria de Lamas*.

- 1959 marca o término da primeira fase construtiva do *MSML*, e regista a doação por parte do *Fundador*, de todo o espaço museológico e acervo exposto à “*Casa do Povo de Santa Maria de Lamas*” (entidade que desde 1959 até aos dias de hoje tutela este *Museu*).

- 1968 representa o possível momento de conclusão definitiva do Edifício do *MSML*, na sua planta final de 16 salas.

- 20 de fevereiro de 1977: data do falecimento de *Henrique Amorim*, na iminência de completar 75 anos de idade. Um momento que acabaria por despoletar o posterior descuido no tratamento do *Museu* durante 27 anos (1977 - 2004). Provocando a sua degradação em termos arquitetónicos e expositivos, afetando grande parte das suas coleções.

- 2004, ano de assinatura de um protocolo de parceria entre a “*Casa do Povo de Santa Maria de Lamas*” e o *Departamento de Artes e Conservação e Restauro da Universidade Católica Portuguesa* - do *Porto*. Com vista à recuperação, intervenção e reorganização deste espaço e das suas coleções. Desde 2004 até à atualidade, mesmo após o término do protocolo, o *MSML* continua em constante recuperação, organização e estudo dos seus espaços e coleções.

- Pelas 10 Salas (divididas por dois pisos), que atualmente se encontram recuperadas, reorganizadas e abertas ao público, distribuem-se as seguintes coleções: *Arte Sacra*; *Pintura*; *Estatuária*; “*Iconografia do Fundador*”; *Escultura em Cortiça e Derivados*; *Arqueologia industrial*; *Etnografia*; *Ciências Naturais* e *Curiosidades*.



Fig. 3 Fachada exterior do Museu de Santa Maria de Lamas

Estrutura arquitetónica remontante às décadas de 50 e 60 do século XX. Com possível término e inauguração final datáveis de 1968.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Prólogo

O Museu de Santa Maria de Lamas, sua História e Coleções (Por José C. Amorim)

Apelidado de “*Museu da Cortiça*” (a partir dos anos 60 ou 70 do século XX), por parte do seu próprio público, o atual *Museu de Santa Maria de Lamas (MSML)*, foi primitivamente designado pelo seu *Fundador* (o “*Industrial Corticeiro*” *Henrique Alves Amorim* (1902 - 1977)), em pleno decurso da década de 50 do século XX, como sendo a sua “*Casa dourada*”. Uma área de recobro e exibição de múltiplas expressões humanas, intitulada de “*Domus áurea: Arquivo de fragmentos de Arte*”.

Resultante de um ímpeto pessoal assente na recolha quase “compulsiva” (BELK, 1994, pp. 319-322.) de objetos multidisciplinares (concretizada entre o início da década de (19)50 e o ano de 1977); inspirado nos “espíritos” colecionistas, ou mesmo em preceitos base do “*bricabraque português*” da viragem de centúria, de XIX para XX. Na sua origem, a estruturação primitiva deste *Museu* seguiu e tentou aproximar-se da norma expositiva dos “*Gabinetes de Curiosidades*” ou “*Quartos das Maravilhas*” Europeus, de sécs. XV a XVII (BOTELHO & FERREIRA, 2005, p. 15. & SCHULZ, 1994, pp. 175-186.).



Fig. 4 *Iconografia do Fundador: Henrique Alves Amorim*

Retratos da autoria de António Leite de Azevedo (séc. XX), Pintura a Óleo sobre Madeira, posteriores a 1968. *Museu de Santa Maria de Lamas: Sala 6 - “Galeria do Fundador”*.

Verdadeiros espaços de exibição simultânea de objetos artísticos nobres e variados símbolos, fragmentos ou artefactos de cariz global. Reflexivos da riqueza histórica, científica, religiosa, populacional, natural, cultural, intelectual, social, geográfica, económica, etnográfica e material, da *Humanidade* e do *Planeta Terra*.

Assim sendo, desde a sua criação, este complexo situado a sul do *Parque* existente na localidade santamariana, destacou-se dos demais pela quantidade, qualidade e variedade (tipológica e temporal), do seu espólio (GONÇALVES & DIAS, 1979, pp. 23–26.). Um acervo plural, recuperado, estudado e reorganizado do ponto de vista museológico e museográfico a partir de 2004 (acerca da pluralidade do espólio do *Museu* e do “*Projeto de Reorganização Museográfica*”

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Prólogo

O Museu de Santa Maria de Lamas, sua História e Coleções (Por José C. Amorim)

implementado, *vide* (veja): COELHO, 2005, pp. 9–13. & BOTELHO & FERREIRA, 2005, pp. 15–19.). Que preserva, arquiva e expõe coleções de:

Arte Sacra (sécs. XIII a XX); *Gravura & Litografia* (sécs. XVIII a XX); *Paramentaria*; *Alfaias litúrgicas*; *Ex-votos* (sécs. XVII a XX); *Tapeçaria & bordado* (sécs. XVIII a XX); *Medalhística* (sécs. XIX e XX); *Azulejaria* (séc. XX); *Cerâmica* (sécs. XIX e XX); *Objetos de uso quotidiano* (sécs. XIX e XX); *Relojoaria* (sécs. XIX a XX); *Papel-moeda & Numismática* (sécs. XIX e XX); *Iconografia do Fundador* (ca. décadas de 40, 50, 60 e 70 do séc. XX); *Pintura contemporânea* (sécs. XIX e XX); *Armaria Ibérica* (sécs. XIX e XX); *Lustres & Candelabros* (sécs. XVII a XX); *Insígnias honoríficas* (sécs. XIX e XX); *Falerística* (sécs. XIX e XX); *Mobiliário* (sécs. XVIII a XX); *Artefactos Indo-portugueses & "Chinoiseries"* (ca. sécs. XVIII a XX); *Instrumentos musicais*; *"Artes decorativas"* (sécs. XIX e XX); *Etnografia portuguesa* (sécs. XIX e XX); *Estatuária contemporânea* (francesa: séc. XIX & portuguesa: sécs. XIX e XX); *Fragmentos ligados às Ciências Naturais*; *Escultura em Cortiça & Derivados* (séc. XX); e *Arqueologia Industrial* (ou seja, *Utensílios / Engenhos / Maquinaria / Maquinismos de Transformação Corticeira*, com utilização datável entre o séc. XIX e o início do séc. XX).

Fig. 7 *Iconografia do Direito - "Lex, Pax, Dignitas et Gloria" - "Lei, Paz, Dignidade e Glória"*

Escultura de Baixo-relevo. Modelo / Esboço / Estudo de Gesso bronzeado, modelado por/sob orientação de Salvador Barata Feyo (1899 - 1990), em ca. 1956 a 1957. 1957. 0856 - MSML: Sala 11 - "Sala dos Escultores".



Fig. 6 *"Cristo atado à coluna" (Mistério doloroso: "Senhor da Coluna")*

Pintura a Óleo sobre Tela, ca. finais do séc. XVI (após 1543 / 1586) (?). De autoria desconhecida, atribuível ao mesmo "Mestre" de uma pintura existente sobre o Arcaz da Sacristia da Igreja do Convento de São Gonçalo em Amarante (CSGA). Uma obra de suporte díspar em relação à pintura existente no Museu de Santa Maria de Lamas (MSML), Madeira e não Tela, mas que possui a mesma estrutura, cromia e iconografia.

Segundo as fontes e os estudos existentes (sobretudo de Vítor Serrão), a obra amarantina será atribuível a um "Pintor de segunda ou terceira geração Maneirista", de finais do séc. XVI, seguidor da estética de Luis de Morales, "El Divino" (ca. 1515 - 1591) - um artista natural de Badajoz (Espanha), cujo labor e a influência se estenderam ao território nacional. Ou a um membro de "Escola / Oficina" de pintura do Porto, cronologicamente situada nas últimas décadas do séc. XVI. 1957.0126 - Museu de Santa Maria de Lamas: Sala 1 - "Sala de Nossa Senhora do "O".



Fig. 5 *"Nossa Senhora do "O" / "Ó" ("Virgem do "O" ("Ó") / "Nossa Senhora da Expectação" / "Nossa Senhora da Esperança" / "Pejada" / "Santa Maria de Ante - Natal" / "Nossa Senhora da Boa Hora" / "Nossa Senhora do Parto" ("do Bom Parto") / "Nossa Senhora da Encarnação" / "Nossa Senhora do Advento" ou "Virgem do Advento")*

Escultura de vulto pleno, Madeira policromada, ca. finais do séc. XIII e as primeiras três décadas do séc. XIV (?). 1957.0046 - Museu de Santa Maria de Lamas: Sala 1 - "Sala de Nossa Senhora do "O".

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Abreviaturas & Siglas

Aa. Vv. - Autores variados	Ex.^a - Excelência
A. C. - António Carneiro	Exma. - Excelentíssima
A. C. P. - Associação Comercial do Porto	Ext. - Extraído (a) de
A. H. S. C. M. P. - Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto	Fig. - Figura
A. P. B. A. - Academia Portuense de Belas Artes	Figs. - Figuras
Aprox. - Aproximado / Aproximadamente	F.L.U.P. - Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Ass. - Assinatura / Assinado (a)	G. - Gomes
B. P. M. P. - Biblioteca Pública Municipal do Porto	H. - Henrique
© - Copyright (“Direitos reservados”)	h - horas
C. - Carlos	H. A. - Henrique Amorim
c. - cerca	J. - Joaquim
Ca. - Cerca de (do / dos)	J.-A. - José-Augusto
C. E. P. - Corpo Expedicionário Português	J.or - Júnior
Cf. - Confira	Lda. - Limitada
Cm - Centímetros	M. - Manuel
C.O.A.C. - Casa-Oficina António Carneiro	m - minutos
Col. - Coleção	M.N.S.R. - Museu Nacional de Soares dos Reis
CSGA - Convento de São Gonçalo de Amarante	MSML - Museu de Santa Maria de Lamas
D. - Dom / Dona	N. - Nova
D.C.T.P. - Departamento de Ciências e Técnicas do Património	N.º - Número
Diam. - Diâmetro	N.os - Números
Etc. - Etecetera	Nac. - Nacional
E. U. A. - Estados Unidos da América	Ob. cit. - Obra citada
	p. - página
	Pág. - Página

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Abreviaturas & Siglas

P. ex. - Por exemplo

Pint. - Pintor

pp. - páginas

publ. - publicado(a)

r. - reinado

R. C. - Rosa Carneiro

S. - Santa

S. - São

(s/d) - sem data

Séc. - Século

Sécs. - Séculos

(s/l) - *sine loco*, sem local

(s/n) - sem nome

(s/p) - sem numeração de página

S. C. M. P. - Santa Casa da Misericórdia do Porto

S. N. B. A. - Sociedade Nacional de Belas Artes

Sr.^a - Senhora

Sr. - Senhor

St. - Saint

St.^a - Santa

Tip. - Tipografia

V. - Vila

Vd. - Vide, veja

Vol. - Volume

I - Primeiro / Primeira / Um

I.^o - Primeiro

II - Segundo / Segunda / Dois

III - Terceiro / Terceira / Três

IV - Quarto / Quarta / Quatro

VI - Sexto / Sexta / Seis

1.^a - Primeira

1.^o - Primeiro

2.^a - Segunda

2.^o - Segundo

4.^a - Quarta

25.^o - Vigésimo quinto

36.^o - Trigésimo sexto

80.^o - Octogésimo

150.^o - Centésimo quinquagésimo

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Índice geral

O que guardam as Reservas do Museu de Santa Maria de Lamas?!

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*: **António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)** - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Nota prévia 06

Prólogo

O Museu no “espaço e no tempo” - Breve cronologia do *Museu de Santa Maria de Lamas* 09

O *Museu de Santa Maria de Lamas*, sua História e Coleções 10

Abreviaturas & Siglas 12

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

A *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas* - Breve caracterização tipológica e estilística 16

Tabela síntese das “subcoleções” que integram a *Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas* 21

Notas & Citações 22

Medalhística Comemorativa do Primeiro centenário de Nascimento (1872 - 1972) de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - Forma & Iconografia

“ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO

CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES” - Medalha circular da autoria de “*M. Nogueira*” (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela *Câmara Municipal do Porto* em 1972 26

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular da autoria de “*Ulisses*”, gravada por “*A. Canedo*”, promovida e encomendada em 1972 33

Notas & Citações 47

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Perfil Biográfico do retratado: O Homem, a meditação e o labor estético 52

Notas & Citações 67

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos 78

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?!

Medalhística contemporânea como forma de
tributo a diferentes vultos da *Cultura
artística portuguesa*

*António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) -
“Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas
comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), pa-
tentes na Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

*A Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa
Maria de Lamas - Breve caracterização tipológica e estilística*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

A Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas - Breve caracterização tipológica e estilística (Por José C. Amorim)

“(…) *Ontem como hoje, a medalha deve ser acarinhada como uma arte nobre da escultura, uma forma perene de fixar no metal memórias de eventos que marcaram a nosso tempo ou, muito simplesmente, para dar largas a uma criatividade artística, criando e modelando no barro ou no gesso, depois transposto para o metal, uma obra de arte numa forma reduzida a duas faces (...)*”

António Miguel Trigueiros¹

Vertente criativa exigente em termos de domínio técnico e capacidade de pormenorização, a “*Medalhística de autor*” é uma disciplina artística profundamente europeizada, na sua maioria “*humanista e realista*”, embora existam algumas exceções. Historicamente, o seu fomento mecénático inicial e a sua origem são sobretudo de índole italiana, fruto do gosto da “*corrente renascentista*” de quatrocentos (séc. XV), com influxos estruturais e compositivos bastante inspirados nas Moedas / Medalhões Clássicas(os) do *Império Romano*².

Contudo, tendo em conta esta possível origem italiana e apesar da estreita e regular “*sinergia*” não só em termos de importações comerciais, mas inclusive de importação artística (tanto de correntes e “*modelos*”, como de executantes), estabelecida entre portugueses e italianos desde as centúrias de quatrocentos, mas principalmente a partir de quinhentos (sécs. XV e XVI); em *Portugal*, a “*Medalhística*” só ganhou alguma expressão e entrada efetiva no circuito criativo, mecénático e colecionista cerca de duzentos ou trezentos anos depois (a partir dos finais do séc. XVII, mas sobretudo já no “*século das luzes*”, o “*iluminista*” século XVIII³). Ou seja, já sob o domínio régio de *D. João V* (1689 - 1750) - monarca de cognome “*O Magnânimo*”, de sensibilidade artística apurada, que

Figs. 8 & 9 Medalhística / Medalha retangular da “Societe d’encouragement a L’ Art et a L’ Industrie” (Exemplificativa da presença externa (francesa), no *Acervo de Medalhística contemporânea de Henrique Amorim e Museu de Santa Maria de Lamas*)

Anverso – “*Busto ideal da República Francesa*”.

Reverso - “*Arte aplicada à Indústria*”, cena mitológica: “*Minerva aconselha Vulcano*”.

1931 - Cunho póstumo à datação da morte do seu autor.

Original de *Louis – Oscar Roty* (1846 – 1911) – Ass. “O.ROTY”. Bronze. *Museu de Santa Maria de Lamas*: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.



Anverso

Reverso

Figs. 10 & 11 Medalhística / Medalha circular comemorativa dos 50 anos da “Amorim & Irmãos, Lda.” (1922 - 1972)

Anverso – Logotipo da Empresa Rolheira “*Amorim & Irmãos, Lda.*” no ano de 1972.

Reverso - “*Fardo de Cortiça*” e “*Traço*” / “*Rabanada*” de *Cortiça com Rolhas cilíndricas*.

Original de *Luciano Inácio Martins dos Santos* (1933)¹⁶ – Ass. “L.INÁCIO”. Bronze / Metal Bronzeado (?). MSML: Sala 6 - “*Galeria do Fundador*”.



Anverso



Reverso

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

privilegiou o conhecimento e uma política cultural bastante peculiar durante todo o seu reinado de 43 anos, entre 1707 e 1750⁴ -, graças ao usufruto da pujança económica e abundância de metais e matérias-primas nobres no *Reino*; extraídas não só em *Portugal continental*, mas sobretudo chegadas das “*Colónias ultramarinas do Império*”. E ainda, pelo contributo da contratação, em 1720, de um gravador francês, António Mengim (1690 – 1772)⁵ para a *Casa da Moeda* lisboeta - como “abridor de cunhos”.

Todavia, apesar da novidade desta técnica e de toda a conjuntura descrita, bastante favorável, em teoria, para o seu fomento, no término do séc. XVIII eram ainda escassos os executantes e as manifestações de *Medalhística artística portuguesa*. Inclusive, tal número reduzido de agentes e de exemplares de “*Medalhas de autor*”, poderia relacionar-se com o facto de nessa época apenas existirem no território luso, concentradas na capital, em *Lisboa*, duas “áreas fabris” munidas de “balancés” com potência apropriada à cunhagem de Medalhas laudatórias: a *Casa da Moeda de Lisboa* e o *Arsenal Real do Exército*⁶. De certo modo, este vetor acaba por ser antitético e contraditório perante toda a prosperidade económica e política cultural do *Reino*.

Assim sendo, tal escassez de equipamento e até de interesse, levou a que até à segunda metade do séc. XIX, João de Figueiredo (1725 – 1809) fosse o único gravador, cinzelador e formador português⁷ com honra de referência na *História da Medalhística Nacional*⁸. Partilhando, minoritariamente, a galeria pictórica com os internacionais “importados” José Gaspard (1727 – 1821)⁹ ou Charles Wiener – belga, que acabou por fundar uma “academia” de gravadores na *Casa da Moeda* lisboeta¹⁰.

Segundo algumas análises historicistas, foi já nas proximidades do final de oitocentos, séc. XIX, que a “*Arte da Medalha*” usufruiu de uma revolução técnica e mecânica fulcral para uma maior proliferação, sobretudo de autores ou de agentes capacitados para a sua execução, inclusive em território lusitano. Assim sendo, com a “evolução revolucionária” que a implementação da “*técnica de gravação de cunhos por meio de torno ou pantógrafo redutor tridimensional*” introduziu, a arte da gravação de Medalhas, mas também de Moedas, deixou de ser uma atividade exclusiva de artistas altamente especializados - os ditos



Fig. 12 *Medalhística / Medalhas circulares - Falerística: Conjunto honorífico da “Medalha interaliada da Vitória – 1.ª Guerra Mundial (1914 – 1918) – Medalha da Vitória portuguesa”*

Idealizadas sob diretivas laudatórias coletivas, estas Medalhas em Bronze, desenvolvidas ciclicamente a partir de 1919, dinamizadas por composições distintas em cada um dos países promotores, mantendo como prática comum o uso de fitas de escala cromática aproximada ao arco-íris – em *Portugal*, com faixa vermelha ao centro; simbolismo do sangue derramado pelos militares abatidos em combate. Assinalam a ação belicista e vitoriosa dos países aliados nos campos operacionais da “1.ª Grande Guerra”. Realce material da comunhão íntima de memórias de combate multinacionais, em *Portugal* – país cujo contingente (C.E.P.), fora amplamente dizimado em *França* (pela ofensiva alemã em *La Lys*, no dia 9 de abril de 1918), mas que emergiu no seio da aliança como um dos vencedores do conflito - este símbolo honorífico circular, iconograficamente representativo de uma “*Alegoria à Vitória alada*” no seu anverso, resulta de um projeto gráfico do escultor, cinzelador e medalhista de renome lisboeta, João da Silva (1880 – 1960). **Conjunto de falerística honorífica da “Medalha interaliada da Vitória” / “Medalha da Vitória portuguesa”**: 1. “*Medalha da Vitória*”, pendente de fita com estrela e passadeira / fivela. 2. Miniatura de “*Medalha da Vitória*”, pendente de fita, com orifício de estrela. 3. Barra horizontal de “*Medalha da Vitória*”, com estrela. *Museu de Santa Maria de Lamas: Sala 6 - “Galeria do Fundador”*.



Fig. 13 *Medalhística / Medalha circular com registo de retratística evocativo de “Guerra Junqueiro” (1850 - 1923)* (“Centenário da sua morte: 1923 - 1973”) - Exemplo de Medalha circular (com retrato que “sai”, em parte, da própria circunferência que delimita

esta Medalha), e linguagem estética “*Realista-naturalista*” patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*. *Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML*.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“Gravadores de cunhos” - para se abrir a todos os tipos de escultores e artistas de diferentes “escolas, estilos e técnicas”¹¹.

Esta “atualização técnica e sistémica” que a “gravação de cunhos por meio de torno ou pantógrafo redutor tridimensional” impôs na Medalhística, advém de uma invenção, patenteada em 1889¹², do francês *Victor Janvier*. Uma inovação que propiciava a adaptação e a redução de obras de grande formato para escalas bastante reduzidas. Ou seja, segundo o estudo de *António Miguel Trigueiros*:

“(…) A nova máquina permitia a reprodução de uma escultura de grande diâmetro (o modelo original do artista) numa escala mais pequena e a sua gravação directamente num bloco de aço macio (…)”¹³

Embora oitocentista, patenteada em 1889 por *Victor Janvier*, como foi supra referido, a primeira “máquina” deste género só chegou a *Portugal* no ano de 1912¹⁴. Sendo adquirida pela *Casa da Moeda* lisboeta, e *José Simões de Almeida (Sobrinho)* (1880 - 1950), a par de *João da Silva* (1880 - 1960) - presente na *Coleção de Medalhística do Museu de Santa Maria de Lamas* através de um conjunto de *Falerística* de ca. 1919, composto pela “*Medalha interaliada da Vitória*” / “*Medalha da Vitória portuguesa*” alusiva à “1.ª *Guerra Mundial* (1914 - 1918)” - os dois grandes “exploradores” e introdutores desta tipologia de escultura / modelagem na *Medalhística nacional*¹⁵.

Ativa até à atualidade, esta “máquina” e o seu incremento na *Medalhística lusitana*, propiciaram o crescimento do interesse, popularidade e proliferação da “*Arte da Medalha*” como objeto apreciado pelo mecenato, acessível ao “grande público” e ao colecionismo. Com este processo, a “*Medalha contemporânea portuguesa*” afirma-se na arte, ganhando aos poucos cada vez mais interessados e, acima de tudo, liberdade criativa.

Como afirma *António Miguel Trigueiros* “sempre que se fala na *Medalha contemporânea* - no século XX, essencialmente a partir de 1912 - é como referir-se à imperiosa necessidade de dar ao artista toda a liberdade criativa, quer quanto à forma, quer quanto ao conteúdo, para definir conceitos tão simples como um centenário ou a figura de uma distinta personalidade”¹⁶. Tais características, liberdade e multiplicidade de soluções, muito próprias da

Fig. 14 Medalhística / Medalha retangular com registo de retratística evocativo de “Luís Vaz de Camões” (“*Lírica / Iconografia Camoniana*”)

Exemplo de Medalha retangular e linguagem estética “*Realista-naturalista*” patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.



Fig. 15 Medalhística / Medalha retangular alusiva a um dos episódios da “*Epopeia lusitana*” descrita em “*Os Lusíadas*” de Luís Vaz de Camões (“*Lírica / Iconografia Camoniana*”)

Exemplo de Medalha retangular e linguagem estética de “*desconstrução formal Neo-realista*” patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

contemporaneidade, marcam a evolução da *Medalhística portuguesa* e, acima de tudo, o momento em que esta área absorve maior aceitação e uma superior contemplação pública e colecionista.

Tradição e vanguarda coexistem nesta área e neste momento cronológico e, para *Henrique Alves Amorim*, colecionador e fundador do *Museu de Santa Maria de Lamas (MSML)*, esta disciplina criativa representou mais uma fonte de consumação do seu “vício colecionista”.

Ou seja, no acervo do seu *Museu* (recolhido exclusivamente com recurso ao capital próprio e sensibilidade deste “*Industrial Corticeiro*” - um dos fundadores, em 1922, da primeira grande “fábrica rolheira moderna” do *Norte de Portugal*, a “*Amorim & Irmãos, Lda.*”¹⁷), fomentando a pluralidade técnica, tipológica e temática da sua *Coleção de Arte*, *Henrique Amorim* incorporou diversos registos de *Medalhística contemporânea*. Essencialmente oitocentistas e novecentistas (de sécs. XIX e XX) - adquiridas, na sua maioria, através de incursões no “mercado artístico e colecionista” português, operadas entre o início dos anos (19) 50 e o ano de 1977 (no qual faleceu) - as “*Medalhas de autor*” do *MSML* são maioritariamente de produção e origem portuguesa, excetuando-se a presença de um caso internacional, francês. A do medalhista parisiense *Louis - Oscar Roty* (1846 - 1911)¹⁸, através de um exemplar de Medalha em formato retangular, de cariz “*Realista-naturalista*” assinalando - através de um “*Busto ideal da República francesa*” e de uma alegoria às “*Artes aplicadas à Indústria*”, com a cena mitológica “*Minerva aconselha Vulcano*” - a “*Societe d’ encouragement a L’ Art et a L’ Industrie*”.

Louis - Oscar Roty (1846 - 1911), *João da Silva* (1880 - 1960)¹⁹ e *Luciano Inácio Martins dos Santos* (1933)²⁰ são, de facto, os grandes destaques de autoria de uma *Coleção* (atualmente integrada na “Área de Reservas” do *Museu*, para Estudo e Conservação preventiva), que, do ponto de vista estético e temático caracteriza-se pela sua amplitude numérica, diversidade de formatos, iconografias, correntes e linguagens artísticas que engloba (as mais características do séc. XX e, sobretudo, da *Arte contemporânea em Portugal*). Abrangendo, em simultâneo, objetos honoríficos tradicionalistas / conservadores e elementos “vanguardistas”. Registos circulares, retangulares, quadrangulares, trapezoidais, pentagonais, hexagonais ou octogonais; de cariz “*Realista-naturalista*”, “*Expressionista*”, “*Simbolista*”, “*Neo-realista*”, “*Futurista*”, “*Surrealista*”, ou mesmo “*Abstracionista*”.

De cariz profundamente honorífico, este espólio de

Fig. 16 Medalhística / Medalha circular com registo de iconografia alusiva à retratística evocativa de “José de Almada Negreiros (1893 - 1970)”

Exemplo de Medalha circular e linguagem estética de interpretação “*Futurista*” ou “*Surrealista*” de diversos signos da iconografia alusiva à retratística de *José de Almada Negreiros* (1893 - 1970), na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do *MSML*.



Fig. 17 Medalhística / Medalha em formato “estrelado” evocativa de uma Exposição de 1972 - “Expomafer-72”

Exemplo de Medalha de formato estrelado, alusivo a uma possível peça / objeto mecânico (espécie de “roda dentada” estilizada), e linguagem estética de interpretação “*Pseudo-Futurista*” na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do *MSML*.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Medalhística desenvolve-se e demarca-se iconograficamente através de composições que privilegiam áreas como a retratística (maioritariamente sob princípios "*Realistas-naturalistas*" - existindo exceções pontuais de elementos que possuem alguma desconstrução / simplificação "*Neo-realista*" ou mesmo "*Futurista*" / "*Surrealista*" - numa evidência clara da capacidade de síntese identitária e domínio técnico que esta área exige; pois obriga o artista - *cinzelador* e *gravador* - a trabalhar e modelar pormenores plásticos rigorosos em escala miniatural); a síntese *paisagista* / *mitológica* / *lírica* e a própria *heráldica* como meio de expressão de genealogias ou mesmo *narrativas Históricas, Culturais e Industriais*.

História, Geografia, Literatura, Economia, Arte, Património, Música, Medicina, Sociologia, Filosofia, Etnografia, Política, Desporto e Indústrias sob perspetiva local, nacional e mesmo internacional, pontuam todo um acervo de qualidade sublinhada em cada uma das suas composições constituintes. Um "aglomerado sólido" de bases visuais para contemplação e exaltação cultural que (à imagem de coleções como as de *Arte sacra, Pintura* ou *Estatuária* deste acervo), merece evidência sob princípios quantitativos, mas principalmente sob aspetos qualitativos e seu consequente contributo para a *História e Historiografia da Arte Contemporânea Nacional*.

Outro dos aspetos que define este *Acervo de Medalhística contemporânea* e a sua singularidade - e que aliás, é transversal a todos os campos do gosto e atitude colecionista de *Henrique Amorim* - advém da acentuada "*Portugalidade*" que exprime e absorve. Uma "*Portugalidade*" vincada não só através da já referida presença maioritária de autores lusitanos nesta coleção. Mas sobretudo pelos temas que envolve, capazes de tributar diferentes momentos da *História, Identidade, Património, Costumes, Tradições, Etnografia, Associativismo, Corporativismo, Comércio, Indústria, Ensino, Cultura Artística e Literária* e *Personalidades / Individualidades* de vulto, de amplitude local, regional e nacional.

Deste modo, "*Exposições*", "*Comemorações desportivas*", "*Efemérides Associativas e Individuais*", "*Eventos*", "*Congressos*", "*Políticos Portugueses*", "*Entidades / Individualidades / Dignidades Eclesiásticas*", "*Indústrias e industriais de renome*", "*Entidades educativas*", "*Costumes locais*", "*Castelos e Fortificações*", "*Monarcas portugueses*", "*Navegadores*", "*Embarcações portuguesas*", "*Lírica Camoniana*", "*Artistas*", "*Escritores*", "*Poetas*" e "*Pensadores*", são alguns dos títulos pelos quais podemos "arrolar" as diferentes "subcoleções" da *Medalhística contemporânea* do *Museu de Santa Maria de Lamas*.

Fig. 18 *Medalhística / Medalha octogonal alusiva à Comemoração de um "25.º Aniversário (1948 - 1973)"*

Exemplo de Medalha octogonal e linguagem estética "*Neo-realista*" patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na "Área de Reservas" do MSML.



Fig. 19 *Medalhística / Medalha circular alusiva a um episódio Mitológico* (Reverso, acompanhado pela inscrição: "POETA NASCIDO NO PORTO", de uma Medalha evocativa do "1.º Centenário de nascimento (1873 - 1973), de Augusto Gil (1873 - 1929)")

Exemplo de Medalha circular e linguagem estética "*Realista-naturalista*" de uma narrativa mitológica patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na "Área de Reservas" do MSML.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

A *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas* - Breve caracterização tipológica e estilística

Tabela síntese das "subcoleções" que integram a *Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas* (Por José C. Amorim)

Tabela síntese das "subcoleções" que integram a <i>Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas</i>
"Iconografia evocativa de "Exposições diversas"
"80 anos do Fundador do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas: António Joaquim Vieira (1928 - 2015)"
"Exaltação de Associações & Efemérides de Instituições diversas"
"Comemorações, Eventos, Efemérides & Feitos de índole Desportiva"
"Iconografia do Fundador do MSML: Henrique Amorim (1902 - 1977) / Ação administrativa & empresarial"
"Efemérides Comemorativas / Atos solenes / Inaugurações"
"Iconografia alusiva a Eventos de variadas tipologias"
"Alusão a Congressos de referência"
"Exaltação Empresarial"
"Personalidades da História Nacional & Internacional"
"Vultos da Política Nacional"
"Personalidades da Cultura Artística & Criativa Nacionais e Internacionais"
"Entidades & Dignidades Eclesiásticas"
"Entidades de Honra & mérito na área da Medicina"
"Património edificado: Castelos / Fortificações de Portugal"
"Património edificado: Monumentos da História Nacional"
"Iconografia & Retratística alusivas aos Monarcas Portugueses"
"Evocação de diferentes Coleções do Museu de Ovar"
"Iconografia tributária da "Lírica Camoniana": "Os Lusíadas"
"Navegadores Nacionais & Internacionais"
"Personalidades de relevo na Escrita & Cultura literária nacional"
"Diferentes tipologias de Embarcações Nacionais"
"Temáticas e Iconografias diversas e dispersas"

Fig. 20 *Medalhística / Medalha retangular alusiva a um dos episódios da "Epopéia lusitana" descrita em "Os Lusíadas" de Luís Vaz de Camões* ("Lírica / Iconografia Camoniana")

Exemplo de Medalha retangular e linguagem estética de "Realista-naturalista" patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na "Área de Reservas" do MSML.



Fig. 21 *Medalhística / Medalha circular evocativa da "Cartilha Maternal de João de Deus (1830 - 1896)"* (Reverso - composto por uma "alegoria" iconográfica à "Cartilha Maternal" e sua importância na conjuntura educativa nacional de sécs. XIX e XX - de uma Medalha alusiva a João de Deus (1830 - 1896), identificada com a seguinte inscrição literária: "À MEMÓRIA DE JOÃO DE DEUS. 1830.1970")

Exemplo de Medalha circular e linguagem estética "Realista-naturalista" de uma narrativa alegórica ao quotidiano escolar nos sécs. XIX e XX - encimado por uma alusão à "Cartilha Maternal" de João de Deus - patente na *Coleção de Medalhística Contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas*.

Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na "Área de Reservas" do MSML.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

A Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas - Breve caracterização tipológica e estilística

Notas & Citações

¹ Cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *A medalha. Arte nobre da escultura*. (s/l): (s/n), 2010, p. 26.

² “(...) O termo medalha significa, no seu sentido mais estrito, um objecto metálico comemorativo (...) inventado no séc. XV na Itália, sem função económica ou valor monetário, inicialmente destinado a mostrar um retrato de uma personalidade e produzido em sua honra (...) Não são bem conhecidos os antecedentes que terão motivado o aparecimento da primeira medalha renascentista, cujo autor foi um pintor retratista António Pisano, chamado Pisanello (c. 1395 – 1455), executada em Ferrara ou Florença, em 1438 – 39 (...) Certamente inspirado de antigas moedas ou “medalhões” romanos (...) e apoiado na técnica de moldagem e fundição (...)” – cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), pp. 18 e 19.

³ À centúria de setecentos, século XVIII, aplica-se o desígnio de “século das luzes” devido à eclosão, por toda a Europa, de algumas correntes e movimentos intelectuais, artísticos, políticos e filosóficos que privilegiavam o “Iluminismo”. Assente em reflexões baseadas na “Luz”, ou seja, na “Razão”, na “Racionalidade”: “(...) O iluminismo surge em Portugal com um certo atraso em relação a outros países europeus. Começou por se manifestar no reinado de D. João V (r. 1707 - 1750), através dos representantes do rei nas cortes de Viena, Paris, Londres e Haia, entre os quais se destaca D. Luís da Cunha (1662 - 1749) (...) O intercâmbio cultural entre estes países fazia-se através de professores e alunos, alguns dos quais possuíam bolsas para estudar no estrangeiro (...) No reinado de D. José I (r. 1750 - 1777), sobretudo através de influências francesas, italianas e inglesas, a ideologia iluminista inspirou a política régia aplicada por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699 - 1782). O iluminismo conferia ao poder real o apoio doutrinário para que a autoridade se exercesse sem limitações, através de uma política de “despotismo iluminado” - sem diminuir o poder político do monarca (conduzido pela sua razão e auxiliado por órgãos de governo cuja função era zelar pelo bem dos vassallos), esta prática política tinha como principal objectivo: reformar a sociedade por meio de leis justas e adequadas, mitigando teoricamente os poderes régios, ao mesmo tempo que se traduzia numa ausência de

limites para a autoridade suprema. Com a ajuda dos ministros, os monarcas iluminados tentavam levar a cabo uma reforma social, civil e económica que não reduzisse o seu poder absoluto (...) - cf. MOREIRA, Ana - *Utopias territoriais do Iluminismo em Portugal (Dissertação de Mestrado em Arquitetura - Especialidade de Teoria e História da Arquitetura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra)*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2006, p. 21.

⁴ De mecenato acentuado e de importação de artistas estrangeiros não só para trabalho em “empreitadas artísticas”, mas inclusive para formar discípulos que não usufruíram de bolsas para o seu *Tour* formativo internacional.

⁵ “(...) As primeiras medalhas portuguesas só apareceram no reinado de D. João V, sendo da autoria do gravador francês António Mengim (1690 - 1772), contratado em 1720 para abridor de cunhos da Casa da Moeda de Lisboa, por ocasião da reforma e modernização fabril (...) Em 1721, por sugestão do 1.º Marquês de Abrantes e com risco inicial de Vieira Lusitano, Mengim gravou a medalha comemorativa da instituição da Academia Real de História (1720), com gravuras inspiradas num medalhão do imperador romano Vespasiano (...)” – cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

⁶ “(...) No final do séc. XVIII apenas existiam em Portugal dois estabelecimentos fabris equipados com balancés com a potência necessária à cunhagem de medalhas comemorativas de grande módulo: a Casa da Moeda e o Arsenal Real do Exército, ambos em Lisboa, onde foram produzidas as poucas medalhas gravadas no reinado de D. Maria I (...)” - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

⁷ “(...) João de Figueiredo foi (...) o gravador das medalhas – plaquetes alusivas à estátua equestre de D. José I (1775) (...)” – cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

⁸ “(...) No final do séc. XVIII apenas existiam em Portugal dois estabelecimentos fabris equipados com balancés com a potência necessária à cunhagem de medalhas

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

comemorativas de grande módulo: a Casa da Moeda e o Arsenal Real do Exército, ambos em Lisboa, onde foram produzidas as poucas medalhas gravadas no reinado de D. Maria I. Desse período merecem destaque as obras assinadas pelo flamengo José Gaspard (1727 - 1812), sucessor de Mengim como primeiro gravador da Casa da Moeda; e pelo português João de Figueiredo (1725 - 1809), no Arsenal Real, onde se formaram muitos dos gravadores numismáticos activos durante a primeira metade do séc. XIX. João de Figueiredo foi também o gravador das célebres medalhas-plaquetas alusivas à estátua equestre de D. José I (1775), fabricadas com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa (...) - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

⁹ Flamengo e sucessor de António Mengim no cargo de "Primeiro gravador da Casa da Moeda de Lisboa" – cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

¹⁰ "(...) Mais uma vez, como anteriormente, a falta de gravadores especializados na Casa da Moeda de Lisboa, levou à contratação do gravador belga Charles Wiener, em 1864, que aqui fundou uma escola de gravura e modernizou o equipamento de gravação de cunhos. São dele e dos seus dois irmãos, Leopold e Jacques Wiener, a espantosa série de 41 medalhas de catedrais europeias, realizada entre 1850 e 1880, cada uma com uma visão em perspectiva do interior do corpo principal da igreja, de grande efeito e maestria escultórica. Duas dessas medalhas são dedicadas ao convento da Batalha (realizada em 1853) e ao Mosteiro dos Jerónimos (em 1867) (...) - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 24.

¹¹ "(...) No final do séc. XIX a arte da medalha cunhada sofre uma evolução revolucionária, ao ser introduzida a técnica da gravação de cunhos por meio de um torno ou pantógrafo redutor tridimensional, inventado pelo francês Victor Janvier e patenteado em 1889 (...) Desde então, a arte da gravação de moedas e de medalhas deixou de ser monopólio de artistas altamente especializados – gravadores de cunhos –, abrindo-se à criatividade artística de escultores das mais variadas escolas, estilos e técnicas (...) - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), pp. 23 e 24.

¹² "(...) No final do séc. XIX a arte da medalha cunhada sofre uma evolução revolucionária, ao ser introduzida a técnica da gravação de cunhos por meio de um torno ou pantógrafo redutor tridimensional, inventado pelo francês Victor Janvier e patenteado em 1889 (...) - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

¹³ Cf. *Idem - Ibidem*.

¹⁴ "(...) Uma dessas máquinas de Janvier seria adquirida

em 1912 para a Casa da Moeda de Lisboa, onde ainda hoje funciona (...) - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

¹⁵ "(...) Desde então, a arte da gravação de moedas e de medalhas deixou de ser monopólio de artistas altamente especializados – gravadores de cunhos –, abrindo-se à criatividade artística de escultores das mais variadas escolas, estilos e técnicas. Em Portugal, José Simões de Almeida (Sobrinho) (1880 - 1950) e João da Silva (1880 - 1960) foram os introdutores desse novo processo de escultura para medalha, responsável por um forte incremento do interesse no estudo da arte da medalha e pela sua actual divulgação e popularidade como forma de arte acessível ao grande público (...) - cf. TRIGUEIROS, António Miguel – *Ob. cit.* (2010), p. 23.

¹⁶ Cf. *Idem - Ibidem*, p. 25.

¹⁷ Cujo cinquentenário desta "Fábrica Rolheira" de referência (1922 - 1972), foi perpetuado, por encomenda de Henrique Amorim, num elemento de Medalhística comemorativa datada de 1972, sob autoria do escultor e gravador português Luciano Inácio Martins dos Santos (1933). Sobre este criativo e a sua vivência, vide (veja), a seguinte biografia sintetizada:

Escultor e gravador com largo ofício dedicado à Medalhística e à Ourivesaria, Luciano Inácio Martins dos Santos nasceu na "Cidade Invicta" (Porto), no ano de 1933. Modelador inato, pelas suas aptidões artísticas iniciou, com apenas dez anos de idade, a sua atividade de Ourives Cinzelador, laborando conjuntamente com o seu pai – Domingos Inácio dos Santos (1903 – 2000). Após usufruto dos ensinamentos familiares e respetivo término, em plena década de 50 do séc. XX, do seu curso oficial de Cinzelador, na "Escola Industrial de Faria Guimarães" – Porto – onde Luciano Inácio evidenciou todo o seu potencial pictórico. Demarcando-se dos demais contemporâneos pela constituição de uma "galeria laboral" de modelações de Medalhística, Ourivesaria e Joalheria de beleza, criatividade e qualidade regular; distinguidas e distribuídas por coleções particulares, monumentos e acervos museológicos nacionais.

Laureado em múltiplas mostras e exposições onde participou, Luciano, apesar da exigência mecénática agregada ao ofício de "Cinzelador profissional" – maioritariamente miniaturista - nunca descurou a melhoria do seu conhecimento teórico-prático, atualizando regularmente as suas competências com formações ligadas à Ourivesaria e Joalheria contemporânea. Módulos do conhecimento artístico que lhe valeram um cargo de docência na "Escola de Artes decorativas Soares dos Reis", um estabelecimento de ensino português onde lecionou e dirigiu,

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

até aos primórdios do séc. XXI, as classes e disciplinas ligadas ao conhecimento de materiais e técnicas de modelagem e composição de Ourivesaria contemporânea – respetivamente a “Oficina de cinzelagem” e a “Oficina de Ourivesaria”.

Acerca da escolha do seu ofício e respetivo fomento formativo, cita-se parte de um testemunho pessoal de Luciano Inácio, onde afirma o seguinte: “(...) a minha opção pela escola foi a de que meu pai (...) já trabalhava como cinzelador de ourivesaria e tinha a sua oficina. Ele por sua vez também já tinha frequentado a Escola (Faria Guimarães) (...) Eu segui-lhe o exemplo (...) praticamente nasci e vivi no interior da oficina, daí eu amar esta classe de ourives (...) Naquela época (anos 50) está-se nos anos do pós guerra (1939 - 45) e havia certas forças do capital que necessitavam de investir em objectos de valor, de arte (...)” - cf. CAETANO, Francisco Perfeito – *Escola de Artes decorativas Soares dos Reis. O ensino técnico artístico no Porto durante o Estado Novo (1948 – 1973)*. Porto: Universidade do Porto, 2012, pp. 172, 173 e 174.

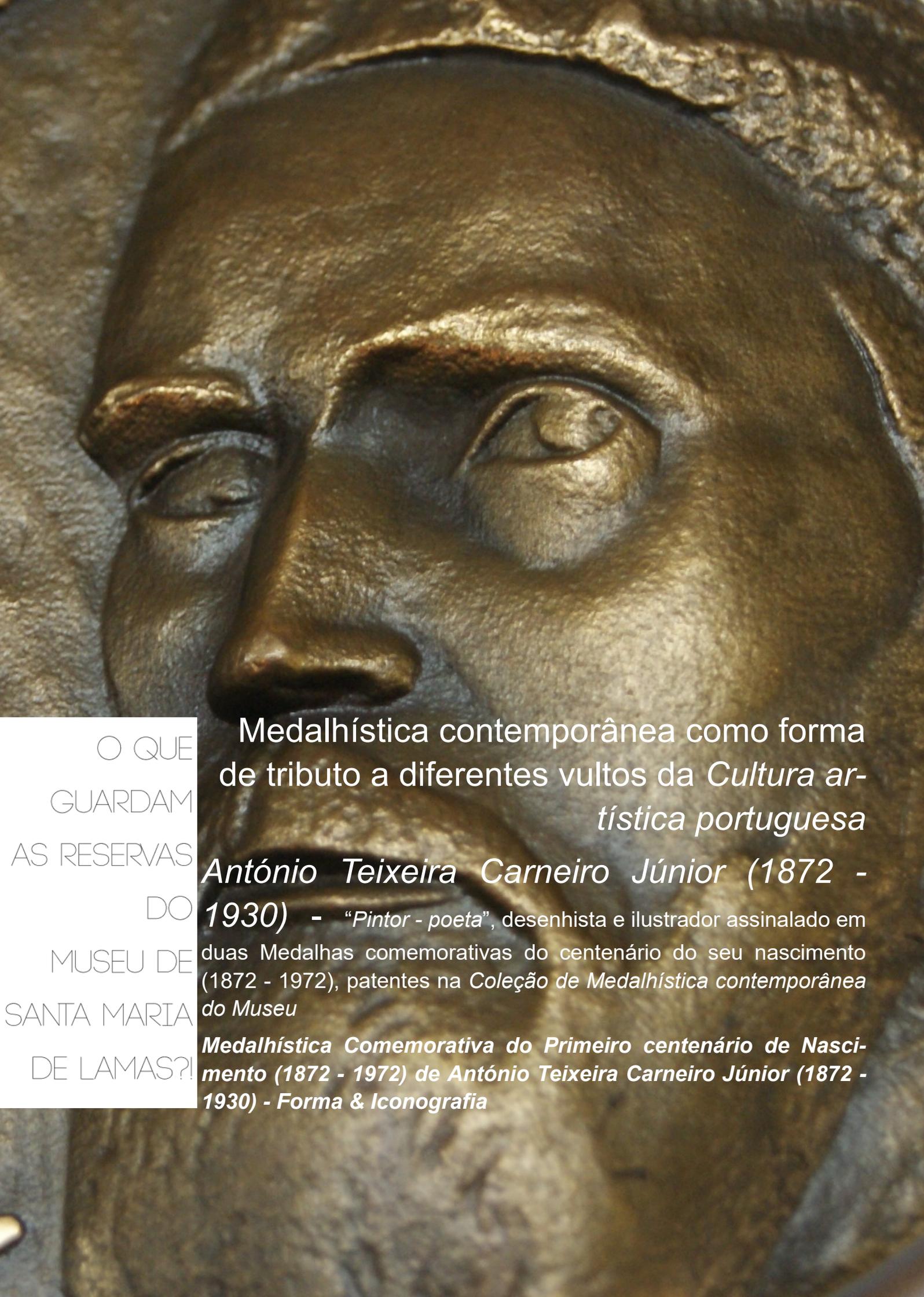
¹⁸ Nascido em 1846 num meio modesto de Paris, Louis – Oscar Roty afirmou-se no panorama historiográfico gaulês como um Medalhista estilisticamente clássico, rigoroso, de estatuto laboral elevado e grande influência junto do mecenato e da crítica contemporânea (sécs. XIX – XX). Formado em Pintura, Escultura, Desenho, Modelação e Gravura, Roty teve como Mestres primordiais o escultor Augustin – Alexandre Dumont (1801 – 1884), o pintor Horace Lecoq de Boisbaudran (1802 – 1897) e o escultor – medalhista, François Joseph Hubert Ponscarne (1827 – 1903). Premiado em Roma com o “Grand Prix” de Gravura de 1875, Louis – Oscar Roty nunca esqueceu as suas influências e viagens formativas (facto perceptível através da estética aplicada na criação do seu “Busto ideal da República Francesa”, inspirado, em parte, no desenho original de Leonardo da Vinci (1452 – 1519), “Il Condottiere” – de cerca de 1472), definindo um percurso pautado por uma galeria laboral ligada à retratística. Laureada e apreciada pela qualidade de modelagem, pormenorização e harmonia compositiva.

Dono de uma linguagem pictórica bastante pessoalizada, Roty demarcou-se pela evidência de um perfil humano afável, que aliado à sua competência acima da média, propiciou-lhe reconhecimento local e internacional. Oficializado com regularidade através de ordenações / nomeações oficiais e vitórias meritórias, consumadas até à data da sua morte (ocorrida em 1911, na cidade que o vira nascer, Paris), em múltiplas competições e exposições artísticas – vd. CHANTEREAU, P.M. – *Louis - Oscar Roty (1846 – 1911). Un graveur dans la République. Numismatique et Change*. (s/l): setembro de 2011, (s/p).

¹⁹ “(...) Nota biográfica do escultor João da Silva (1880 - 1960) - João da Silva nasceu em Lisboa a 1 de Dezembro de 1880. Depois de frequentar a Escola Industrial Príncipe Real, na qual se matriculou em 1893, viajou até Paris

onde estudou na Escola Superior de Belas-Artes. Nesta Escola obteve os primeiros prémios nas disciplinas de Medalhística, Escultura, Arte Aplicada e Desenho; e, em apenas dois anos, concluiu o curso de Medalhística com o escultor e medalhista Jules Chaplain (1839 - 1909). Como prova de exame apresentou uma plaqueta em bronze - “Les funérailles d’ Atala” -, executada nas oficinas da Casa da Moeda de Paris. Terminada a formação artística, trabalhou como cinzelador na Casa Fleuret. Em 1900 apresentou duas peças na Exposição Universal de Paris. No final do ano seguinte, mudou-se para Genebra. Nesta cidade, frequentou o curso de Ourives-Gravador na Escola Superior de Belas-Artes. Para obtenção do diploma compôs um prato cinzelado em prata - “A toilette de Diana” -, hoje pertencente ao Museu de Belas-Artes de Genebra. De volta a Portugal, desenvolveu as atividades de escultor, ourives e medalhista e, entre 1911 e 1914, lecionou Arte Aplicada, Ourivesaria e Desenho na Escola Marquês de Pombal. Participou e foi premiado em inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro (...) Da sua vasta obra escultórica podem destacar-se o Busto da República, esculpido para a Assembleia Constituinte e inaugurado no Parlamento em 1911 (mais tarde desaparecido), diversos monumentos aos mortos da Primeira Grande Guerra (Évora – 1933 e Valença do Minho - 1951, a título de exemplo) e o monumento em memória das crianças mortas na Guerra de 1914 - 1918, produzido no ano seguinte ao do seu termo e destinado ao município francês de Pouliguen (...) Como medalhista, João da Silva realizou obras memoráveis, tais como a primeira moeda de ouro da República, em 1916, e a medalha comemorativa do 1.º centenário do nascimento de Silva Porto, em 1950, por encomenda do Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte de Portugal. João da Silva foi eleito vogal da Academia Nacional de Belas-Artes em 1933 e distinguido com o Prémio “Soares dos Reis” do Secretariado Nacional de Informação (SNI), em 1949, o qual declinou. Em 1952, doou à Sociedade Nacional de Belas-Artes a sua casa-atelier (hoje Casa-Museu Mestre João da Silva) construída em 1938 por Ligier / Peige, seguindo orientações suas. Morreu em 1960 e foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa (...)” - cf. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%C3%ADcio%20do%20largo%20do%20professor%20abel%20salazar%20-%20nota%20biogr%C3%A1fica%20do%20escultor%20jo%C3%A3o%20da%20silva - 27/01/2017, 17 h 53 m.

²⁰ *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas* - destaques de autoria: Louis-Oscar Roty (1846 - 1911) - Medalhística / Medalha retangular da “Societe d’encouragement a L’ Art et a L’ Industrie”; João da Silva (1880 - 1960) - Medalhística / Medalhas circulares - *Falerística: Conjunto honorífico da “Medalha interaliada da Vitória – 1.ª Guerra Mundial (1914 – 1918) – Medalha da Vitória portuguesa” & Luciano Inácio Martins dos Santos (1933) - Medalhística / Medalha circular “Comemorativa dos 50 anos da “Amorim & Irmãos, Lda.” (1922 - 1972)”*.



O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?!

Medalhística contemporânea como forma
de tributo a diferentes vultos da *Cultura ar-
tística portuguesa*

***António Teixeira Carneiro Júnior (1872 -
1930)*** - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em
duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento
(1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea
do Museu*

***Medalhística Comemorativa do Primeiro centenário de Nasci-
mento (1872 - 1972) de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 -
1930) - Forma & Iconografia***

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Medalhística Comemorativa do Primeiro centenário de Nascimento (1872 - 1972) de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - Forma & Iconografia (Por José C. Amorim)

“(…) Comemorou-se em 1972 o centenário do nascimento de António Carneiro, pintor falecido em 1930 e esquecido depois, na geral indiferença que envolve a história da arte portuguesa dos finais do século XIX. A esses finais pertenceu o pintor, de maneira muito específica, e ao termo deles morreu - como Columbano e Malhoa, muito mais novo, embora, do que eles (...) «Pintor de História» original entre nós; retratista muito menos (...) também ilustrador, em termos que, nos momentos mais felizes, estão ligados ao seu próprio idealismo histórico - António Carneiro foi ainda um paisagista (...)”

José-Augusto França¹

“ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES” - Medalha circular da autoria de “*M. Nogueira*” (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela *Câmara Municipal do Porto* em 1972

Integrada no *Ciclo de Comemorações do “Primeiro Centenário do Nascimento (1872 - 1972), de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)”*, esta Medalha circular, que evoca este artista na sua componente de *Pintor*, foi cunhada no ano de 1972 em Bronze / Liga metálica bronzeadada; e modelada através de Alto e Baixo-relevo pelo Escultor e Medalhista matosinhense - natural de *Santa Cruz do Bispo* - *Manuel da Silva Nogueira*² (autoria comprovada pela sua assinatura corrente, “*M. NOGUEIRA*”, patente no anverso desta Medalha, abaixo do “busto perfilado” do retratado).

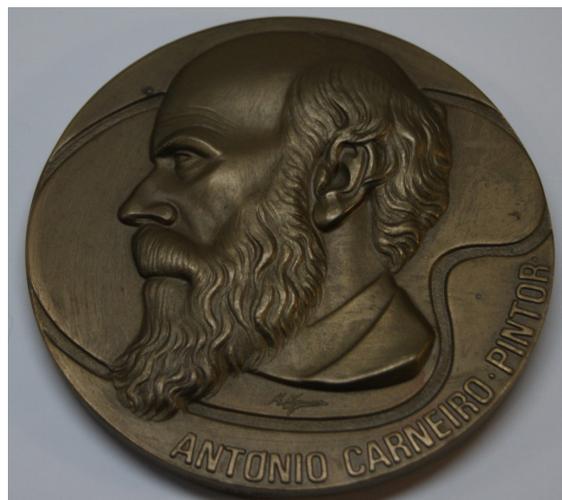
Figs. 22 & 23 “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES”

Medalha circular da autoria de “*M. Nogueira*” (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela *Câmara Municipal do Porto* em 1972.

Anverso - “*Perfil de António Carneiro em ca. 1914, acompanhado pelo motivo literário “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR”* (possivelmente concebido / inspirado a partir de um registo fotográfico do artista, datado de 1914). E pela assinatura corrente do seu autor “*M. NOGUEIRA*”, abaixo do “busto perfilado”.

Reverso - “*Motivo vegetalista / floral*” - espécie de “*coroa / conjunto de flores*” ao centro - “*circundado*” no registo superior pela inscrição textual “*I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO / 1872-1972*”; e, pela inscrição literária sotoposta “*CICLO DE COMEMORAÇÕES / CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO*”.

Original de *Manuel da Silva Nogueira* – Ass. “*M. NOGUEIRA*”. Bronze / Liga metálica bronzeadada. Diâmetro: 7,7 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.



Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Com uma inscrição literária sotoposta no reverso desta Medalha, abaixo do seu motivo plástico central, que enquadra como mecenas principal deste elemento artístico a *Câmara Municipal do Porto*³; tendo em conta uma abordagem de inventário, datada de 1980, que identifica o número 271 de uma série de Medalhas patente na *Coleção de Medalhas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, a par do *Município Portuense*, *Matosinhos* e a sua *Câmara Municipal*, devidamente associados a este “Centenário”, foram também promotores e mecenas de um “cunho” de “*Medalhística honorífica de António Carneiro*”, com autoria de *Manuel da Silva Nogueira*:

“(…) “*Pintor António Carneiro: 1.º Centenário do Nascimento 1872 - 1972, Câmara Municipal de Matosinhos / M. Nogueira - (Matosinhos: Câmara Municipal, 1972?) (Lisboa: Gravo). - 1 medalha: bronze; 7, 7 cm (diam.). N.º de tiragem: 271*” (...)”⁴

Pressupõe-se que este possível “interesse mecénático” e associação de *Matosinhos*, a par do *Porto*, neste ato comemorativo, mas, em particular, na concretização de Medalhas evocativas desta efeméride e personalidade artística, poderá advir de dois aspetos distintos. Um deles, ligado à naturalidade matosinhense de *Manuel da Silva Nogueira*, medalhista virtuoso escolhido pelo seu *Município* e pelo *Município portuense* para as modelar. E o segundo, historicamente mais relevante e bastante significativo, relacionado com a ligação pessoal e artística que *António Carneiro*, *amarantino*, mas “*filho adotivo do Porto*” (cidade de vivência na maior parte da sua biografia e onde viria a falecer em 1930), nutria pelo ambiente e paisagens balneares da vizinhança *Matosinhense* - essencialmente de *Leça da Palmeira*. Onde, durante algumas temporadas estivais - documentadas sobretudo entre 1906 e 1915⁵ -, A. C. frequentou e permaneceu juntamente com a sua família, numa residência de veraneio situada nesta estância, aperfeiçoando inclusive a sua “visão” paisagista (diurna e nocturna). Aqui desenvolve o seu paisagismo reflexivo, tributa ao trabalho exaustivo, ao mar e aos rochedos nas suas *marinhas*; e convive com intelectuais e amigos.

António Carneiro, talvez inspirado por algumas leituras e contactos pessoais, encontrou em *Matosinhos* e nas praias de *Leça da Palmeira* uma “familiaridade” peculiar.



Fig. 24 “*Praia do Norte*” (*Leça da Palmeira em 1901 (?)*) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Cartão, 1901, Viseu, Museu Grão Vasco - Ext. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=208820> - 27/01/2017, 18 h 00 m.



Fig. 25 “*Leça da Palmeira em 1905*” - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1905, Lisboa, Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão - Ext. <http://www.cam.gulbenkian.pt/index.php?headline=94&visual=2&langId=1&pesquisar=1&ngs=1&autor=Ant%C3%B3nio%20Carneiro> - 27/01/2017, 18 h 01 m.



Fig. 26 “*Marinha*” (*Leça da Palmeira (?) - 1911*) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1911, Amarante, Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso (Cortesia Imagética).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Tal facto e ligação com *Matosinhos* ficou perpetuada na sua "Galeria artística"; o que justifica que desde aí e até aos dias de hoje, o *Município de Matosinhos* - a par do *Porto* e *Amarante* - encare este vulto e parte da sua obra como "matosinhense". Não perdendo nenhuma oportunidade ou "marco cronológico" para a exaltar como um dos expoentes da integração de *Matosinhos* no "roteiro" da *História da Arte e Cultura Contemporânea portuguesa*.

Dividida em duas faces moldadas, "Anverso" e "Reverso" (frente e verso), na Medalha circular do MSML de 7, 7 cm de diâmetro e linguagem plástica maioritariamente "Realista-naturalista", proliferam elementos iconográficos alusivos à identidade do retratado e do seu ofício maior de *Pintor*. Deste modo, sob a face principal, no seu anverso, este exemplar de Medalhística conserva um volume que se destaca sobre uma "paleta de pintor" que o delimita, reproduzindo pormenorizadamente um elemento de retratística alusiva a *António Teixeira Carneiro Júnior*.

Hipoteticamente inspirado e/ou baseado na observação de uma fotografia do artista, datada de 1914, *Manuel da Silva Nogueira* definiu com critério e rigor técnico um "busto perfilado", uma efígie com os caracteres identitários e cariz quase "monacal" deste ícone da *Cultura artística portuguesa*. Ou seja, perpetuou no metal, os traços e formas da face esquerda de um *Homem*, à época calvo, de barba longa e ondulada, rosto fechado e olhar absorto, penetrante, místico, analítico e reflexivo. Reprodutivo, quiçá, do tipo de "olhar *sui generis*" que caracterizava o exercício pleno do ato criativo deste artista, votado ao *símbolo*, à *metafísica*, à *poética* e à *reflexão* sobre tudo aquilo que o rodeava. Do ponto de vista humano, natural, material e imaterial, e que posteriormente registava nas suas obras.

Ainda no seu anverso, conservam-se duas inscrições literárias. Uma delas, semicircular, alusiva ao propósito evocativo desta Medalha, identificando o retratado: "ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR". E a outra, linear e centrada abaixo da efígie de A. C., que confirma textual e inequivocamente a autoria desta obra de arte, compondo a assinatura corrente, com a caligrafia identitária do Escultor e Medalhista *Manuel da Silva Nogueira*: "M. NOGUEIRA".

Iconograficamente o reverso deste elemento de Medalhística circular evidencia a modelação centralizada de um

Fig. 27 "António Carneiro, pint. Portuguez, iniciando o seu primeiro desenho no Rio: retrato de Nogueira da Silva, no atelier S. Bevilacqua. Rio, 1914 - julho" - Coleção da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Registo fotográfico cujo suposto conhecimento e/ou visualização poderá ter suportado / inspirado a modelação do "Busto perfilado" de António Carneiro no anverso da Medalha circular de 1972, evocativa do "1.º Centenário do Nascimento do Pintor (1872 - 1972)", da autoria de Manuel da Silva Nogueira.

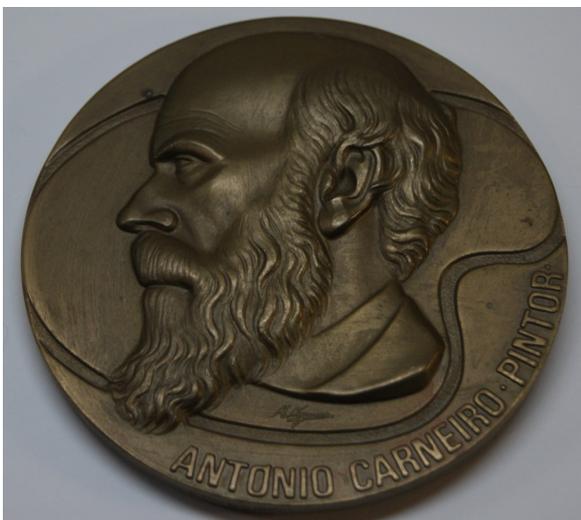
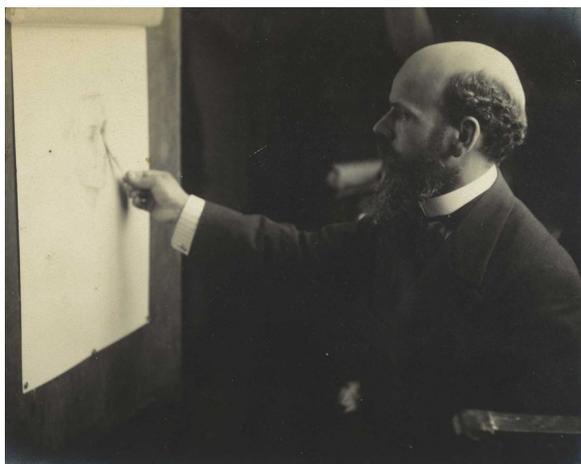


Fig. 28 "ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES"

Medalha circular da autoria de "M. Nogueira" (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela Câmara Municipal do Porto em 1972.

Anverso - "Perfil de António Carneiro em ca. 1914, acompanhado pelo motivo literário "ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR" (possivelmente concebido / inspirado a partir de um registo fotográfico do artista, datado de 1914 - acima reproduzido). E pela assinatura corrente do seu autor "M. NOGUEIRA", abaixo do "busto perfilado".

Original de *Manuel da Silva Nogueira* - Ass. "M. NOGUEIRA". Bronze / Liga metálica bronzeada. Diâmetro: 7,7 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na "Área de Reservas" do MSML.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

signo vegetalista / floral, rodeado / circundado / enquadrado por dois elementos textuais, identificativos, cada um deles, da efeméride assinalada e do seu respetivo mecenas principal. Subsidiário não só do programa festivo, mas sobretudo da encomenda, produção e difusão desta “*Medalha de Autor*”.

Assim sendo, complementando a informação estética e textual do anverso deste registo, no seu reverso, através de uma inscrição sobreposta ao “ícone” vegetalista / floral, pode ler-se: “*1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO. 1872 - 1972*” (de *António Carneiro*) - o propósito originário deste tributo e objeto de arte. E, num elemento sotoposto, abaixo do motivo vegetalista / floral gravado, modelado e cinzelado, estão patenteadas as seguintes referências: “*CICLO DE COMEMORAÇÕES. CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO*”. Ou seja, perpetua-se o “patrocinador primordial” deste programa festivo e laudatório do *Pintor* e da sua biografia: a máxima entidade autárquica, administrativa e legislativa de uma Cidade que adotou - em 1879, na “madrasta” *Misericórdia do Porto* - o *amarantino António Carneiro*, aquando da sua parcial e precoce orfandade (aos sete anos de idade). A quem propiciou todos os meios e apoios para a sua formação académica e artística nacional e internacional; onde este vulto da *Cultura portuguesa* casou, teve os seus três filhos, manteve residência permanente, trabalhou de forma quase ininterrupta até falecer, encontrou a sua “morada perpétua” no *Cemitério de Agramonte*. Mas, acima de tudo, fomentou algumas das relações pessoais mais privilegiadas e importantes - capazes de “alimentar” o seu intelecto superior e admirar a sua “galeria artística” diferenciada.

Foi ainda a esta cidade e aos *portuenses* que “legou” um número bastante significativo de elementos da sua vasta e valiosa obra artística (de *Pintura, Desenho e Poesia*) - espalhados por diferentes coleções públicas e privadas - e uma “*Casa-atelier*”, a atual “*Casa-Oficina António Carneiro*”, situada na *Rua António Carneiro* (anterior “*Rua Barros Lima*”), da corrente *Freguesia do Bonfim da Cidade do Porto*.

Um edifício no qual *António Carneiro* viveu uma parte substancial dos últimos cinco anos da sua biografia (1925 - 1930), de traço arquitetónico bastante peculiar - decorrente de uma planta de *Sá e Melo*, com colaboração de um decorador, *Álvaro Miranda* - concluído em 1925 e próximo,

Fig. 29 “*ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES*”

Medalha circular da autoria de “*M. Nogueira*” (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela *Câmara Municipal do Porto* em 1972.

Reverso - “*Motivo vegetalista / floral*” - espécie de “*coroa / conjunto de flores*” ao centro - “*circundado*” no registo superior pela inscrição textual “*1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO / 1872 - 1972*”; e, pela inscrição literária sotoposta “*CICLO DE COMEMORAÇÕES / CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO*”.

Original de *Manuel da Silva Nogueira* – Ass. “*M. NOGUEIRA*”. Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,7 cm. *Museu de Santa Maria de Lamas*: Medalha atualmente arquivada na “*Área de Reservas*” do MSML.



Fig. 30 “*Rosa com Crisântemos*” (*Rosa Carneiro*, esposa do artista, retratada na pose de um “molho / ramo” de flores - exemplo da presença de um motivo “floral”, junto ao rosto e aos pés da retratada, na própria obra pictórica de *António Carneiro*) - Original de *António Carneiro* (1872 – 1930), *Pintura a Óleo sobre Tela*, 1900. Col. Particular – Ext. SOARES, Luís - *Ecce Homo - António Carneiro. Comemorações do 80.º Aniversário da morte do Artista (Catálogo)*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Museu da Quinta de Santiago, 2010, p. 32.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?

em parte, da tipologia estilística da “*Casa Portuguesa*”⁶. Financiado por *Domingos Rufino* - dono de “capital brasileiro” e associado a esta obra devido à intercessão de um amigo comum entre ambos, *Oliveira Cabral* (poeta com quem *António Carneiro* trabalhou numa das suas derradeiras obras, as duas versões da pintura “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*”), movido por certos lamentos que A. C. lhe confidenciara⁷ - este espaço conserva, arquiva e expõe um património material e imaterial de verdadeiras “memórias” descritivas do perfil biográfico, artístico e familiar, não só de *António Carneiro*, mas inclusive da sua esposa *Rosa*, da “malograda” filha *Maria Josefina*, e dos dois “rapazes”, também eles personalidades marcantes do panorama cultural portuense e português. *Cláudio Carneiro* como *músico, interprete e compositor*; e *Carlos Carneiro*, como *pintor, desenhista e ilustrador* de referência, à semelhança de seu pai.

Do ponto de vista estético - voltando à referência iconográfica vegetalista / floral patente no reverso desta “*Medalha de autor*” tributária do primeiro centenário do nascimento de *António Carneiro* - a estrutura deste “símbolo” assemelha-se / formula uma hipotética coroa / ramo / aglomerado circular de flores (possivelmente *crisântemos*), assente sobre uma base de folhas onduladas. Tal elemento floral / vegetalista, a par de reproduzir, poderá representar uma alusão a um tipo pictórico que o próprio artista explorou no *desenho*, em alguns elementos da sua obra como *ilustrador* e na própria *pintura* - vejamos, como exemplos, o Retrato “*Rosa com Crisântemos*” (vd. pág. 28, Fig. 30), onde, em 1900, A. C. retratou, a Óleo sobre Tela, a sua esposa *Rosa*, vestida de negro, na posse de um molho / ramo / conjunto de *crisântemos* de cores e formatos diferentes, que eleva para a proximidade do seu rosto com a mão esquerda; ou alguns dos signos gráficos florais e vegetalistas que o artista incluiu como ilustrações diretas na primeira edição de 1916 do sexto número, intitulado “*Do meu quinta*”, da coletânea “*A minha terra*”, da autoria de *António Corrêa d’Oliveira* (1879 - 1960) (vd. Figs. 31 a 35).



Fig. 34 “As Saudades” - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), publicado como extratexto da 1.ª edição, em 1916, de “Do meu quinta”, volume da coletânea poética “A minha terra” - Ext. OLIVEIRA, António Correia de - A minha terra. VI Do meu quinta. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

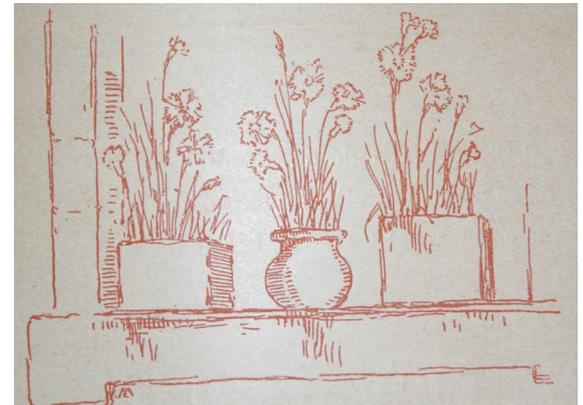


Fig. 31 “Maria” - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), publicado como extratexto da 1.ª edição, em 1916, de “Do meu quinta”, volume da coletânea poética “A minha terra” - Ext. OLIVEIRA, António Correia de - A minha terra. VI Do meu quinta. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

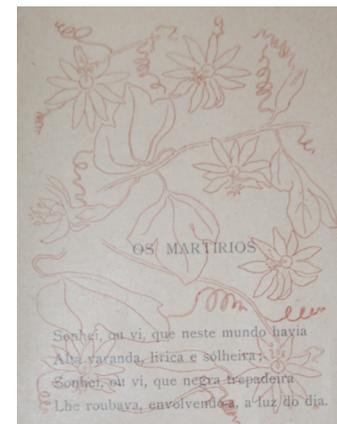


Fig. 32 “Os Martirios” - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), publicado como extratexto da 1.ª edição, em 1916, de “Do meu quinta”, volume da coletânea poética “A minha terra” - Ext. OLIVEIRA, António Correia de - A minha terra. VI Do meu quinta. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

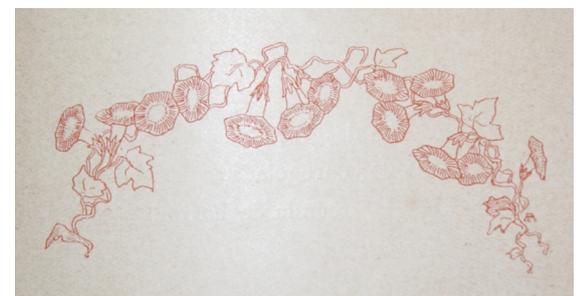


Fig. 33 “As Bôas-noites” - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), publicado como extratexto da 1.ª edição, em 1916, de “Do meu quinta”, volume da coletânea poética “A minha terra” - Ext. OLIVEIRA, António Correia de - A minha terra. VI Do meu quinta. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

Fig. 35 “Perfumes” - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), publicado como extratexto da 1.ª edição, em 1916, de “Do meu quinta”, volume da coletânea poética “A minha terra” - Ext. OLIVEIRA, António Correia de - A minha terra. VI Do meu quinta. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES” - Medalha circular da autoria de “M. Nogueira” (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela *Câmara Municipal do Porto* em 1972 (Forma & Iconografia - Anverso)



Motivo literário modelado: “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR”.

“M. NOGUEIRA”, assinatura comprovativa de autoria desta Medalha circular, tributada a *Manuel da Silva Nogueira*.



Fig. 36 “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES”

Medalha circular da autoria de “M. Nogueira” (*Manuel da Silva Nogueira*), promovida e encomendada pela *Câmara Municipal do Porto* em 1972.

Anverso – “*Perfil de António Carneiro em ca. 1914, acompanhado pelo motivo literário “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR”* (possivelmente concebido / inspirado a partir de um registo fotográfico do artista, datado de 1914 - acima reproduzido). E pela assinatura corrente do seu autor “M. NOGUEIRA”, abaixo do “busto perfilado”.

Original de *Manuel da Silva Nogueira* – Ass. “M. NOGUEIRA”. Bronze / Liga metálica bronzeada. Diâmetro: 7,7 cm. *Museu de Santa Maria de Lamas*: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

Sob a face principal, no seu anverso, este exemplar de Medalhística conserva um volume que se destaca sobre uma “paleta de pintor” que o delimita, reproduzindo pormenorizadamente um elemento de retratística alusiva a *António Teixeira Carneiro Júnior* (vd. Fig. 36).

Hipoteticamente inspirado e/ou baseado na observação de uma fotografia do artista, datada de 1914 (vd. Fig. 37), *Manuel da Silva Nogueira* definiu com critério e rigor técnico um “busto perfilado”, uma efigie com os caracteres identitários e cariz quase “monacal” deste vulto da *Cultura artística portuguesa*. Ou seja, perpetuou no metal, os traços e formas da face esquerda de um *Homem*, à época calvo, de barba longa e ondulada, rosto fechado e olhar absorto, penetrante, místico, analítico e reflexivo. Reprodutivo, quiçá, do tipo de “olhar *sui generis*” que caracterizava o exercício pleno do ato criativo deste artista, votado ao *símbolo*, à *metafísica*, à *poética* e à *reflexão* sobre tudo aquilo que o rodeava. Do ponto de vista humano, natural, material e imaterial, e que posteriormente registava nas suas obras.

Ainda no seu anverso, conservam-se duas inscrições literárias. Uma delas, semicircular, alusiva ao propósito evocativo desta Medalha, identificando o retratado: “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR”. E a outra, linear e centrada abaixo da efigie de A. C., que confirma textual e inequivocamente a autoria desta obra de arte, compondo a assinatura corrente, com a caligrafia identitária do Escultor e Medalhista *Manuel da Silva Nogueira*: “M. NOGUEIRA”.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES” - Medalha circular da autoria de “M. Nogueira” (Manuel da Silva Nogueira), promovida e encomendada pela Câmara Municipal do Porto em 1972 (Forma & Iconografia - Reverso)



Inscrição textual sobreposta ao motivo central: “I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO / 1872 - 1972”.

Inscrição literária sotoposta ao motivo central: “CICLO DE COMEMORAÇÕES / CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO”.

Fig. 38 “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES”

Medalha circular da autoria de “M. Nogueira” (Manuel da Silva Nogueira), promovida e encomendada pela Câmara Municipal do Porto em 1972.

Reverso - “Motivo vegetalista / floral” - espécie de “coroa / conjunto de flores” ao centro - “circundado” no registo superior pela inscrição textual “I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO / 1872 - 1972”; e, pela inscrição literária sotoposta “CICLO DE COMEMORAÇÕES / CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO”.

Original de Manuel da Silva Nogueira – Ass. “M. NOGUEIRA”. Bronze / Liga metálica bronzeada. Diâmetro: 7,7 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

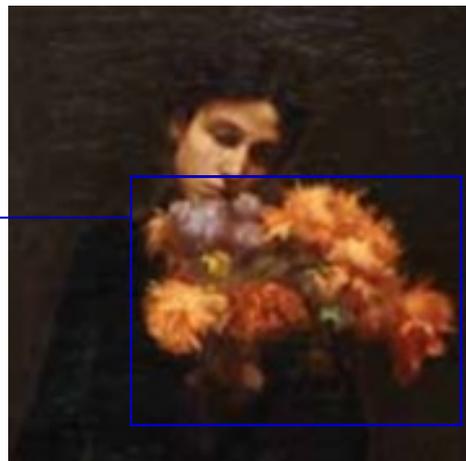


Fig. 39 (Pormenor) “*Rosa com Crisântemos*” (Rosa Carneiro, esposa do artista, retratada na posse de um “molho / ramo” de flores - exemplo da presença de um motivo “floral”, junto ao rosto e aos pés da retratada, na própria obra pictórica de António Carneiro) - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1900. Col. Particular – Ext. SOARES, Luís - *Ecce Homo - António Carneiro. Comemorações do 80.º Aniversário da morte do Artista (Catálogo)*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Museu da Quinta de Santiago, 2010, p. 32.

Iconograficamente o reverso deste elemento de Medalhística circular evidencia a modelação centralizada de um signo vegetalista / floral, rodeado / circundado / enquadrado por dois elementos textuais, identificativos, cada um deles, da efeméride assinalada e do seu respetivo mecenas principal. Subsidiário não só do programa festivo, mas sobretudo da encomenda, produção e difusão desta “*Medalha de Autor*”.

Assim sendo, complementando a informação estética e textual do averso deste registo, no seu reverso, através de uma inscrição sobreposta ao “ícone” vegetalista / floral, pode ler-se: “I.º CENTENÁRIO DE NASCIMENTO. 1872 - 1972” (de António Carneiro) - o propósito originário deste tributo e objeto de arte. E, num elemento sotoposto, abaixo do motivo vegetalista / floral gravado, modelado e cinzelado, estão patenteadas as seguintes referências: “CICLO DE COMEMORAÇÕES. CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO”. Ou seja, perpetua-se o “patrocinador” primordial deste programa festivo e laudatório do *Pintor* e da sua biografia. Do ponto de vista estético, a estrutura do “símbolo central” assemelha-se / formula uma hipotética coroa / ramo / aglomerado circular de flores (possivelmente *crisântemos*), assente sobre uma base de folhas onduladas. Tal elemento floral / vegetalista, a par de reproduzir, poderá representar uma alusão a um tipo pictórico que o próprio artista explorou no *desenho*, em alguns elementos da sua obra como *ilustrador* e na própria *pintura* - vejamos, como exemplos, o Retrato “*Rosa com Crisântemos*” (vd. *Acima*, Fig. 39), ou alguns dos signos gráficos florais e vegetalista que o artista incluiu como ilustrações diretas na primeira edição de 1916 do sexto número, intitulado “*Do meu quintal*”, da coletânea “*A minha terra*”, da autoria de António Corrêa d’Oliveira (vd. pág. 29, Figs. 31 a 35).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Medalhística Comemorativa do Primeiro centenário de Nascimento (1872 - 1972) de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - Forma & Iconografia (Por José C. Amorim)

“(…) «...natureza de poeta e de místico, ousarei agora acrescentar. Para o que me firmo até no que terei de chamar a sua técnica. Pois uma técnica aparentemente quase anulada, ou cujo maior triunfo é conseguir o máximo reduzindo-se ao mínimo, serve ainda a aura poética envolvente desses retratos. E o inacabado - real ou aparente - de vários dos seus óleos nos testemunha ainda essa tendência que nos desenhos mais livre e firmemente se expande. Para um artista plástico de tal natureza, dir-se-ia que, em última análise, não vale a forma senão como revelação, meio de transmissão do espírito» (...)”

José Régio (1901 - 1969), em 1955, acerca de António Carneiro⁸

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972

Concretizada no decurso do Ciclo de Comemorações do “Primeiro Centenário do Nascimento (1872 - 1972), de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930)”, esta Medalha circular do MSML, que evoca este artista e a respetiva obra na sua componente de *Pintor*, foi cunhada e gravada no ano de 1972 em Bronze / Liga metálica bronzeadada; e modelada em Alto e Baixo-relevo por um possível labor conjunto, operado pelos Medalhistas e Gravadores “Ulisses” e “A. Canedo” (autorias comprovadas pela assinatura patente no anverso: “ULISSES.72”; e no reverso: “A. CANEDO.GR”).

Tendo em conta a ausência de referências bibliográficas

Figs. 40 & 41 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972.

Anverso – “Reprodução / interpretação” posterior, em Alto e Baixo-relevo, de alguns dos Autorretratos de António Carneiro, pintados a Óleo sobre Tela ou desenhados a Carvão sobre Papel entre 1918 e 1923, acompanhada pelo registo literário “ANTÓNIO CARNEIRO.1872-1972”. E pela assinatura corrente do seu autor e respetiva datação, “ULISSES.72”, abaixo do “busto modelado a três quartos”.



Reverso - “Reprodução / interpretação” simbólica, em Alto e Baixo-relevo de parte da narrativa central da segunda versão, de 1929, da última obra simbolista de António Carneiro, intitulada “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”. “Circundada”, em grande parte da sua extensão, pela inscrição textual “CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO”. E, abaixo da figura central, demarcada pela referencia autoral ao seu gravador, “A. CANEDO.GR”.



Original de “Ulisses” – Ass. no anverso “ULISSES.72”. Gravada por “A. Canedo” - Ass. no reverso “A. CANEDO.GR”. Bronze / Liga metálica bronzeadada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

acerca das especificidades deste elemento de “Medalhística de autor” e da própria componente biográfica e laboral dos seus autores, esta análise incidirá essencialmente na componente pictórica, iconográfica e material do “Anverso” e “Reverso” (frente e verso) consumados.

Nesse sentido, sublinhando a vertente estética desta Medalha circular de 7, 9 cm de diâmetro, salienta-se no anverso definido em Alto e Baixo-relevo a identidade do artista evocado. Ou seja, na sua grande maioria, esta face caracteriza-se pela presença de uma “reprodução / interpretação” escultórica e póstuma, maioritariamente através de linguagem / aproximação “Realista” e de apuro técnico, de alguns *Autorretratos* de António Carneiro concretizados a Óleo sobre Tela ou Carvão sobre Papel, entre 1918 e 1923. Acompanhando o rosto definido a três quartos, releva-se a inscrição literária que assinala o artista e o centenário tributado, “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972”. Junto à orelha constituída, em sentido diagonal, paralela ao pescoço e visível em escala diminuta, salienta-se a inscrição / assinatura de uma das autorias deste cunho e a sua respetiva referência cronológica: “ULISSES.72”.

Através deste autorretrato de António Carneiro, interpretado e reproduzido na sua essência basilar pelo Escultor e Medalhista “Ulisses”, realça-se, tributa-se e evoca-se no anverso desta medalha laudatória do centenário do nascimento de A. C., uma das tipologias de autorretratística mais característica e difundida em diferentes momentos do percurso biográfico e artístico deste vulto. Tendo como base análises, investigações e estudos de Laura Castro (1963) - neste caso publicados em 2004, específicos e direcionados para os *Autorretratos* de 1918, a Carvão e Óleo (estudos e obra final), (mas passíveis, à *posteriori*, de aplicação analítica aos próprios elementos de 1923), apontados como fontes iconográficas para a interpretação e modelagem patente nesta “Medalha de autor” - este formato assinala uma postura comum em muitos dos *Autorretratos* de António Carneiro.

Com a cabeça, adornada por *barrete / boina*, posicionada e voltada para o observador, como o próprio olhar penetrante comprova, e em simultâneo para si mesmo, com as suas longas barbas e a três quartos à esquerda, enfatizando o “caráter enigmático e fugidio” que define o perfil e a vida deste *Homem*⁹. Avesso, como o próprio afirma muitas vezes e transparece para a própria autorrepresentação

Fig. 42 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972.

Anverso – “Reprodução / interpretação” posterior, em Alto e Baixo-relevo, de alguns dos *Autorretratos* de António Carneiro, pintados a Óleo sobre Tela ou desenhados a Carvão sobre Papel entre 1918 e 1923, acompanhado pelo registo literário “ANTÓNIO CARNEIRO.1872-1972”. E pela assinatura corrente do seu autor e respetiva datação, “ULISSES.72”, abaixo do “busto modelado a três quartos”.

Original de “Ulisses” – Ass. no anverso “ULISSES.72”. Gravada por “A. Canedo” - Ass. no reverso “A. CANEDO.GR”. Bronze / Liga metálica bronzeadada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.



Fig. 43 António Carneiro em 1918 - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1918 – Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/29550933181/in/photostream/> - 07/02/2017, 17 h 08 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

, à exposição mediática¹⁰ - mas ao mesmo tempo refém da mesma para conseguir, através da sua arte, o sustento para o núcleo familiar.

Como a própria *Laura Castro* afirma - enfatizando inclusive aquilo que o próprio *José-Augusto França* (1922) afirmara no ano de 1973, em parte da abordagem que formulou acerca dos *Autorretratos de Carneiro*¹¹ - ao analisar a auto-retratística de 1918 que hipoteticamente serviu de base para esta Medalha do MSML, nesta tipologia:

*“(...) o auto-retrato hesita entre a exposição - inevitável e obviamente cobijada - e a impossibilidade desta. Detém-se na perspectiva de nos mostrar um homem e de nos ocultar a sua presença (...) Esta hesitação humaniza a personagem, torna-nos mais próximos dela, num misto de respeito e de estima, eventualmente de auto-identificação (...)”*¹²

Também *Teresa Bandeira Duarte* (num momento historiográfico mais recente, votado, em 2012, para o estudo da autorrepresentação na arte), encontra nesta tipologia de auto-retratística de *António Carneiro* uma “marca identitária” da sua “galeria”, profundidade e entendimento que o artista professava e fazia questão de inculcar nos seus retratos - de “almas, espírito e identidades”¹³ e não apenas de aspetos físicos e morfologias:

“(...) António Carneiro utiliza um modelo que apresenta a cabeça em plano aproximado, emergindo da escuridão ou do vazio. Uma forma arquetípica de auto-retrato, que fala de isolamento, questionamento e de uma intensa procura da alma. Este modelo insere-se numa matriz romântica, de necessária procura dos valores essenciais à introspecção e ao desejo individualista de autoconhecimento (...) O posicionamento típico da figura de António Carneiro nos seus autorretratos é a três quartos sobre a esquerda, ocupando o eixo vertical da composição (...) Há uma espécie de aura que emana da figura do retratado (...) Este fenómeno da aparição / revelação é muito importante para o questionamento e construção da identidade do sujeito, e Carneiro evoca-o de igual modo ao nível da sua obra literária, em especial nos sonetos de Solilóquios. O retrato físico de António Carneiro confunde-se então com o seu retrato espiritual (...) Carneiro expunha estas peças mas nunca as disponibilizava



Fig. 44 António Carneiro em 1918 (Pomenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1918. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis – Ext. [https://www.infopedia.pt/\\$antonio-carneiro](https://www.infopedia.pt/$antonio-carneiro) - 08/02/2017, 11 h 45 m.

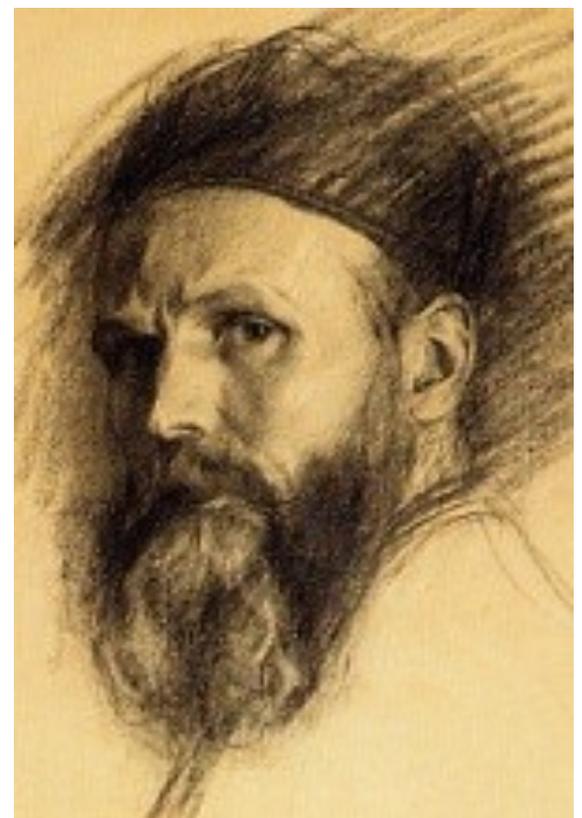


Fig. 45 António Carneiro em 1918 (Pomenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1918. Porto, Casa-Oficina António Carneiro – Ext. CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004, p. 58.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

para venda, facto que relembra a função do auto-retrato como meio de exercício plástico e de experimentação (...) Expondo-se a uma grande proximidade de observação, o pintor acaba por se fechar interiormente, não permitindo a exposição integral do rosto e não admitindo que o conheçamos na totalidade. O auto-retrato a óleo de 1918, existente no Museu Nacional Soares dos Reis, testemunha este recolhimento, a forma como o modelo se afasta do observador, não obstante a persistência em termos de composição base seja mantida (...) Contrariamente ao que exemplifica a história do auto-retrato, António Carneiro não se faz representar acompanhado dos adereços emblemáticos da actividade de pintor (...) A condição de artista (...) adivinhada pela boina negra com que costumava cobrir a cabeça no ateliê (...) o pintor prefere a sugestão à evidência, confirmando o carácter subjectivo das suas representações (...)”¹⁴

É através deste desejo de autoconhecimento, sugestão e expressão intrínseca que o artista expôs um arquétipo da sua imagem, transcendente, capaz de perpetuar a sua identidade e inspirar / servir de base para este registo de medalhística que pretende marcar o Ciclo de Comemorações do *Centenário do nascimento de António Carneiro*. Um cânone ou processo de “auto-composição e retratística” que definiu um “tipo” e “efígie” capaz de subsidiar muitas das descrições que grande parte dos contemporâneos e até alguns extemporâneos (citados inclusive por José-Augusto França na sua publicação de 1973¹⁵), formularam acerca do aspeto, ascese, carácter e labor de *António Carneiro*:

“(...) «...disse que Carneiro é um místico (...) Ah! Quem lhe dera...viver humilde e ignorado num lar sozinho, para a arte, para os seus, sem o pesadelo da crítica (...) plasticizando a emoção no que ela tem de mais fluido e ondeante e sentido da sua dôr misticamente florir em obras primas...» (...)” - António Patrício (1901)

“(...) «A sua figura de psalmista bíblico, barbaçudo e asceta, de olhar vago e sonhador, é a de uma figura incompatibilizada com a turba...» (...)” - Albino Forjaz de Sampaio (1911)

“(...) Na rua, a hesitação do seu andar, a timidez das



Fig. 46 António Carneiro em 1923 (Pormenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1923. Porto, Casa-Oficina António Carneiro – Ext. <http://wikimapia.org/7187141/pt/Casa-Oficina-Ant%C3%B3nio-Carneiro#/photo/262196> - 08/02/2017, 15 h 16 m.

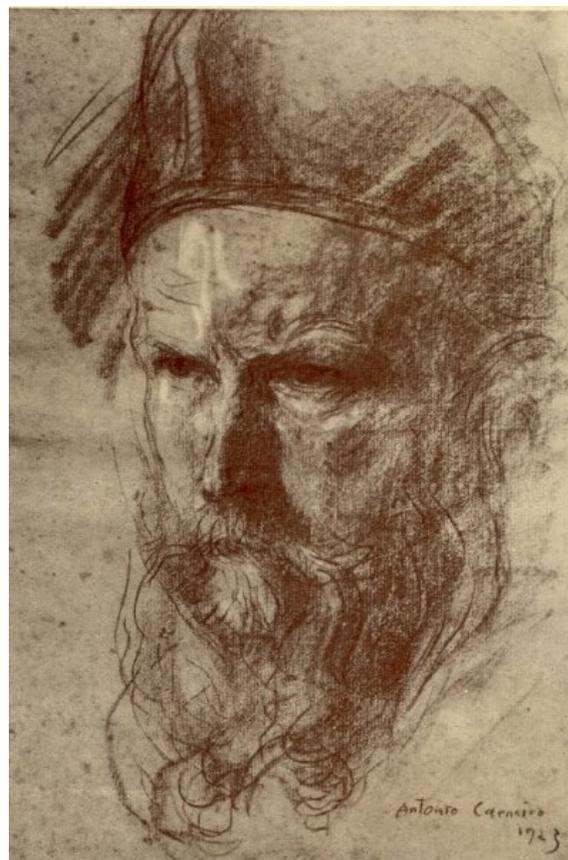


Fig. 47 António Carneiro em 1923 - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1923. Coleção Particular de Katherine H. Carneiro – Ext. CANDIAGO, Anna – António Carneiro *Illustratore di Dante (Estratto da «Studi Italiani em Portugal» n.º 23-1964)*. Lisboa: S.P.I., 1964, (s/p) - capa.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

suas atitudes e o desassocego a um tempo curioso e amedrontado dos seus olhos, dão-lhe o ar de um monge scismador, que, após longos anos de clausura, voltasse à barafunda do século, para elle incompreensível e hostilmente ruidosa (...) - Eugénio de Castro (1922)

“(...) «...o mestre António Carneiro, de longas barbas de apóstolo, ampla calva de monge, encadernado, melífluo e dulcero, em vero pope tolstoiano, uma alma de asceta, um espírito de iluminado (...) que, pela vida fora, tem vindo a viver um calmo sonho de artista, sem crus pesadelos de ambição...» (...) - Braz Burity (1927)

“(...) «De estatura mediana, barbas levemente grisalhas, tendo encalvecido muito novo, a sua figura...a de um monge (...) é, na realidade um cenobita, que brandamente nos falasse de Arte, tocado dum vago êxtase...» (...) - Júlio Brandão (1929)

Cessada a abordagem à face principal deste registo de “*Medalhística de autor*” do MSML e ao respetivo enfoque que o seu programa formal presta à autorrepresentação de António Carneiro, ao nível da sua face posterior, no seu reverso, este elemento evidencia-se por assinalar, de forma sugestiva, em parte “*minimalista*”, através de uma composição “*simbólica*” de Alto e Baixo-relevo, reduzida e não excessivamente gráfica ou “*Realista-naturalista*”, da segunda versão do “*epílogo simbolista*”, laboral e até pessoal do percurso de A. C.: a segunda versão, de 1929, da Pintura a Óleo sobre Tela intitulada “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*”.

Assim sendo, numa estrutura compositiva circular (delimitada / circundada, na sua grande maioria, pela referência literária alusiva à efeméride que esta medalha perpetua - “*CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO*”), e enquadradas num espaço claustal, as nove figuras modeladas com iconografia aproximada aos “*frades de São Domingos*” ladeiam o elemento central alusivo a “*Luís Vaz de Camões*” que, ao centro e de pé, denota uma gestualidade que corresponderá à devida recitação do poema épico de “*Os Lusíadas*”. Abaixo dessa mesma figura que define o eixo vertical, e em simultâneo de simetria da narrativa concretizada, assinala-se, apesar da escala diminuta (à direita do observador, junto ao pé esquerdo



Fig. 48 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “*Ulisses*”, gravada por “*A. Canedo*”, promovida e encomendada em 1972. **Reverso** - “*Reprodução / interpretação*” simbólica, em Alto e Baixo-relevo de parte da narrativa central da segunda versão, de 1929, da última obra simbolista de António Carneiro, intitulada “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*”. “*Circundada*”, em grande parte da sua extensão, pela inscrição textual “*CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO*”. E, abaixo da figura central, demarcada pela referencia autoral ao seu gravador, “*A. CANEDO.GR*”. Original de “*Ulisses*” - Ass. no anverso “*ULISSES.72*”. Gravada por “*A. Canedo*” - Ass. no reverso “*A. CANEDO.GR*”. Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “*Área de Reservas*” do MSML.



Fig. 49 Segunda versão, de 1929, de “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1929. São Paulo, Pinacoteca de São Paulo (Tela de 264 cm x 188 cm, adquirida diretamente ao artista no último dia da sua exposição de 1929 (realizada no Brasil, em São Paulo, no Prédio Glória), pelo valor, à época, de “240 contos” e pela portuguesa capitalista, radicada no Brasil, Francisca Sampaio Monteiro da Silva - colecionadora que posteriormente doou esta obra ao “*Museu Paulista*”, uma entidade que, entre 1947/48, transferiu esta pintura para a Pinacoteca de São Paulo, atual complexo tutelar da obra) - Ext. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Ant%C3%B3nio_Carneiro_-_Cam%C3%B5es_lendo_Os_Lus%C3%ADadas.jpg - 09/02/2017, 21 h 58 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

do relevo alusivo a “Camões”), a assinatura do possível Medalhista e Gravador “A. Canedo” - “A. CANEDO.GR” - comprovativa da autoria desta gravação, transposição para o metal e interpretação datada de 1972, que evoca e exalta parte da temática central e ação primordial da Tela de 1929, de António Carneiro.

Em termos históricos, a “temática camoniana” perpetuada também nesta medalha do MSML, desenvolveu-se no pensamento simbólico e biografia de António Carneiro numa fase avançada e conturbada da sua vida, iniciada em 1925 e abalada posteriormente com a morte de sua filha Maria Josefina verificada em janeiro de 1926. Mas, para além deste “episódio choque”, marca inclusive um momento em que após décadas de carência e vicissitudes, o artista começou finalmente a usufruir, na sua plenitude, das potencialidades de um “Atelier pessoal”; a sua “Casa-atelier” propícia à execução de obras e programas de grande formato (como foram as duas versões de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”) - passíveis e originários de múltiplos esboços e estudos preliminares, até mesmo em “escala real” - onde viveria os últimos cinco anos da sua vida e atividade artística (de 1925 a 1930). A já referida e atual “Casa-Oficina António Carneiro”, situada na Rua António Carneiro (anterior “Rua Barros Lima”), da corrente *Freguesia do Bonfim da Cidade do Porto*.

Deste modo, a abordagem iconográfica ao tema “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”, alcançou a “galeria pictórica e reflexiva” de A. C. através de uma colaboração gráfica, iniciada em 1925, num álbum de espírito laudatório da *História Nacional* com música de Estefânia Cabreira (1891 – 1977), poesia de Oliveira Cabral (um dos amigos e principal intercessor para a obtenção do financiamento e posterior edificação da “Casa-atelier” do Pintor), e ilustrações criadas por pintores e escultores contemporâneos. Sobre o título e tema global “Virtudes e Heroísmos Lusíadas”, na sequência desta publicação realizou-se em 1927 uma mostra no *Ateneu Comercial do Porto*, com as obras difundidas (Óleos, Aguarelas e Escultura de Bronze), adquiridas na totalidade por Domingos Rufino¹⁶ (homem de “capital brasileiro”, colecionador e amigo de Oliveira Cabral, que inclusive por intercessão do poeta foi o principal financiador da já referenciada “Casa-atelier” de António Carneiro)¹⁷.



Fig. 50 Primeira versão (estudo de composição), de 1926 / 1927, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1926 / 1927. Porto, Casa-Oficina António Carneiro - Ext. <http://portojofotos.blogspot.pt/2013/09/a-casa-oficina-de-antonio-carneiro.html> - 09/02/2017, 22 h 10 m.



Fig. 51 Segunda versão, de 1929, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1929. São Paulo, Pinacoteca de São Paulo. Registo fotográfico de cronologia não identificada, da autoria de Teófilo Rego (1914 - 1993), “a preto e branco” e reprodutivo da Tela de António Carneiro em solo brasileiro, quiçá enquadável em 1929, numa das exposições públicas onde a pintura esteve integrada (no Rio de Janeiro, na Galeria Jorge, e na passagem fugaz pelo Gabinete Português de Leitura, ou em São Paulo no Prédio Glória), até à aquisição por parte de Francisca Sampaio Monteiro da Silva. A par do ano de 1929, esta fotografia poderá datar de 1947/48, ou após esta cronologia, em virtude da transferência desta obra do “Museu Paulista” para a Pinacoteca de São Paulo - Ext. <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/330494/fullscreen> - 09/02/2017, 22 h 12 m.



Fig. 52 Estudo de “frade Dominicano” para a segunda versão de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1928 - Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/29004851323/in/photostream/> - 09/02/2017, 22 h 32 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Ilustrando o poema final "*Hino da Raça*" - onde junta figuras históricas nacionais desde a fundação à contemporaneidade (de Afonso Henriques a Gago Coutinho e Sacadura Cabral) - foi na evocação da "epopeia lusa" que A. C. encontrou um tema síntese para o último período da sua vida. Em "*Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos*"¹⁸, partiu do desígnio da ilustração para duas versões alargadas a Óleo sobre Tela, estudadas previamente em dezenas de desenhos pormenorizados e estudos de composição.

Numa primeira versão realizada / devidamente finalizada entre 1926 - 1927 ("*Camões*" sentado, recita o poema a 11 "*frades Dominicanos*" - exposta no *Porto*, no acervo museológico da *Casa-Oficina António Carneiro*), e outra de 1929 (inspiradora do reverso da "*Medalha de autor*" do *MSML*, onde "*Camões*" de pé, em escala superior e ampliada, declama a sua lírica perante a plateia de 22 "*Dominicanos*" - vendida no *Brasil*, em *São Paulo*, no mesmo ano), o episódio é subjetivado pela seleta intimista dos filhos e conhecidos, a quem António Carneiro recorre como modelos e intérpretes de "*Camões*" e dos ouvintes "*Dominicanos*".

Invocada também como "*pintura de História*" - quiçá evocativa, em parte, do ponto de partida da componente académica e formativa do próprio artista -, a ação desenrolada em ambiente de recolhimento claustral - próximo do *Claustro da "Sé Velha"* que conheceu em estadias coimbrãs (destino e cidade de *Coimbra* visitados pelo próprio desde 1908 / 1909¹⁹) - denota uma ambiência que ultrapassa o relato historicista e que, pela via dos seus agentes, constituiu uma verdadeira retrospectiva pessoal. Um epílogo de retratística simbólica da microesfera sociocultural de intelectuais, amigos, convivas, artistas e mecenas que A. C. recebeu na sua "*Casa-atelier*" da cidade do *Porto*.

Especificamente na versão de 1929 (com excerto interpretado e relevado na "*Medalha de autor*" do *MSML*, em análise neste estudo), "*Camões*" - cujo modelo foi o pintor *Ventura Júnior* - e o conjunto dos 22 "*Dominicanos*" figurados evocam e identificam os já citados modelos de uma "micro-sociedade portuense" ligada a António Carneiro. Ou seja, a par dos dois filhos *Cláudio* e *Carlos Carneiro*, "interpretam" o grupo dos "*frades Dominicanos*" da segunda versão de "*Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de*



Fig. 53 Estudo de "frade Dominicano" para a segunda versão de "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1928 - Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/28936627593/in/photostream/> - 09/02/2017, 22 h 35 m.



Fig. 54 Estudo de "frade Dominicano" para a segunda versão de "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1928 - Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/29429977782/in/photostream/> - 09/02/2017, 22 h 39 m.



Fig. 55 "Estudo da figura de "Camões", de pé - esboço preparatório (tendo como modelo, registado por A. C., o pintor Ventura Júnior), para a segunda versão, finalizada em 1929, de "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, ca. 1928. Reproduzido nos n.ºs 1 e 2 de 1928, da IV série da revista

A Águia - Ext. *A Águia*. IV Série, n.ºs 1 e 2, Porto: janeiro-abril de 1928, (s/p).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“*São Domingos*” alguns dos amigos, intelectuais, convivas e mesmo mecenas que frequentaram a “*Casa-atelier*” do artista desde 1925, citando-se:

António Queiroz; Guilherme Faria; Joaquim Freitas Gonçalves; Ramiro Mourão; Nuno Archer; António Moura Seixas; Joaquim Teixeira Bastos; Couceiro da Costa; Carlos Dubbini; Couto Soares; Vasco Nogueira de Oliveira; Alberto Cerqueira; António de Azevedo; Visconde de Vila Moura; Domingos Rufino; Gonçalo Sampaio; Miguel Braga; Carlos Ramos; Oliveira Cabral; Loureiro (?) e Armando Cruz.

Precisamente no mês de junho de 1929, após conclusão desta segunda versão da “*Lírica Camoniana*” concretizada pictoricamente por *António Carneiro* – um dos poucos / raros quadros em que denota interesse acentuado de venda - perante a inexistência / desinteresse de capital nacional na aquisição desta *Tela*, acompanhado pela sua eterna companheira, a esposa *Rosa Atília Queiroz Carneiro, A. C.* embarca no paquete *General Osório* com destino ao *Brasil* (regressando a “*terras de Vera Cruz*” quinze anos após a primeira viagem que realizara, em 1914). Na proximidade de completar 57 anos de idade, *António Carneiro* é, nesta fase, um homem “cansado e envelhecido”, vitimado pelos cardos sentimentais e económicos da sua vida, tentando atingir no *Brasil* a estabilidade que a Pátria lhe negava, distraída do valor da sua arte espontânea.

Na chegada ao *Rio de Janeiro*, hospedou-se no *Hotel Suisso* e contemplou um ambiente agora sumptuoso e excessivo, bem distinto daquele que perpetuou nas suas *Aquarelas* de 1914 – 1915. Protagonizando uma estadia profusamente solicitada pela imprensa local, cujas entrevistas reforçaram a clarividente cultura artística que possuía e o sentido pioneiro antinaturalista da sua maturidade, inaugurou a 19 de agosto um núcleo expositivo na *Galeria Jorge*. Com objetivo primordial direcionado para o comércio, sobretudo a venda da segunda versão de “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*”, não obteve na clientela do *Rio* a procura idealizada e desejada. Com esse facto, recebeu aconselhamento para permutar de cidade em solo brasileiro.

Ainda assim, saída da exposição que se iniciara a 19 de agosto na *Galeria Jorge*, a segunda versão de “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*” chegou



Fig. 56 “*Estudo da figura de “Camões”, de pé - esboço preparatório (tendo como modelo, registado por A. C., o pintor Ventura Júnior - assinalado por retângulo azul), para a segunda versão, finalizada em 1929, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”* - Original de *António Carneiro* (1872 – 1930), Desenho a Carvão / Água-tinta sobre Papel, ca. 1928 - 1929. Reproduzido como programa gráfico de capa no Volume I, de 1929, da *Revista Internacional: O Soneto Neo - Latino*, acompanhado por citação de um soneto da autoria de *Camões*: “*Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto, e dando a penna à mão, esta, só parte das minhas tristes penas escreveu*” - Ext. *Revista Internacional. O Soneto Neo - Latino*. n.º 1, Vila Nova de Famalicão: 1929, (s/p) - capa.



Fig. 57 *Vista do Claustro da Sé Velha de Coimbra em 1926 (Espaço claustral coimbrão frequentado, registado e interpretado por António Carneiro na sua obra pictórica e que o próprio pintor utilizou como fonte e “local” / “pano de fundo” para a narrativa das duas versões, finalizadas em 1926 / 1927 e 1929, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”*) - Original de *António Carneiro* (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Madeira, 1926. *Viseu, Museu Grão Vasco* – Ext. <http://comjeiteoarte.blogspot.pt/2013/07/o-patrimonioda-cidade-de-coimbra-no.html> – 10/02/2017, 00 h 08 m.

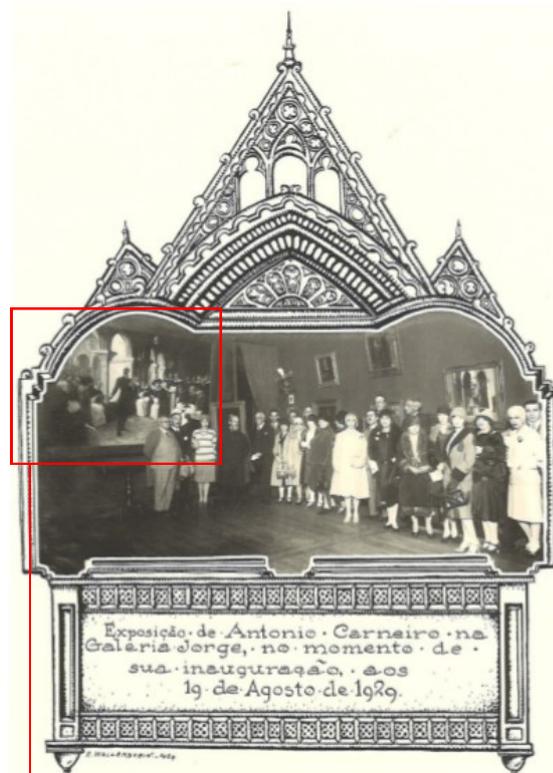
Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

a figurar numa parede do *Gabinete Português de Leitura*, sendo inclusive um destino apontado para a sua permanência definitiva na *capital federal do Brasil*, mas cujo negócio foi suspenso pelos valores que envolvia²⁰.

Deste modo, é já em *São Paulo*, seguindo os conselhos de permuta de espaço citadino, abalado pelo malogro da crise brasileira e sequente nomeação, indesejada, que recebera de *Portugal* para o cargo de *Diretor da Academia Portuense de Belas Artes*, que consegue por fim atingir, no final de uma exposição curta (que principia a 4 de novembro no *Prédio Glória* e, sem saber, perto da sua morte, ocorrida no dia 31 de março de 1930, três meses apenas após ter regressado à sua "pátria-mãe", ao *Porto* e à sua "Casa-atelier"), o pressuposto desta viagem. Consumou então, no fecho da mostra, com *Francisca Sampaio Monteiro da Silva* - "capitalista" de origem portuguesa, que posteriormente doou o quadro ao "*Museu Paulista*" com posterior integração, entre 1947/48 na *Pinacoteca do Estado de São Paulo* - o negócio, que o próprio classificou como um "milagre", que lhe permitiria um desafogo existencial que nunca obtivera desde a infância:

"(...) no dia em que ia encerrar a exposição, quando já tinha perdido a esperança de o vender, entrou uma jovem (...) olhou o quadro atentamente, observando-o de diferentes ângulos, e perguntou o preço (...) 240 contos, e isto impedira outros admiradores de o adquirirem. A menina não discutiu (...) tirou da malinha de mão o livro de cheques, escreveu a importância, assinou, entregou-o (...)"²¹



Figs. 58 & 59 "Exposição de António Carneiro na Galeria Jorge, no momento de sua inauguração, aos 19 de Agosto de 1929" - Registo fotográfico assinado por "E. Wallenstein", datado de 19 de agosto de 1929, emoldurado graficamente, evocativo e alusivo à presença de António Carneiro (assinalado por "seta amarela"), na inauguração de uma das duas exposições individuais que promoveu em solo brasileiro aquando da sua viagem de 1929, neste caso no *Rio de Janeiro*, na *Galeria Jorge*. E ainda, da exibição pública, em primeira mão e antecedendo a posterior venda, também em território brasileiro mas na cidade de *São Paulo*, da segunda versão, de 1929, da *Tela "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos"* (assinalada por retângulo vermelho) - Ext. CASTRO, Laura - *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004, p. 19.



Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular da autoria de “*Ulisses*”, gravada por “*A. Canedo*”, promovida e encomendada em 1972 (Forma & Iconografia - Anverso)



Motivo literário modelado: “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR.1872-1972”.

“ULISSES.72”, assinatura e inscrição cronológica comprovativas de parte da autoria do anverso desta Medalha circular, tributada a “*Ulisses*” e do ano de “1972” como momento de cunhagem e produção.

Fig. 60 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “*Ulisses*”, gravada por “*A. Canedo*”, promovida e encomendada em 1972.

Anverso – “*Reprodução / interpretação*” posterior, em Alto e Baixo-relevo, de alguns dos *Autorretratos* de António Carneiro, pintados a Óleo sobre Tela ou desenhados a Carvão sobre Papel entre 1918 e 1923, acompanhado pelo registo literário “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972”. E pela assinatura corrente do seu autor e respetiva datação, “ULISSES.72”, abaixo do “busto modelado a três quartos”.

Original de “*Ulisses*” – Ass. no anverso “ULISSES.72”. Gravada por “*A. Canedo*” - Ass. no reverso “*A. CANEDO.GR*”. Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,9 cm. *Museu de Santa Maria de Lamas*: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

Salienta-se, no anverso definido em Alto e Baixo-relevo a identidade do artista evocado. Ou seja, na sua grande maioria, esta face caracteriza-se pela presença de uma “reprodução / interpretação / inspiração” escultórica e póstuma, maioritariamente através de linguagem / aproximação “*Realista*” e de apuro técnico, de alguns *Autorretratos* de António Carneiro concretizados a Óleo sobre Tela ou Carvão sobre Papel, entre 1918 e 1923. Acompanhando o rosto definido a três quartos, releva-se a inscrição literária que assinala o artista e o centenário tributado, “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972”. Junto à orelha constituída, em sentido diagonal, paralela ao pescoço e visível em escala diminuta, salienta-se a inscrição / assinatura de uma das autorias deste cunho e a sua respetiva referência cronológica: “ULISSES.72”.

Através deste autorretrato de António Carneiro, interpretado e reproduzido na sua essência basilar pelo Escultor e Medalhista “*Ulisses*”, realça-se, tributada e invoca-se no anverso desta medalha laudatória uma das tipologias de auto-retratística mais característica e difundida em diferentes momentos do percurso biográfico e artístico deste vulto. Tendo como base análises, investigações e estudos de *Laura Castro*

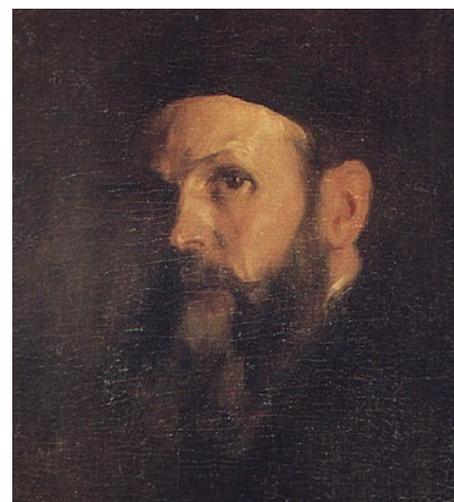


Fig. 61 António Carneiro em 1918 (Pormenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1918. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis – Ext. [https://www.infopedia.pt/\\$antonio-carneiro](https://www.infopedia.pt/$antonio-carneiro) - 08/02/2017, 11 h 45 m.



Fig. 62 António Carneiro em 1923 - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1923. Porto, Casa-Oficina António Carneiro – Ext. <http://wikimapia.org/7187141/pt/Casa-Oficina-Ant%C3%B3nio-Carneiro#/photo/262196> - 08/02/2017, 15 h 16 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972 (Forma & Iconografia - Anverso)

(1963) - neste caso publicados em 2004, específicos e direcionados para os *Autorretratos* de 1918, a Carvão e Óleo (estudos e obra final), (mas passíveis, à *posteriori*, de aplicação analítica aos próprios elementos de 1923), apontados como fontes iconográficas para a interpretação e modelagem patente nesta “*Medalha de autor*” - este formato assinala uma postura comum em muitos dos autorretratos de António Carneiro. Com a cabeça, adornada por *barrete / boina*, posicionada e voltada para o observador, como o próprio olhar penetrante comprova, e em simultâneo para si mesmo, com as suas longas barbas e a três quartos à esquerda, enfatizando o “caráter enigmático e fugidio” que define o perfil e a vida deste *Homem*.



Fig. 63 António Carneiro em 1918 (Pormenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1918 – Ext. <https://www.flickr.com/photos/bibllarte/29550933181/in/photostream/> - 07/02/2017, 17 h 08 m.

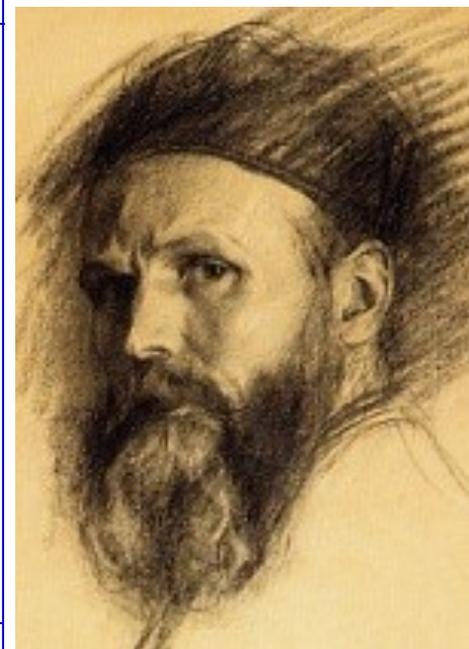


Fig. 65 António Carneiro em 1918 (Pormenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1918. Porto, Casa-Oficina António Carneiro – Ext. CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004, p. 58.



Motivo literário modelado: “ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR.1872-1972”.

“ULISSES.72”, assinatura e inscrição cronológica comprovativas de parte da autoria do anverso desta Medalha circular, tributada a “Ulisses” e do ano de “1972” como momento de cunhagem e produção.

Fig. 64 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972.

Anverso – “Reprodução / interpretação” posterior, em Alto e Baixo-relevo, de alguns dos *Autorretratos* de António Carneiro, pintados a Óleo sobre Tela ou desenhados a Carvão sobre Papel entre 1918 e 1923, acompanhado pelo registo literário “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972”. E pela assinatura corrente do seu autor e respetiva datação, “ULISSES.72”, abaixo do “busto modelado a três quartos”.

Original de “Ulisses” – Ass. no anverso “ULISSES.72”. Gravada por “A. Canedo” - Ass. no reverso “A. CANEDO.GR”. Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.



Fig. 66 António Carneiro em 1923 - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1923. *Coleção Particular de Katherine H. Carneiro* – Ext. CANDIAGO, Anna – *António Carneiro Illustratore di Dante (Estratto da «Estudos Italianos em Portugal») n.º 23-1964*. Lisboa: S.P.I., 1964, (s/p) - capa.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972 (Forma & Iconografia - Reverso)



Motivo literário modelado:
“CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO”.

“A. CANEDO.GR”, assinatura comprovativa de parte da autoria do reverso desta Medalha circular, tributada a “A. Canedo”.

Fig. 67 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972.

Reverso - “Reprodução / interpretação” simbólica, em Alto e Baixo-relevo de parte da narrativa central da segunda versão, de 1929, da última obra simbolista de António Carneiro, intitulada “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”. “Circundada”, em grande parte da sua extensão, pela inscrição textual “CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO”. E, abaixo da figura central, demarcada pela referência autoral ao seu gravador, “A. CANEDO.GR”.

Original de “Ulisses” – Ass. no averso “ULISSES.72”. Gravada por “A.Canedo” - Ass. no reverso “A. CANEDO.GR”. Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.

Ao nível da sua face posterior, no seu reverso, este elemento evidencia-se por assinalar, de forma sugestiva, em parte “minimalista”, através de uma composição “simbólica” de Alto e Baixo-relevo, reduzida e não excessivamente gráfica ou “Realista-naturalista”, da segunda versão do “epílogo simbolista”, laboral e até pessoal do percurso de A. C.: a segunda versão, de 1929, da Pintura a Óleo sobre Tela intitulada “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”.

Assim sendo, numa estrutura compositiva circular (delimitada / circundada, na sua grande maioria, pela referência literária alusiva à efeméride que esta medalha perpetua - “CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO”), e enquadradas num espaço claustral, as nove figuras modeladas com iconografia aproximada aos “frades de São Domingos” ladeiam o elemento central alusivo a “Luís Vaz de Camões” que, ao centro e de pé, denota uma gestualidade que corresponderá à devida recitação do poema épico de “Os Lusíadas”. Abaixo dessa mesma figura que define o eixo vertical e, em simultâneo, de simetria da narrativa concretizada, assinala-se, apesar da escala diminuta (à direita do observador, junto ao pé esquerdo do relevo alusivo a “Camões”), a assinatura do possível Medalhista e Gravador “A. Canedo” - “A. CANEDO.GR” - comprovativa da autoria desta gravação, transposição para o metal e interpretação datada de 1972, que evoca e exalta parte da temática central e ação primordial da Tela de 1929, de António Carneiro.



Fig. 68 Segunda versão, de 1929, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1929. São Paulo, Pinacoteca de São Paulo (Tela de 264 cm x 188 cm, adquirida diretamente ao artista no último dia da sua exposição de 1929 (realizada no Brasil, em São Paulo, no Prédio Glória), pelo valor, à época, de “240 contos” e pela portuguesa capitalista, radicada no Brasil, Francisca Sampaio Monteiro da Silva - colecionadora que posteriormente doou esta obra ao “Museu Paulista”, uma entidade que, entre 1947/48, transferiu esta pintura para a Pinacoteca de São Paulo, atual complexo tutelar da obra) - Ext. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Ant%C3%B3nio_Carneiro_-_Cam%C3%B5es_lendo_Os_Lus%C3%A0das.jpg - 09/02/2017, 21 h 58 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972 (Forma & Iconografia - Reverso)



Fig. 69 “ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canedo”, promovida e encomendada em 1972.

Reverso - “Reprodução / interpretação” simbólica, em Alto e Baixo-relevo de parte da narrativa central da segunda versão, de 1929, da última obra simbolista de António Carneiro, intitulada “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos”. “Circundada”, em grande parte da sua extensão, pela inscrição textual “CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO”. E, abaixo da figura central, demarcada pela referência autoral ao seu gravador, “A. CANEDO.GR”.

Original de “Ulisses” – Ass. no anverso “ULISSES.72”. Gravada por “A. Canedo” - Ass. no reverso “A. CANEDO.GR”. Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na “Área de Reservas” do MSML.



Fig. 70 “Estudo da figura de “Camões”, de pé - esboço preparatório (tendo como modelo, registado por A. C., o pintor Ventura Júnior), para a segunda versão, finalizada em 1929, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, ca. 1928. Reproduzido nos n.ºs 1 e 2 de 1928, da IV série da revista *A Águia* – Ext. *A Águia*. IV Série, n.ºs 1 e 2, Porto: janeiro-abril de 1928, (s/p).



Fig. 71 “Estudo da figura de “Camões”, de pé - esboço preparatório (tendo como modelo, registado por A. C., o pintor Ventura Júnior - assinalado por retângulo azul), para a segunda versão, finalizada em 1929, de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão / Água-tinta sobre Papel, ca. 1928 - 1929. Reproduzido como programa gráfico de capa no Volume I, de 1929, da *Revista Internacional: O Soneto Neo - Latino*, n.º 1, Vila Nova de Famalicão: 1929, (s/p) - capa.

Neo - Latino, acompanhado por citação de um soneto da autoria de Camões: “Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto, e dando a penna à mão, esta, só parte das minhas tristes penas escreveu” - Ext. *Revista Internacional. O Soneto Neo - Latino*. n.º 1, Vila Nova de Famalicão: 1929, (s/p) - capa.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

"ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO" - Medalha circular da autoria de "Ulisses", gravada por "A. Canedo", promovida e encomendada em 1972 (Forma & Iconografia - Reverso)



Fig. 72 "ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO" - Medalha circular promovida e encomendada em 1972

Medalha circular da autoria de "Ulisses", gravada por "A. Canedo", promovida e encomendada em 1972.

Reverso - "Reprodução / interpretação" simbólica, em Alto e Baixo-relevo de parte da narrativa central da segunda versão, de 1929, da última obra simbolista de António Carneiro, intitulada "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos". "Circundada", em grande parte da sua extensão, pela inscrição textual "CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO". E, abaixo da figura central, demarcada pela referencia autoral ao seu gravador, "A. CANEDO.GR".

Original de "Ulisses" - Ass. no anverso "ULISSES.72". Gravada por "A. Canedo" - Ass. no reverso "A. CANEDO.GR". Bronze / Liga metálica bronzada. Diâmetro: 7,9 cm. Museu de Santa Maria de Lamas: Medalha atualmente arquivada na "Área de Reservas" do MSML.



Fig. 73 Vista do Claustro da Sé Velha de Coimbra em 1926 (Espaço claustral coimbrão frequentado, registado e interpretado por António Carneiro na sua obra pictórica e que o próprio pintor utilizou como fonte e "local" / "pano de fundo" para a narrativa das duas versões, finalizadas em 1926 / 1927 e 1929, de "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos") - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Madeira, 1926. Viseu, Museu Grão Vasco - Ext. <http://comjeitoearte.blogspot.pt/2013/07/o-patrimonio-da-cidade-de-coimbra-no.html> - 10/02/2017, 00 h 08 m.



Fig. 74 "Segunda versão, de 1929, de "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1929. São Paulo, Pinacoteca de São Paulo - Ext. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Ant%C3%B3nio_Carneiro_-_Cam%C3%B5es_lendo_Os_Lus%C3%ADadas.jpg - 09/02/2017, 21 h 58 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Medalhística Comemorativa do Primeiro centenário de Nascimento (1872 - 1972) de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - Forma & Iconografia

Notas & Citações

¹ Cf. FRANÇA, José-Augusto – *António Carneiro (1872 - 1930)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, pp. 9 e 10.

² "(...) Manuel da Silva Nogueira nasceu em Santa Cruz do Bispo – Matosinhos, e aos dez / onze anos entrou como aprendiz na oficina de Mestre Guilherme Thedim. Esta oficina pertencia a um escultor que fazia peças religiosas ou de arte sacra, de onde saíram imagens como as de Nossa Senhora de Fátima, que se encontram no Santuário de Fátima e na Igreja Paroquial de Leça da Palmeira, bem como de outros santos para várias igrejas do país e do estrangeiro. São imagens diferentes facilmente identificáveis pela expressão do olhar e pela delicadeza das linhas do rosto. Uma das primeiras peças feitas por Manuel Nogueira foram as asas da imagem de S. Miguel Arcanjo, uma simbólica escultura religiosa que está na Igreja Paroquial de Leça da Palmeira, cujo corpo é da autoria de Guilherme Thedim. Este trabalho marca o início da carreira de Manuel Nogueira o qual, por indicação do seu Mestre, recebeu tal tarefa como característica iniciática, foi a aprendizagem do talhe directo das asas do anjo desta imagem e, como diz Cunha e Silva no belo catálogo da exposição: «(...) em todas as tradições, as asas nunca são recebidas, mas sim conquistadas com o preço de uma educação iniciática e purificadora. Todos os artistas, ou quase todos, ficam marcados pelas obras da sua juventude, pela ingenuidade e generosidade dos seus primeiros gestos. Estes são trabalhos límpidos, sem vícios, que poderão vir a constituir-se em símbolos, memoriais. Aqui se afirma a marca pessoal do artista, a escolha do caminho a percorrer, os conceitos a defender. Todavia o escultor ampliou as atracções originárias com estudos académicos e o afinco de quem busca uma superação em cada satisfação (...)». É assim que o seu percurso o leva à Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, onde frequenta o Curso de Escultura Decorativa; e onde, com 26 anos, dirigiu a disciplina de Tecnologia de Escultura. Foi aluno do Mestre Barata Foyo, no curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Itália, onde frequentou a Academia Di Belle Arti Pietro Vanucci, em Perugia; e equipara-

-do a bolseiro do Instituto de Alta-cultura, na especialidade de Técnicas de Escultura. Frequentou, no Instituto Di Betto a disciplina de Restauro. Tem o curso de escultura da Academia Di Belle Arti Pietro Vanucci. Do seu longo curriculum fazem parte intervenções em diversos colóquios internacionais sobre o tema "Cristo nas Artes Plásticas". A obra do escultor Manuel Nogueira está representada em vários museus de Itália, e em museus e igrejas, bem como em diversas colecções particulares. Participou em diversas exposições colectivas de Artes Plásticas em (...) países de diferentes continentes. Durante quinze anos fez restauro de escultura de todas as épocas, continuando até esta data as experiências sobre a consolidação e preservação das madeiras. Tem desenvolvido também as técnicas de esmaltagem (...) De realçar ainda a sua obra de Medalhística que atinge já mais de cento e vinte medalhas onde destacámos as séries "Capelas de Leça da Palmeira" e "Eça de Queirós", a dos "250 anos das Festas do Bom Jesus de Matosinhos", "1.º ano das Festas de Matosinhos como Cidade", "IV Centenário da Edição dos Lusíadas" e muitas outras. Privamos há pouco tempo com o escultor Manuel Nogueira mas já deu para reconhecermos a sua força interior, a sua visão do mundo e da arte, uma sensibilidade natural a que não será alheio o meio rural e natural de Santa Cruz do Bispo em que foi criado, daí como o próprio deixou registado no verso da medalha dedicada a António Cândido: «(...) o mundo está cheio de palavras, fala-se muito, medita-se pouco mas só a meditação é fecunda» (...)» - cf. SANTOS, Rocha dos - "A Sagração do Espaço". *A Voz de Leça*. Ano IV, n.º 1, Leça da Palmeira: março de 2008, (s/p).

³ "(...) Em 1972, a Câmara Municipal do Pôrto deliberou celebrar o primeiro centenário do nascimento do Pintor António Carneiro. Dever cívico para com aquele que da mais apagada modéstia subiu no Pôrto à grandeza de figura nacional. Foi constituída uma comissão executiva (...) Consistiram as celebrações centenárias nos seguintes actos, que tiveram todos lugar no Pôrto: - uma conferência na sala D. Jerónimo Osório, do Edifício da Biblioteca Municipal do Pôrto, em quatro trechos de leitura,

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

cujos intervalos foram preenchidos por música gravada contemporânea das várias fases da vida do artista; - uma sessão comemorativa, em 12 de Dezembro de 1972, na Casa-Oficina António Carneiro, com um concerto de obras do compositor Cláudio Carneyro pelo quarteto de cordas do Pôrto; - e uma exposição retrospectiva de obras de António Carneiro no Museu Nacional de Soares dos Reis, inaugurada pelas 19 horas de 28 de junho de 1973 e realizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o patrocínio da Câmara Municipal do Pôrto (...)” - cf. ALVES, João – António Carneiro e a pintura portuguesa. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1972, (s/p).

⁴ Cf. VAZ, Maria Laurinda dos Reis Antunes - *Catálogo da Coleção de Medalhas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1980, p. 50.

⁵ Cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 84, 85 e 87. Pressupondo-se visitas anteriores (por exemplo em 1902), inicia em 1906 a frequência regular em época estival de residência alugada em *Leça da Palmeira*. Com presença anual efetivada até 1915, desenvolve as suas diretrizes artísticas e exprime o seu espírito através de um paisagismo reflexivo de estados de alma, ímpar em contexto nacional. *Leça* constitui no início do século uma estância privilegiada de “refúgio” de diversos intelectuais, literatos e artistas, alguns do círculo íntimo de *Carneiro*.

“(…) *Vive temporariamente o pintor numa rua sossegada da pitoresca vila de Leça da Palmeira (...)*” – cf. *O Mundo Ilustrado*. 2º Ano, n.º 16, Porto: 20 de março de 1913, p. 241.

⁶ Gradualmente europeizada, com o avanço do século XIX, o debate construtivo desta área, a arquitetura, verificou no período e “crise” do “Fim de Século” uma primeira tentativa de nacionalização estilística. Ou seja, de criação de uma síntese formal com diversos elementos originais de cariz regional sob o termo “*Casa Portuguesa*”, intentada por *Ricardo Severo* (1869 - 1940), muito debatida e mais tarde criticamente pensada e ensaiada por *Raúl Lino* (1879 - 1974). Que inclusive foi o autor de um primeiro projeto arquitetónico para o atelier pessoal de *António Carneiro*, solicitado pelo próprio a *Raúl Lino* no início da terceira década do séc. XX. Posteriormente recusado pela *Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto* e antecessor do projeto final de *Sá e Melo* e *Álvaro Miranda*.

Acerca deste estilo arquitetónico “nacionalista” vide (veja), o seguinte excerto de um estudo de *José-Augusto França*, publicado em 1988: “(…) “*casa portuguesa*”, que constituiu ponto principal, senão “ponto de honra” de *lucubrações ideológicas, históricas, etnográficas e técnicas*

*, que encheram polemicamente os anos finais de Oitocentos e os inícios de Novecentos (...) Raul Lino (...) regressado em 1897 a Lisboa (...) apoiado por um grupo de amigos e admiradores que constituíam a “intelligentsia” nacionalista, quer no pensamento quer na criação artística (...) satisfiz-se, até depois de 1920, numa arquitetura privada muito estudada e pura que, sem imitação, se baseava numa tradição nacional (...) Entre os dois polos estéticos, de Raul Lino e de Ventura Terra, a arquitetura portuguesa deste período, alongado assim pelo século XX dentro, definiu-se num gosto “fin de siècle” em que o “Art Nouveau” penetrou (...)” – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Arte Portuguesa do século XIX*. Lisboa: Instituto Português do Património cultural, 1988, p. 60.*

⁷ Descritivos, por exemplo, de alguma frustração que *António Carneiro* nutria pelas carências de espaço apropriado para trabalhar na sua antiga residência e a sequente incapacidade financeira que possuía para debelar estas situações. Inibidora de qualquer intervenção ou construção.

“(…) *Face às confidências do pintor de 1922 ou 23, onde lamentava a falta de condições da sua residência para concretizar projetos de maior envergadura, como a ilustração de A Divina Comédia de Dante, que exigia trabalho de modelo nu. Oliveira Cabral abordou no café Excelsior Domingos Rufino, seu amigo e dono de capital brasileiro, que prontamente se ofereceu para financiar o atelier, sob condição de anonimato. Apesar da estranheza da notícia, acabou por aceitar a oferta, prometendo pagamento posterior logo que possível. Com o primeiro projeto de Raul Lino (possivelmente de 1920), recusado pela Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto, submeteu nova planta, agora de Sá e Melo, com colaboração de um decorador, Álvaro Miranda. Através de diligências que se prolongavam desde 1922, o deferimento foi conseguido em 1924, marcando o arranque imediato dos trabalhos, que ficaram concluídos oficialmente em fevereiro de 1925, ultrapassando o próprio orçamento previsto – cf. Museu. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, pp. 91-93; FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 98; e CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 26. (...)” - Ext. AMORIM, José Carlos de Castro - *António Carneiro (1872 - 1930). Pluralidade e desígnios do Ilustrador*. Vol. I. Porto: D.C.T.P. / F.L.U.P., 2012, p. 76.*

“(…) *Seguindo as palavras do próprio artista, é envolto numa aura de “nuvem densa e tristíssima” devido à doença agravada da filha, que em fevereiro de 1925 obtém o produto acabado do ambicionado atelier pessoal. Inaugurado com uma exposição de pinturas e desenhos, este*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da Cultura artística portuguesa

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

complexo, situado na rua Barros Lima (atual Rua António Carneiro) tornou-se uma realidade na sua vida através da intervenção de Oliveira Cabral (1890 – 1974) e do financiamento que conseguiu do capitalista e colecionador Domingos Rufino. Com o atelier construído, usufruiu no fim da vida da amplitude espacial e iluminação propícia ao efeito artístico que a sua obra, apesar dos condicionamentos precedentes, conseguira fazer adivinhar permanentemente (...)” - Ext. AMORIM, José Carlos de Castro - *Ob. cit.* (2012), p. 76.

⁸ Considerações de José Régio (1901 - 1969) acerca da arte e perfil criativo de António Carneiro, proferidas / registadas em 1955 e citadas por José-Augusto França em 1973 - vd. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 195 e 196.

⁹ “(...) O olhar de António Carneiro, ainda que levemente, deixa adivinhar o cansaço. O pintor tem 46 anos de idade (...) Assume, neste mesmo ano (1918), o papel de professor, com nomeação definitiva, na Academia de Belas-Artes do Porto. Recebe encomendas, nomeadamente da Universidade de Coimbra. A fase de afirmação, que estes factos atestam, não se resolve em auto-retratos de afrontamento, muito pelo contrário. A postura é comum a quase todos os auto-retratos do artista - cabeça voltada para o espectador - e para si próprio -, três quartos à esquerda. Do estudo ao quadro final, o rosto rodou, de modo a escapar o mais possível ao observador, para esconder-se e garantir o carácter fugidivo e enigmático que contém. O auto-retrato hesita entre a exposição - inevitável e obviamente cobijada - e a impossibilidade desta (...)” - cf. CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004, p. 58.

¹⁰ “(...) «Penso que há, apenas, Arte e Artistas. Há arte e artistas bons, ou maus. Guardemos as nossas saudações para aqueles que, no silêncio do seu «atelier» e no recolhimento da sua alma, sincera e humildemente, procuram exprimir, em formas ou em cor a admiração que a natureza, a augusta obra de Deus, lhes desperte...» (...)” - António Carneiro em entrevista ao «Diário Nacional», realizada em São Paulo no dia 22 de outubro de 1929, citado por José-Augusto França em 1973 (cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), p. 197.).

¹¹ “(...) Mas António Carneiro tinha outro modelo privilegiado que era ele próprio, e sobem a dezenas de auto-retratos que fez, a óleo, a carvão, à pena, a lápis, a sanguínea. A sua cabeça expressiva, de longas barbas e crânio cedo desguarnecido, os olhos pequenos e encovados sob a dura arcada ciliar, tinha um valor plástico imediato que o pintor explorava, numa autocontemplação que visava, profundamente, a um autoconhecimento senão a uma interrogação do mundo em que vivia ou tinha

de viver (...) no excelente retrato do Museu Sares dos Reis, em 1918, mergulha numa terna beatitude - que, aliás, o carvão preparatório não revela. Neste, como em quase todos os auto-retratos do pintor, o seu olhar tem uma agudeza perfurante que lhe pode endurecer as feições (...)” - cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 66 e 67.

¹² Cf. CASTRO, Laura - *Ob. cit.* (2004), p. 58.

¹³ Acerca do vasto legado retratista de António Carneiro, Júlio Brandão conclui em 1938: “(...) vastidão não simbolizou desleixo (...) o retrato só era expedido quando cumpria os seus requisitos e exigências pessoais profundas (...) o idealista era em simultâneo um astuto analista de almas (...)” - cf. BRANDÃO, Júlio – *Desfolhar de Crisântemos*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1938, pp. 297 e 298.

¹⁴ Cf. DUARTE, Teresa Bandeira – “O exercício do auto-retrato na obra plástica de António Carneiro (1872 - 1930)”. *Encontros Estúdio Um. Temas e Objetos do Desenho*. N.º 8. (s/l): março de 2014, pp. 7 a 10.

¹⁵ Cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), pp. 191, 192, 193 e 194.

¹⁶ Cf. *Museu*. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, p. 93.

¹⁷ Face às confidências de António Carneiro, de 1922 ou 23, onde lamentava a falta de condições da sua residência para concretizar projetos de maior envergadura, como a ilustração de *A Divina Comédia* de Dante, que exigia trabalho de modelo nu. Oliveira Cabral abordou no café *Excelsior Domingos Rufino*, seu amigo e dono de capital brasileiro, que prontamente se ofereceu para financiar o atelier, sob condição de anonimato. Apesar da estranheza da notícia, acabou por aceitar a oferta, prometendo pagamento posterior logo que possível. Com o primeiro projeto de Raul Lino (possivelmente de 1920), recusado pela Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto, submeteu nova planta, agora de Sá e Melo, com colaboração de um decorador, Álvaro Miranda. Através de diligências que se prolongavam desde 1922, o deferimento foi conseguido em 1924, marcando o arranque imediato dos trabalhos, que ficaram concluídos oficialmente em fevereiro de 1925, ultrapassando o próprio orçamento previsto - cf. *Museu*. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, pp. 91-93; FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 98; e CASTRO, Laura – *António Carneiro. O universo no olhar*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Edições Afrontamento, 1996, p. 26.

¹⁸ “(...) Luiz Vaz de Camões (...) Todo o mundo culto admira, / Camões, teu grande poema! / A tua sonora lira /

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas Medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?

Ganhou-te glória suprema. / Nome eterno e imortal / será sempre o teu, Camões. / Vive nêle Portugal / Como em nossos corações. (...) Nos Lusíadas, Camões, / Tem a gente portuguesa / O seu livro de orações, / livro de horas que ela reza. (...) - Excerto do poema musicado “Luiz Vaz de Camões”, ilustrado em 1925 pela primeira versão de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” da autoria de António Carneiro - cf. CABREIRA, Estefânia & CABRAL, Oliveira - *Virtudes e heroísmos lusíadas*. 1.ª Edição. Porto: Companhia Portuguesa, 1925, (s/p).

¹⁹ A ligação de A. C. a *Coimbra*, cidade do seu amigo *Eugénio de Castro* (1869 – 1944), inicia-se em 1908 com a vitória, face a *Leopoldo Battistini* (1865 – 1936), no concurso para a encomenda do retrato de *D. Manuel II*, posteriormente colocado na *Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra*. A partir de 1909 esta cidade e os seus claustros, propícios à introspeção e à *Arte*, representam um destino alternativo face aos insucessos lisboetas deste artista peculiar. Aqui desenvolveu um vínculo laboral com a *Universidade*, respondendo a encomendas de retratística até 1929. Nas estadias regulares em *Coimbra*, para além das encomendas laborais às quais respondeu com afinco, rigor e qualidade acima da média, *António Carneiro* usufruiu do “espírito conventual” de algum / alguns do(s) claustro(s) patentes no património edificado e histórico desta cidade. Contemplando este espaço espiritual e artístico como aglutinante de reflexão meditativa e labor, foi no “Meio claustral coimbrão”, nomeadamente da “*Sé Velha de Coimbra*” que *Carneiro* encontrou o cenário arquitetónico que aplica e transpõe, em 1925, 1926-27 e 1929, nos diversos estudos de composição e duas versões finais de “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*” - cf. PONTES, J. M. da Cruz – *O pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Minerva, 1997, p. 15.

²⁰ Cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), pp. 102 a 104.

²¹ Relato do artista, descrito por *Oliveira Cabral* acerca da venda da 2.ª versão de “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*” em *São Paulo (Brasil)* – cf. *Museu*. II Série, n.º 11. Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, pp. 93 e 94.

Fig. 76 Estudo de “frade Dominicano” para a segunda versão de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” (Pormenor) - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1928 - Ext. https://leiloescmilaciserviatilidese.netdna-ssl.com/fotos/198/DSC_6512_g.JPG - 10/02/2017, 11 h 41 m.



Fig. 75 Estudo de “frade Dominicano” para a segunda versão de “Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos” (Pormenor) - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1928 - Ext. http://www.mdsleiloes.com/leiloes/42/?page=4#product_171- 10/02/2017, 11 h 01 m.





O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?!

Medalhística contemporânea como forma
de tributo a diferentes vultos da *Cultura ar-
tística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) -

*“Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas meda-
lhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972),
patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu**

***Perfil Biográfico do retratado: O Homem, a meditação e o labor
estético***

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na Coleção de Medalhística contemporânea do Museu

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na Coleção de Medalhística contemporânea do Museu

Perfil Biográfico do retratado: O Homem, a meditação e o labor estético¹ (Por José C. Amorim)

“(...) Pela minha arte poderá auscultar o meu pensamento, saio pouco, vivo retirado (...)”

António Carneiro²

Inicialmente conhecido no meio artístico portuense como *Carneiro Júnior³*, este homem, cuja origem proletária lhe infligiu uma infância adversa, nasceu no dia 16 de setembro de 1872. Tendo as névoas do *Marão* como madrastas perpétuas e o brilho do *Tâmega* como inspiração, é oriundo do “*Bairro da Graça*”, humilde zona da freguesia de *São Gonçalo de Amarante⁴*.

Aqui, o destino reservou-lhe os sete primeiros anos de vida, muito humildes e em conjuntura monoparental - acompanhado apenas de sua mãe, *Francisca Rosa de Jesus*, visto que o pai, *António Teixeira Carneiro*, radicara-se no *Brasil* aquando do seu nascimento⁵. A falta de recursos, o clima *amarantino* - de invernos rigorosos, com elevados níveis de pluviosidade e temperaturas negativas -, mas sobretudo o intenso empenho materno no seu sustento material e espiritual⁶, assim como a solidariedade conterrânea, marcaram o seu crescimento psicossocial e o próprio ideário artístico futuro (em diversos momentos da obra de ilustração exprime os mais pobres e os meios rurais, reflexos implícitos da sua origem): “(…) *No seu génio de artista, se confundem a lembrança e a esperança (...) contava-me a sua vida desde a primeira infância (...) viveu-a num beco ou viela amarantina, entregue aos cuidados de uma pobre mulher (...) menino com uma folha de couve na mão, cheia de arroz cozido para o almoço! Era uma oferta diária de sua vizinha (...)*”⁷.

No decorrer do ano de 1879 a orfandade parcial assolou o seu caminho: com sete anos de idade perde então o grande esteio materno. Apesar do momento precoce em que perdeu a mãe, em plena primeira infância, a maternidade ficou como reminiscência importante no seu porvir; e no seu legado.

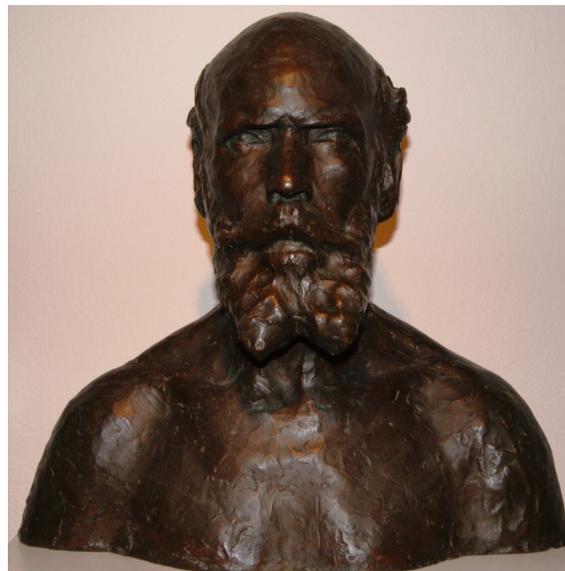


Fig. 77 António Teixeira Carneiro Júnior, em 1928 – Busto de retratística modelado pelo escultor António Azevedo (1889 - 1968), Escultura de vulto, Bronze monocromático, 1928. *Amarante, Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso* (Cortesia Imagética).



Fig. 78 Rosa Atília Queiroz Carneiro & António Teixeira Carneiro Júnior em 1907 – Fotografia de autoria desconhecida, datada de 1907. *Porto, Arquivo da Casa-Oficina António Carneiro* - Ext. CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004, p. 10.



Fig. 79 António Carneiro em 1918 (Pormenor) - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1918 – Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/29550933181/in/photostream/> - 29/01/2017, 16 h 00 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Citada por analistas e críticos como uma temática da graça feminil, de afinidade formal com *Eugène Carrière*⁸, esta abordagem sensível ao momento materno advém não só do conhecimento da carga psíquica aplicada pelo artista francês, mas sintetiza também uma simbologia do percurso pessoal de *António Carneiro*. Um possível tributo que presta à influência das “mães” da sua biografia: *Francisca*, mãe biológica que em vida lhe oferecera o seu primeiro estojo de lápis, aglutinando a sua vocação inata para a arte; e *Rosa*, esposa e mãe dos seus filhos. Registos maternos, sublimados sob uma mescla de divindade feminina e brilho infantil. Uma área em que esporadicamente relega a própria presença de um rosto em detrimento da presença simbólica de mãos que emergem de um turbilhão de sombra, suportando a inocência e a fragilidade infantil representadas. Manifestos com exploração de suporte técnico plural, desde: *água-tinta; sanguínea; aguarela; carvão* ou *lápis* - aplicados inclusive em ilustrações de obras literárias (algumas direcionadas a público infantil e extratextos de publicações periódicas).

O referido falecimento de *Francisca de Jesus*, associado ao contínuo desleixo paternal, causaram-lhe um novo infortúnio, o da solidão. Curiosamente um estado que em idade adulta privilegiará, como metodologia de fruição e momento inspirador. Contudo, aos sete anos deixa-o indefeso, exposto à falta de recursos e à miséria do meio envolvente. O ano de 1879 pontua de imediato a sua translação da “neblina amarantina” para um asilo da *Misericórdia Portuense*. A mando da *Providência*, o seu futuro ganha como espaço cénico uma nova cidade, uma nova condição: a de interno do *Asilo / Estabelecimento humanitário do Barão de Nova Sintra*⁹, - contingência que engloba no seu horizonte uma aura regulamentar apertada, de uniformes, disciplinas e deveres.

Nos cerca de doze anos de permanência efetiva sob alçada da *S.C.M.P.* (1879 - 1891), *Carneiro*, disciplinado e aluno exemplar, nobilitou-se. Completou a instrução primária, fez exames de admissão ao liceu e sublinhou definitivamente as suas competências artísticas inatas. Dotada de espírito criativo, olhar incisivo e técnica espontânea, a sua verdadeira alma de artista em potência captou os dignitários da *Misericórdia*, que o viram maturar entre o toque modelador aplicado em figuras - formalizadas escultoricamente com desperdícios de cera de velas, reco-



Fig. 80 Amarante (Perspetiva de parte do Convento e Igreja de São Gonçalo e da Igreja de São Domingos) - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Madeira, ausente de referência cronológica – Ext. <https://www.mutualart.com/Artwork/Amarante/F4FBA87BA12AB7CC> – 29/01/2017, 16 h 15 m.

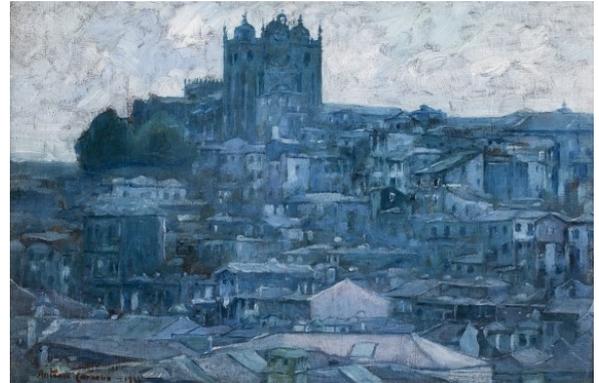


Fig. 81 Vista da Cidade do Porto e “morro da Sé” em 1925 - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1925, Coleção particular – Ext. http://www.mdsleiloes.com/leiloes/42/?page=4#product_167 – 29/01/2017, 16 h 30 m.



Fig. 82 Vista de Paris - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Madeira, ausente de referência cronológica – Ext. <https://www.mutualart.com/Artwork/Vista-de-Paris/6719AD9861C55128> – 29/01/2017, 16 h 24 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

-lhidos em velórios que acompanhava¹⁰ - e a ascendência qualitativa dos seus desenhos¹¹.

Um conjunto de pressupostos positivos, revelados face à soturnidade inicial da sua vivência, que juntos a uma ânsia de superação, inteligência e empenho fixado no desejo íntimo de triunfo no domínio artístico, cativaram a S.C.M.P. e a levaram a proporcionar ao jovem Carneiro a primeira fase de uma formação académica - com o patrocínio da frequência do curso de *Desenho Linear* e de *Escultura* na A.P.B.A. (1884/85 - 1890)¹². Etapa cujo bom aproveitamento culminou com um primeiro ensaio como docente de *Desenho*, dentro da instituição de acolhimento¹³.

Motivado pelo término da primeira fase da sua experiência formativa - onde foi discípulo, em *Desenho Histórico*, de João Marques da Silva Oliveira (1853 - 1927) e em *Escultura*, de António Soares dos Reis -, pelo hipotético contacto inesperado de seu pai¹⁴ e pela obtenção da maioridade, António Carneiro expressa os primeiros sinais de um legítimo desejo de independência.

O outrora menino pobre, perdido, órfão e indefeso, tornou-se um adulto formado, culto e artista promissor pela sua persistência. Após requerimento, ausenta-se em definitivo do albergue da S.C.M.P., possivelmente em abril de 1891: uma saída de "custo dobrado, não por ingratidão à instituição tutelar mas por ânsia de vitória pessoal e profissional"¹⁵, resultante numa primeira experiência profissional - de estagnada servidão - a de amanuense num cartório¹⁶, seguida de uma "tentativa inglória de afirmação artística no mercado Lisboaeta"¹⁷.

Ciente das adversidades do meio, em 1891, o antigo "Monge de Nova Sintra"¹⁸, encontra-se definitivamente inscrito (a título pessoal e pela primeira vez com a já citada referência paternal documentada¹⁹), no primeiro ano do curso de *Pintura de História* da escola portuense - cuja docência inicial coube a João António Correia (1822 - 1896), substituído em 1895 por Marques de Oliveira, que transita do *Desenho* para a *Pintura*. Entre 1891 e 1896, alargou perspectivas do seu espírito poético (visual e literário)²⁰, celebrou em 1893 o matrimónio com Rosa Atília Queiroz²¹, conheceu Teixeira de Pascoaes²², foi pai do primeiro filho (Cláudio) e conciliou a já anterior presença no meio expositivo nacional²³ com a conclusão imaculada



Fig. 83 "Maternidade - Senhora com menino" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Pastel e Sanguínea sobre Papel, 1912 - Ext. <http://www.evandrocarneiroleioes.com/145675?artistId=88681> - 01/02/2017, 16 h 13 m.

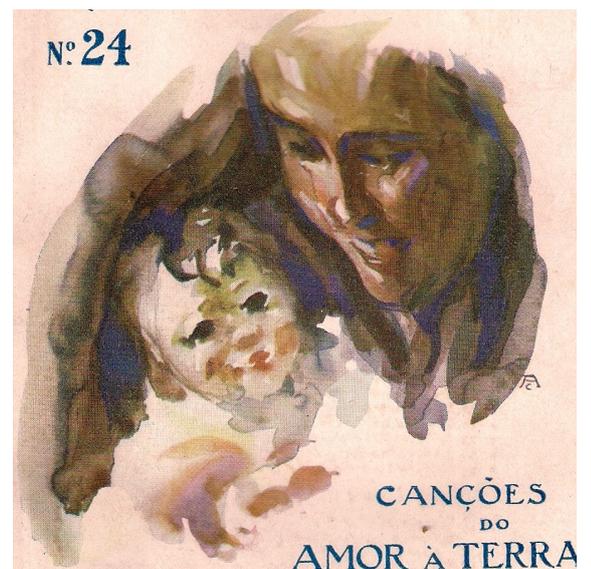


Fig. 84 "Maternidade" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), capa da 1.ª edição, em 1929, de *Canções do Amor à terra*, de Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral - Ext. CABREIRA, Estefânia & CABRAL, Oliveira - *Biblioteca dos Pequenos n.º 24: Canções do amor à terra*. 1.ª Edição. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1929, (s/p) - capa.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

dos cinco anos do seu curso. Percurso coroadado com uma classificação laudatória de *18 valores*, atribuída à composição final *Jesus e a Lenda dos Martírios*, imune aos habituais artificialismos declamatórios presentes nas provas académicas²⁴.

Terminada a sua etapa educativa nacional, o êxito obtido em sentido antitético aos cânones dos discípulos da *A.P.B.A.*, intrigou a crítica e a imprensa²⁵. Discreto, sensitivo, prodigioso e ritmado, denunciou caracteres intelectuais e apetências técnicas que lhe auspiciavam ser um dos espíritos proativos da ascense cultural do meio português contemporâneo, à época inerte face às dominantes *naturalistas*.

As convicções expressas distanciavam-no do panorama português e, com efeito, carecia de uma experiência formativa internacional. À semelhança de outros contemporâneos, em 1897, acompanhado pela esposa, instala-se em *Paris*, com vista à frequência de aulas na *Académie Julian*²⁶. Com apoio subsidiário de amigos e entidades privadas²⁷, reside no *Quartier Latin*, no atelier n.º 10 do *Boulevard Arago*²⁸. Nos anos de estadia escolar centrou-se devotadamente no trabalho diário. Dividido entre a obra pessoal – voltada para situações simbolistas bíblicas (*A Fonte do Bem*) e reflexões existenciais (*A Vida*, concluindo os painéis *Esperança* e *Amor*) -, as solicitações académicas, a aquisição de conhecimentos, as leituras e os apontamentos gráficos dos estímulos paisagistas e humanos do país (como exemplifica a sua incursão estudantil em 1899 pela zona da *Bretanha*, onde regista perspetivas das ruas e da ambiência local²⁹), distanciou-se de boémias e problemáticas supérfluas.

Deste modo, *Carneiro* encontra na crise do *Fin-de-Siècle* francês, de oposição simbólica e idealista ao positivismo precedente, o ambiente mais propício a uma resposta às suas carências estéticas e intelectuais. Aluno de *Jean-Paul Laurens* (1838 - 1921) e *Benjamin Constant* (1845 - 1902), metódico e discreto, recebeu elogios pela competência e progressão. Mas a sua estadia parisiense não se submeteu apenas aos limites dos paradigmas dos mestres da *Academia*.

O seu espírito era superior e, como ele próprio reconheceu, foi na simbiose *espaço-símbolo* de *Pierre Puvis de Chavannes*, no intimismo esfumado de *Eugène Carrière* e



Fig. 85 "Retrato de R.C." (Rosa Carneiro) - Esposa de António Carneiro (1872 - 1930), retratada pelo próprio em julho de 1910. Desenho original publicado no n.º 1 de 1912, da II série da revista *A Águia* - Ext. *A Águia*. II Série, n.º 1, Porto: janeiro de 1912, (s/p).

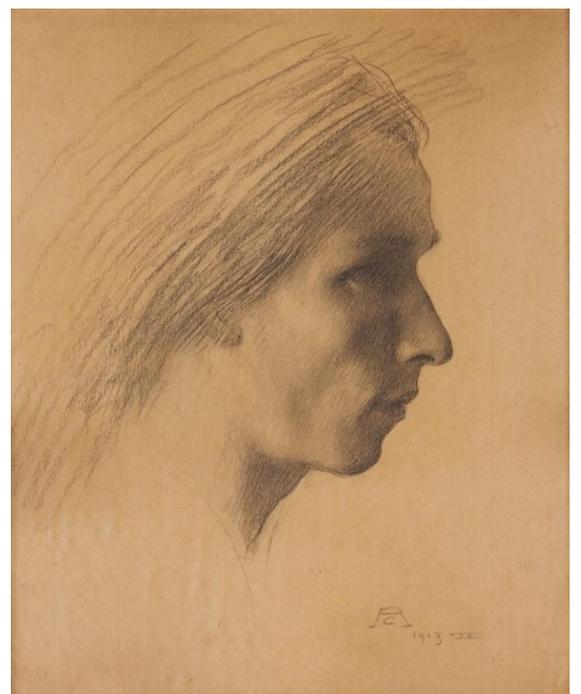


Fig. 86 Carlos Carneiro, primeiro filho de António Carneiro, em setembro de 1913 - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1913 - Ext. <https://www.mutualart.com/Artwork/Claudio-Carneiro-portrait/ECC4498274032C71> - 01/02/2017, 17 h 03 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?

Auguste Rodin³⁰, na reflexão existencial e expressividade de Edvard Munch (1863 – 1944), nos salões, nas exposições, nas tertúlias, nos livros e no labor experimental incessante, que obteve os princípios doutrinários que pretendia³¹. Complementos que absorveu, filtrou intimamente e que lhe permitiram algumas descobertas identitárias para a sua produção pictórica. A vivência finisse secular em França simbolizou para Carneiro o progresso. Contudo, neste seu *Tour* formativo, após a turbulência da vanguarda necessitou de equilíbrio, silêncio e tradição. A sua obra reviveu também a consistência dos mestres do passado, cuja base e importância do desenho no seu trajeto é inclusivamente atribuída em parte a Leonardo da Vinci (1452 – 1519)³². À semelhança de literatos e artistas, quiçá inspirado por narrativas de viagens, aproveitou o Verão de 1899 – entre junho e agosto - para concretizar um desígnio antigo: visitar *Itália*.

Neste destino secular, obrigatório para a boa compreensão da *Arte universal*, deambulou por regiões e localidades diversas. Conheceu a língua, o povo, prestou tributo a pormenores paisagísticos (aglutinantes de sentimentos e lembranças das suas origens)³³ e idolatrou as várias idades artísticas que ali coexistem. A par de memórias gráficas, inscreveu textualmente num diário de bordo todas as considerações de estilo, influências e gostos, denotando predominância pelo rigor do pensamento, estudo e domínio técnico dos Mestres da viragem da *Idade média* para a plenitude da *Renascença*: “(...) ei-lo a vaguear pela pátria de tanto sonho eterno (...) e reconhecimento dos céus de Giotto e Angélico (...) a ver a boa gente de Itália (...) ruas de miséria (...) ruas de frutos (...) na Itália resplendorosa – dos graves pórticos (...) a ver as ressurreições das virgens de Bellini (...) adolescentes de Perugino (...) pequenos Rafeis (...) tudo isto por instruir-se, ora alargando, ora marcando seus sonhos (...) elevada razão, cada dia mais esclarecida, e cada dia mais fértil, mais senhora dos novos e velhos segredos (...)”³⁴.

Concluído o retiro filosófico em *Itália*, já em solo francês e quando antevia o retorno definitivo a *Portugal*, visto que os subsídios de estudo cessavam, a azáfama cidadina de *Paris*, que se preparava para albergar a grandiosa exposição do ano seguinte, e o reconhecimento do seu trabalho valeram-lhe um convite para colaborar na decoração de Pavilhões para o certame de 1900. Prolongando a



Fig. 87 “Academia Portuense de Bellas Artes em 1888” - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930) publicado no n.ºs 1-34 de 1888, do 1.º Anno do *Jornal ilustrado O Mosquito*, que o próprio A. C. com apenas quinze anos de idade, editou, ilustrou e distribuiu pela Academia (enquanto interno da *Misericórdia portuense* e aluno da Academia Portuense de Belas Artes) – Ext. CABRAL, Luís - *Catálogo da Exposição no 150º Aniversário da sua Fundação (1833 - 1983)*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984, (s/p).

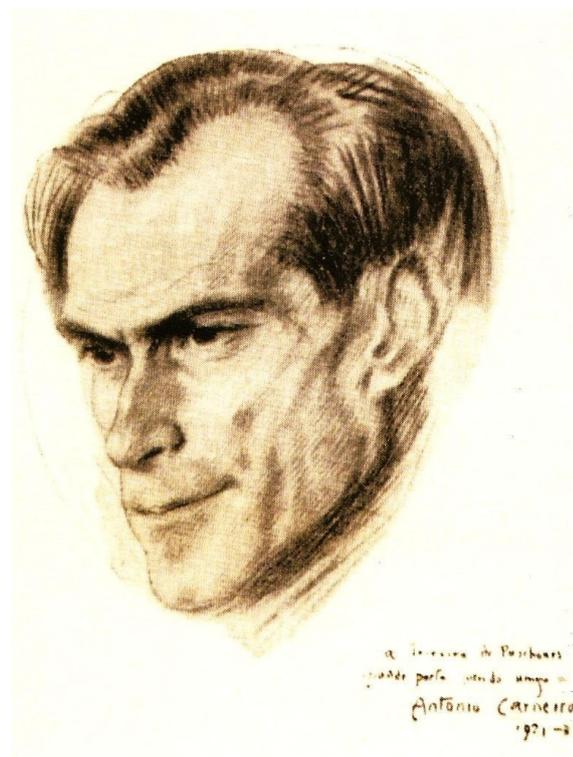


Fig. 88 “Teixeira de Pascoaes em 1921” - Conterrâneo amarantino, escritor, poeta, pensador e amigo pessoal de António Carneiro (1872 - 1930), retratado pelo próprio em 1921. Desenho original publicado em extratexto na 1.ª edição de 1921, da obra “*O Bailado*”, do próprio Teixeira de Pascoaes – Ext. PASCOAES, Teixeira de - *O Bailado*. 1.ª Edição. Porto, Lisboa, Coimbra, Rio de Janeiro: Lumen, 1921, (s/p).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

permanência em *França* nesse ano de 1900, integrou a própria seleta artística portuguesa exibida na *Exposição Universal*, obtendo do júri uma medalha de bronze³⁵.

Com a presença premiada na *Exposition Universelle* definindo-se como um epílogo superior de quatro anos de residência e estudo em *França*, o retemperado artista oficializou a viagem de regresso ao *Porto*³⁶, precedida ainda por uma ligeira paragem de estudo na *Bélgica*³⁷. No regresso à esfera social *portuense*, a sua produção manteve a orientação progressista de afeição ao símbolo e à renovação erudita e sentimental que a sua arte representava. Em 1901, na sequência de projetos orquestrados em solo francês, concluiu na cidade do *Porto* o último momento da sua interrogação plástica acerca do ciclo da vida, o terceiro painel do seu tríptico, intitulado *Saudade / Morte*³⁸.

Através do término de *A Vida*, sublimou o relatório reflexivo das problemáticas e caminhos que o cativaram no estudo em *Paris, Itália e Bélgica*. Com esta realização concluiu o apogeu *simbolista*, obra maior inserida num espólio total de 89 produções (desenhos e pinturas)³⁹, que submeteu a exposição durante o mês de março de 1901 na *Galeria da Misericórdia*⁴⁰. Embora demonstre desconforto em exhibir-se individualmente, esta mostra concretizou-se em lógica de respeito pelos patrocinadores do seu *Tour* formativo, comprovando com trabalho a pertinência do investimento monetário de que usufruiu⁴¹.

Entre 1901 e a implantação da *República* verificada no início da segunda década do séc. XX, a vida nacional oscilou em problemáticas sociopolíticas votadas ao confronto “republicanos *versus* monárquicos”. Nas revistas, nos jornais e nas vivências cidadinas as querelas multiplicavam-se. Dentro do seu perfil, *António Carneiro* manteve-se absorto perante esta conjuntura, divagando entre exposições coletivas e individuais, prémios, críticas, concursos, respostas a encomendas, tentativas de mudança de mercado e cidade⁴². Fiel aos seus princípios e obrigações, refutou os assuntos menores da mundanidade e investiu no trabalho árduo, o único sustento da família, o que o obrigava a relegar o citado desdém que se deveria mostrar.

A única discussão que lhe interessava subsistia na sua mente. Deambulava entre a continuidade num sistema pictural semelhante ao *simbolismo* clássico de *Puvis de Chavannes* e a aposta numa dimensão nebulosa, de



Fig. 89 Paisagem (“Paris, 15 de outubro de 1897”) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Madeira, 1897, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian - Ext. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/stitulo-156126/> - 02/02/2017, 10 h 43 m.



Fig. 90 Esboço prévio de 1897 para o segundo painel (painel central), intitulado “Amor / Maturidade” do tríptico simbolista “A Vida”, concluído em 1901 - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Sanguínea sobre Papel, 1897, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian - Ext. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/stitulo-152698/> - 02/02/2017, 11 h 11 m.



Fig. 91 Desenho de estudo, datável entre 1897 e 1899 para o segundo painel (painel central), intitulado “Amor / Maturidade” do tríptico simbolista “A Vida”, concluído em 1901 - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Sanguínea sobre Papel, ca. 1897 - 1899. Reproduzido posteriormente no n.º 55 de 1916, da II série da revista *A Águia* - Ext. *A Águia*. II Série, n.º 55, Porto: julho de 1916, (s/p).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

“penetração humana pela Arte”⁴³, em *retratos íntimos, autorretratos, registos infantis e femininos* próximos de *Carrière*⁴⁴. Deste modo, em 1901 com o lirismo de *Pinhãl*⁴⁵, em 1902 com *Raquel*⁴⁶ e em 1904 com *O Batismo* – duas iconografias religiosas – cultivou o modelo *chavanniano*, cujas diretrizes não potenciaram o meio mecânico como pretendia; e em simultâneo iniciou propostas de “suavidade de contornos”⁴⁷, com figuras cingidas a atmosferas e fundos graves cuja identidade psíquica emerge da penumbra. Complementada, porém, por contrastes lumínicos aplicados em pormenores como a profundidade de um olhar, linhas / sombras / manchas de um rosto ou incidência em atitudes corporais (óleos: *autorretratos* – 1901 e 1903; *Teixeira Lopes* – 1903; *Guerra Junqueiro* – 1907; *Atilia Tâmega* - 1901; carvões, sépias e sanguíneas: *Camilo*; *Soares dos Reis* – 1908; *Rafael Bordalo Pinheiro*; *Antero de Quental*; *Herculano*; *Oliveira Martins*; *Eça de Queiroz*; *Guerra Junqueiro* – 1909).

Como exemplo base da influência da lição do criador do *Enfant Malade*⁴⁸, sublinha-se o *Ecce Homo* de 1901. Posterior à exposição de março, esta obra repercutiu também no temperamento do artista como um dos seus maiores desaires dos primeiros anos de Novecentos. A profundidade do raciocínio e a ousadia estética de autorrepresentar-se na tragédia e dimensão superior de *Cristo*, depurado de atributos iconográficos, valeu-lhe a perentória recusa do seu encomendante, a “madrasta” *Misericórdia do Porto*⁴⁹ - que mesmo após a sua saída do asilo continuava a apoiar o seu percurso laboral através de solicitações mecénicas.

Cedo este leitor assíduo dos grandes clássicos universais, recolhido no seu sacerdócio, a *Arte*, sentiu que a indiferença dos demais pela sua poesia – escrita e desenhada – perene de pensamentos, experiências e sensações, codificados nos seus signos (palavras e grafismos), constituía o seu longo calvário em *Portugal*⁵⁰. Resolvidas ficaram as dissidências com a *Misericórdia* em 1902, através de outro *Cristo*, agora nimbado, translúcido e iconograficamente correto mas menos expressivo. Entre 1906 e 1907 recebeu novo desconsolo profissional, face a imposições naturalistas de um concurso para decoração do *Palácio da Bolsa* da *A.C.P.*. Emparelhado com *José de Brito* (1855 – 1946), de estética oposta, acabou por receber em

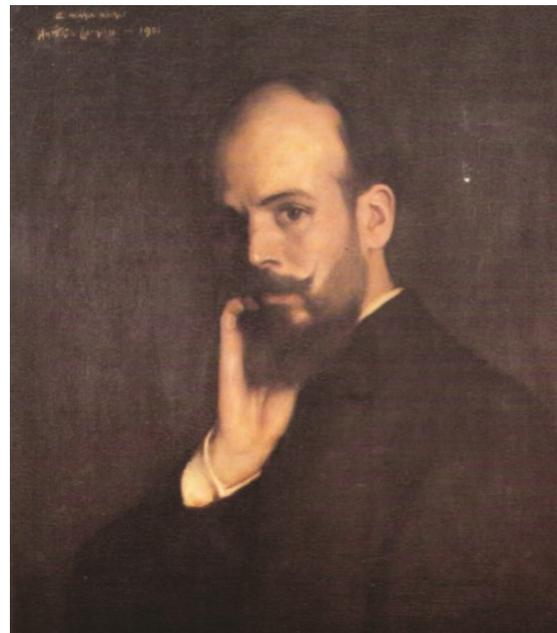


Fig. 92 António Carneiro em 1901 - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1901 – Ext. DUARTE, Teresa Bandeira – “O exercício do auto-retrato na obra plástica de António Carneiro (1872 - 1930)”. *Encontros Estúdio Um. Temas e Objetos do Desenho*. N.º 8. (s/l): março de 2014, p.8.

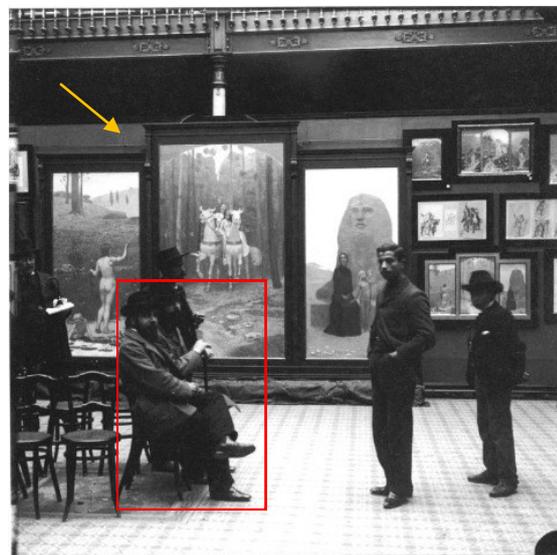


Fig. 93 António Carneiro (assinalado por retângulo vermelho), na *Galeria dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto* durante a *Exposição individual* que realizou em março de 1901 para sintetizar o seu processo formativo externo, de modo a exibir e comprovar perante o mecenato que suportou esta viagem, todo o seu trabalho (enquadrando a própria figura de Carneiro, em “pano de fundo”, observa-se a versão final do “Triptico “A Vida” (indicado por “seta amarela”), iniciado em Paris e terminado na cidade do Porto no próprio ano de 1901) - Registro fotográfico original de Aurélio Paz dos Reis (1862 - 1931), 1901 – Ext. http://lh3.ggpht.com/_FkKgTDI7ngU/S_Kjzp8SWvI/AAAAAAAAABkU/gX8BOGIIkJI/s1600-h/cc27%5B4%5D.jpg - 02/02/2017, 12 h 24 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

1907 a incumbência de pintar o teto da sala de leitura da Biblioteca deste edifício. Concebeu *Eco – Mensageiro da Linguagem Universal*, distante do simbolismo puro que apreciava, evidenciando desígnios académicos da sua formação primordial em *Pintura de História*⁵¹.

Durante o início da centúria, face às adversidades su praticadas, para melhoria do seu posicionamento e estatuto chegou a receber incentivos de mudança definitiva de cidade ou de país (*Lisboa e Paris*). Avesso ao ambiente mercantilizado da nossa capital, desistiu após desaires frequentes nas suas tentativas de ali se instalar; e a hipótese francesa, largamente apreciada, constituiu apenas uma utopia. Em antítese, o início das estadias em *Leça da Palmeira, Coimbra e Melgaço*⁵² começou então a marcar momentos charneira de relações pessoais, avanços estilísticos e melhorias laborais.

Recordado como "notável pintor dos séculos XIX e XX"⁵³, essas variâncias geográficas vieram acentuar o seu anseio de novos mercados; mas, acima de tudo, resultaram em momentos de refúgio e percepção da sua realidade. Apesar de múltiplas tentativas de mudança definitiva de cidade, é no meio *portuense* que reside oficialmente durante toda a vida. Aqui, não obstante todos os condicionismos que enfrentou, reuniu a sua micro-sociedade capaz de o tributar. O verdadeiro *Porto* artístico do primeiro terço do séc. XX "era António Carneiro, e o seu álbum de névoas, brumas, ideais, símbolos e almas"⁵⁴.

É então enraizado no meio *portuense* que recebe, a partir de 1910, as incidências socioculturais do advento da *República*. Embora distante das turbulências precedentes a esta mudança de regime político, é no *Porto* que se associa ao recém-criado movimento ético, filosófico e estético da *Renascença Portuguesa*. Com a revista *A Águia* como meio de manifesto gráfico e ideológico deste grupo - cuja I Série foi lançada em dezembro de 1910 sob direção de Álvaro Pinto (1889 - 1957), entre janeiro e julho de 1911 - Carneiro iniciou, através das seis ilustrações que publicou⁵⁵, um período fértil da sua ação pessoal e profissional. Renovada em 1912, esta revista passou a subintitular-se *Órgão da Renascença Portuguesa* a partir da sua II Série (janeiro de 1912) e, a convite do amigo Teixeira de Pascoaes (1877 - 1952) - novo diretor literário - António Carneiro assume o cargo de diretor artístico.

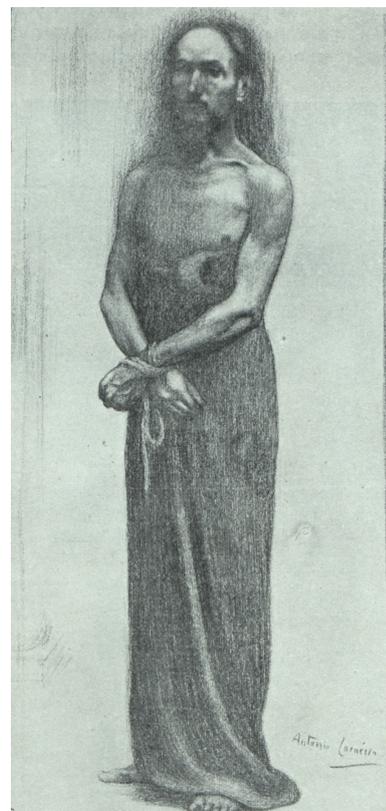


Fig. 94 *Desenho de estudo para o quadro "Ecce Homo"* -

Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Sanguínea sobre Papel, 1901. Reproduzido posteriormente, com alteração tonal no n.º 17 de 1906, da revista *Serões* - Ext. LARANJEIRA, Manuel - "António Carneiro. Esboço para o estudo de uma obra através de um temperamento". *Serões*. n.º 17, Lisboa: novembro de 1906, p. 354.

Fig. 95 *Desenho de estudo para o grupo central de "O Batismo"* - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Sanguínea sobre Papel, 1904. Reproduzido posteriormente, com alteração tonal no n.º 17 de 1906, da revista *Serões* - Ext. LARANJEIRA, Manuel - "António Carneiro. Esboço para o estudo de uma obra através de um temperamento". *Serões*. n.º 17, Lisboa: novembro de 1906, p. 353.



Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Na realidade, “embora não aceite incondicionalmente os ideais republicanos e todas as problemáticas doutrinárias do *Saudosismo*, da *mitologia Sebastianista* ou da *Teleologia renascentista*, bases do grupo, admite-se a sua afinidade e entendimento destes conceitos pela arte, de uma ânsia do renovado génio criativo português, que considera deficitário de expressão filosófica, poética e religiosa”⁵⁶. Durante a sua direção, para além das dezenas de ilustrações de sua autoria⁵⁷, evidenciou conhecimento e sensibilidade estética através de seleções criteriosas de elementos gráficos historicistas e correntes atuais (desde o *naturalismo* ao *futurismo*), bem como artigos sobre arte e promoção de exposições ligadas ao espírito do grupo⁵⁸.

Ícone artístico da “*Renascença Portuguesa*”, a sua presença foi equilibrada e duradoira, mantendo-se em atividade praticamente ininterrupta entre a I e a IV Série de *A Águia* (1911 – ca.1929)⁵⁹ - facto que se deveu em parte ao seu profissionalismo e imparcialidade perante conflitos internos e cisões verificadas entre membros do grupo⁶⁰. *A Águia* representou um momento singular na sua envolvência artística e pessoal. Votada ao *Porto* e a situações mentais que lhe ocupavam o espírito, fechou-o num círculo ideológico que correspondia aos seus intentos, afastando-o de outros movimentos emergentes, como os da capital, desde 1910 intrigada com as “*Exposições Livres* e os *Salões dos Humoristas e Modernistas*”⁶¹.

Para além do *ex-libris* criado em 1911 onde formulou um perfil masculino, possível resposta pictórica – e analogia - ao conceito estético e introspetivo do *Pensador de Rodin*⁶² - grafismo difundido em todos os documentos e publicações da *Renascença* – toda a vertente editorial do grupo, a par de *A Águia*, constituiu para si uma ocupação regular na área da *Ilustração*. Conhecido pela alma que empregou à *(re)nascença portuense (Renascença Portuguesa)*⁶³, a participação neste núcleo de literatos, artistas, cientistas e políticos valeu-lhe um conjunto alargado de defensores e promotores da sua *Arte* – através de crónicas encarecedoras do valor da sua estética e da inserção frequente de grafismos e retratística de sua autoria em publicações literárias. Um círculo amistoso, perpetuado na sombra do *lápiz* ou *pinel* do artista, presenças frequentes em serões e tertúlias íntimas de partilha de cultura superior: “(...) *António Carneiro manteve estreitos contactos com algumas das figuras mais importantes do seu tempo*



Fig. 96 “*Mercúrio - Estudo para o «plafond» do Salão de leitura da Associação Comercial do Porto*” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Sanguínea sobre Papel, 1907. Reproduzido posteriormente no n.º 4 de 1911, da I série da revista *A Águia* – Ext. *A Águia*. I Série, n.º 4, Porto: janeiro de 1911, (s/p) - Capa.

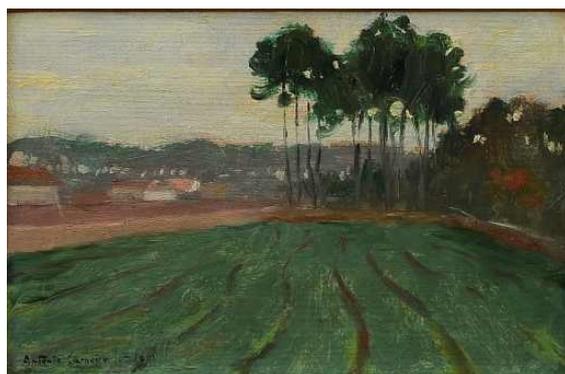


Fig. 97 *Paisagem* - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1901 – Ext. <http://www.plentyofpaintings.com/Antonio-Carneiro/Paisagem-oil-painting.html#lightbox/1/> – 02/02/2017, 22 h 51 m.



Fig. 98 “*A Guerra*” - Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1916. Reproduzido nos n.ºs 52, 53 & 54 de 1916, da II série da revista *A Águia* – Ext. *A Águia*. II Série, n.ºs 52, 53 & 54, Porto: abril, maio & junho de 1916, (s/p).

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

(...) a sua amizade e convivência privilegiava alguns dos colaboradores e orientadores do movimento (...) as suas leituras (...) em voz alta na roda de amigos íntimos (...) iam diretamente para Camões; Antero; António Nobre; Gomes Leal; Guerra Junqueiro; Pascoaes (...) Mário Beirão (...) Goethe; Cícero; Victor Hugo; Miguel de Cervantes e Amiel (...)"⁶⁴.

O vínculo permanente com a *Renascença* não o impediu, porém, de promulgar as suas diretrizes laborais por outras revistas e movimentos esporádicos, alguns deles derivados do núcleo duro do grupo; e não o dotou de meios económicos que lhe permitissem abandonar o trabalho externo.

Logo em 1911, ainda nos primórdios da aventura de *A Águia*, obteve em fevereiro uma nomeação provisória para docência da unidade de *Desenho de figura* - estátua e modelo vivo da *A.P.B.A.*⁶⁵. Esta entrada na *Academia*, onde crescera como aluno, por vaga deixada oficialmente em 1918 por *José de Brito*, permitiu-lhe a 30 de novembro do mesmo ano a incumbência definitiva de lecionar *Desenho*, uma demonstração evidente – embora questionada por alguns contemporâneos⁶⁶ - do seu estatuto de desenhista virtuoso⁶⁷.

Apesar da sua timidez, a carreira no professorado acabou por representar uma valência curiosa deste artista. Despoletada precocemente na *Misericórdia do Porto*, esta profissão acabaria por se manter durante duas décadas associada ao seu currículo. Ficaria conhecido pela entrega e imposição de respeito que o seu perfil distanciado, a gravidade do seu vestir e a atitude⁶⁸ constituíam perante os discípulos. Fora da *Misericórdia* e da *Academia*, é-lhe atribuída a regência de um curso artístico no *Salão Silva Porto* em 1928, agregado a possíveis aulas particulares no seu atelier no término da mesma década⁶⁹.

Até 1914, o artista encontrou alguma acalmia e interesse na amplitude criadora que sublinhava. Inclusive em 1911, na exposição individual de 171 obras multidisciplinares (*paisagem; retratística; simbolizações; ilustração em diversos formatos e suportes*), inaugurada em dezembro no *Salão da Ilustração Portuguesa* e que obteve um êxito lisboeta inédito. Classificada na imprensa como um "acontecimento"⁷⁰, esta exposição, prefaciada por *Manoel de Sousa Pinto* invocando *Carrière*⁷¹, caracterizou-se pela

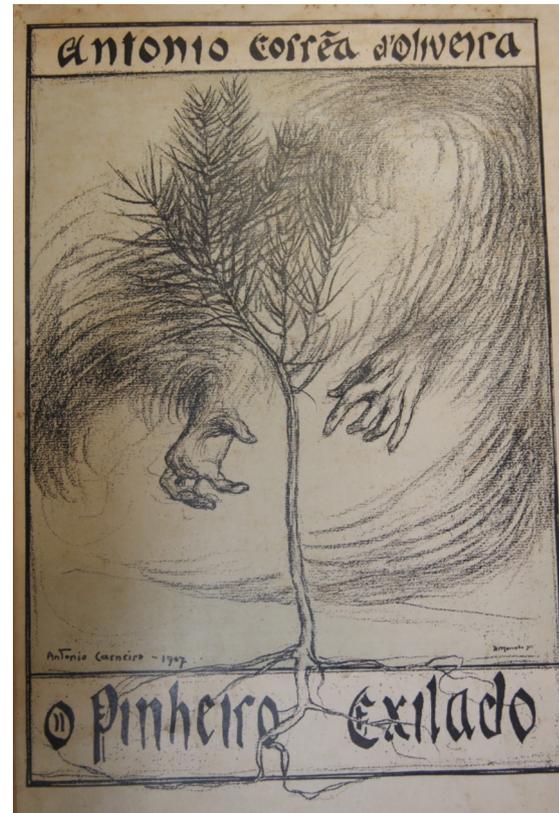


Fig. 99 "O Pinheiro Exilado" - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), realizado em 1907 mas publicado posteriormente na capa da 1.ª edição de 1908, da obra "O Pinheiro Exilado", de António Correia de Oliveira - Ext. OLIVEIRA, António Correia de - O Pinheiro Exilado. 1.ª Edição. Porto, Lisboa: Livraria Ferreira, 1908, (s/p) - Capa.



Fig. 100 "Guerra Junqueiro em 1923" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1923. Reproduzido na Capa e em extratexto na 1.ª edição de 1923 da obra "Guerra Junqueiro", de Leonardo Coimbra - Ext. COIMBRA, Leonardo - Guerra Junqueiro. 1.ª Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1923, (s/p).



Fig. 101 António Carneiro em 1910 - Autorretrato original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Carvão sobre Papel, 1910 - Ext. PINTO, Manoel de Sousa - Catálogo da Exposição de Quadros e desenhos de António Carneiro. Salão da Ilustração Portuguesa: dezembro. Lisboa: (s/n.), 1911, (s/p).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

frequência de ilustres da *Sociedade, Arte*⁷², *Literatura, Ciência* e *Política*. Recebeu honras de *Estado* com a visita do Presidente da República, *Manuel de Arriaga* (1840 - 1917), que lhe adquiriu uma *marinha de Leça da Palmeira*⁷³; e *Carlos Reis* contemplou-o com a compra de dois desenhos e dois apontamentos paisagistas, para valorizar o acervo do *Museu de Arte Contemporânea*, que dirigiu entre 1911 e 1914.

As benesses que recebeu pela maturidade expressa em 1911 não apagaram, porém, as memórias de infortúnios anteriores vividos na capital. Mesmo reconhecido e solicitado, manteve-se firme na desconfiança acerca da opulência de *Lisboa*. Protagonizando um interregno de cerca de uma década, e apesar de integrar uma mostra coletiva na capital, em 1921, intitulada “*Exposição dos Consagrados*”, apenas voltou ao universo lisboeta, a título individual, em pleno ano de 1922 – com uma exposição no *Salão da S.N.B.A.*. Respondeu, assim, com a mesma relutância que sofrera entre o fim de séc. XIX e início da centúria seguinte, quando ponderara a permuta de residência⁷⁴.

Na sequência do sucesso alcançado no *Salão da Ilustração Portuguesa*, inicia-se uma fase posterior que o transportará para outra realidade. Desde a medalha de ouro que a sua produção pictórica obtivera no *Rio de Janeiro* em 1908, o *Brasil* passou a constituir um interesse ultramarino deste criador de *solilóquios*. Inicialmente programada para expor e comercializar⁷⁵, em paralelo, esta viagem constituiu um acontecimento de sapiência díspar, comprovando um entendimento plástico polivalente. Por momentos o seu espírito subalternizou a acalmia oficial de obras estudadas ao ínfimo pormenor (in)visível, desligou-se da linha e primou pela vertigem de aguadas rápidas e instintivas (*aguarelas*), com lirismos aproximados à *abstração*⁷⁶, aplicados em motivos de bordo, vistas gerais e de ruas do *Rio de Janeiro, Curitiba*⁷⁷ e *Baía*.

No *Brasil*, manteve-se obrigatoriamente “exilado” até 1915, impedido de retornar à pátria pela violência física, política e económica do declínio europeu da *1.ª Guerra Mundial* (1914 - 1918). Surpreendido pelo conflito, permaneceu hospedado pelos escritores *Júlia* (1862 – 1934) e *Francisco Filinto de Almeida* (1857 – 1945), numa estadia prolongada, que supõe ainda um possível acerto de



Fig. 102 “A visita de sua Ex.^a o Sr. Presidente da República ao Salão da Ilustração Portuguesa” (António Carneiro - sinalizado por “seta amarela” - enquadrado por alguns desenhos e pinturas da sua exposição lisboeta de 1911, ladeado pelo Presidente da República Portuguesa em exercício, Manuel de Arriaga (1840 - 1917), que inclusive adquiriu uma obra ao próprio artista, uma paisagem de Leça da Palmeira intitulada “Plenitude”) - Registo fotográfico original de Benoliel, 1911 – Ext. *Ilustração Portuguesa*. n.º 306, Lisboa: 1 de janeiro de 1912, p. 8.

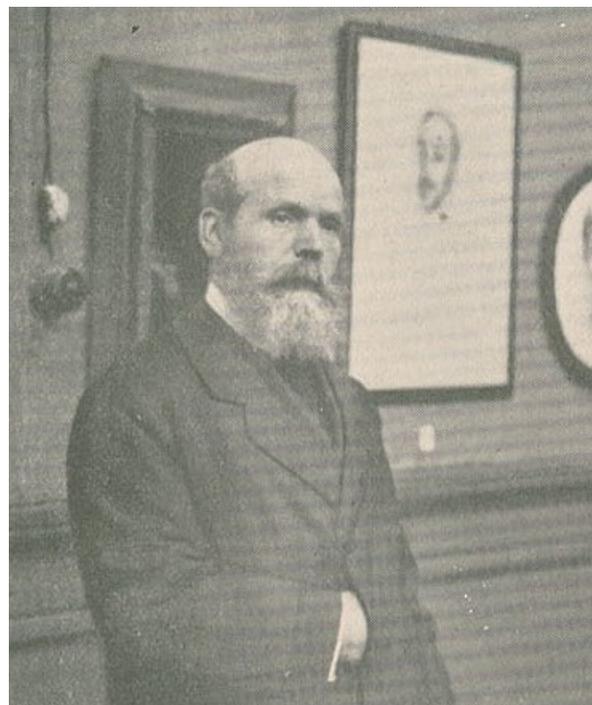


Fig. 103 António Carneiro fotografado junto de alguns dos desenhos integrantes da sua participação numa exposição lisboeta de 1921, intitulada, segundo artigo de Manoel de Sousa Pinto publicado a 4 de março de 1922 na *Ilustração Portuguesa*: “*Exposição dos Consagrados*” (Pormenor) - Registo fotográfico original de autoria desconhecida, 1921 – Ext. *Ilustração Portuguesa*. n.º 837, Lisboa: 4 de março de 1922, p. 196.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

participação gráfica num mensário luso-brasileiro recém-formulado, a *Revista Atlântida*⁷⁸. Filho "biológico" de *Amarante* e "adotivo" do *Porto*, curiosamente é nas viagens (externas ou internas), realizadas por necessidade, estudo ou amizade, que a sua arte denota abertura a processos ambiciosos perante o paradigma habitual. Na plenitude dos seus desígnios, privilegia as ambiências de alguma expedição visual para criar momentos de diferença (*Leça: subjetividade paisagista; Brasil: abstracionismo; Minho, Douro e Alto Douro: fauvismo e expressionismo*), no seu cartel ideológico e conviver com os motivos que as obras que ilustra o obrigam a registar.

Neste sentido, entre os anos subsequentes à chegada do *Brasil*, verificada ainda em 1915, e grande parte da década de (19)20, reforça a assiduidade em termas, estâncias ou residências de amigos dispersas pelo território nacional⁷⁹. São referências habitacionais que classificava metaforicamente como *ateliers de passagem*⁸⁰, com paisagens e ambientes diversos, perpetuados em múltiplas *telas e desenhos* de "escarpas, rios, vinhedos, ramadas, recantos rústicos, costumes, habitações rurais e esferas intimistas"⁸¹.

Com a emergência dos anos 20, *Portugal* com as suas problemáticas sociopolíticas, inserido numa *Europa* pós-guerra perdida na loucura de *Paris* e *Berlim*, "importadora do *Jazz* e do *Cinema americano*"⁸², assistiu ao último decénio de vida de *António Carneiro*. Aos 48 anos, enclausurado nas suas obrigações familiares e profissionais, permaneceu antitético ao ímpeto vertiginoso dos citados *anées folles* - "loucos anos vinte"⁸³ - e iniciou em 1920 um período dual, pontuado pelo crescente *solilóquio* da arte e a tragédia existencial.

O arranque da década denota a tentativa individual de dissipar uma necessidade flagrante da sua carreira artística, a construção de um atelier⁸⁴. Todavia, após a compra de um terreno na zona do *Bonfim (Porto)* e na posse do respetivo projeto arquitetónico, assinado por *Raul Lino*, a sua economia deficitária adiou a consumação deste sonho. Com a hipótese de construção imediata do atelier suspensa na mente, pelo menos até 1922, em 1921, a par da agressividade súbita das paisagens termais de *Monção*⁸⁵, registou numa passagem de veraneio em área balnear da *Figueira da Foz* uma síntese inédita do compor-



Fig. 104 "Luar" (Nocturno - Vista do Porto / Leça da Palmeira (?) em 1910) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1910 - Ext. <http://www.artnet.com/artists/antonio-teixeira-carneiro-junior/luar-RFxD3fEaO6RNWZRa9rKSVA2> - 04/02/2017, 10 h 43 m.

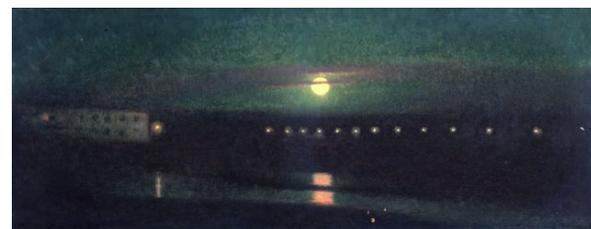


Fig. 105 "Nocturno" (Vista do Porto / Leça da Palmeira (?) em 1911) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1911. Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian - Ext. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/nocturno-156178/> - 04/02/2017, 10 h 48 m.



Fig. 106 "Praia com casario" (Marinha - Leça da Palmeira (?) - 1913) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1913 - Ext. http://www.artnet.com/artists/antonio-teixeira-carneiro-junior/praiacom-casario-o6oDSWZtNjm8LqIpTgL_KQ2 - 04/02/2017, 10 h 28 m.

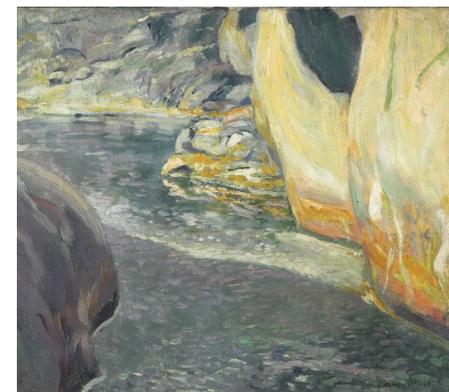


Fig. 107 "Paisagem de Melgaço em 1921" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1921. Lisboa, Museu Calouste

Gulbenkian - Ext. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/paisagem-de-melgaco-138972> - 04/02/2017, 10 h 57 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

-tamento contemporâneo. Prestou maior atenção à ação humana, diluindo iconograficamente os agentes da “diáfana animação mundana”⁸⁶ (aglomerados de banhistas, divertimentos infantis, guarda-sóis coloridos), inexistentes nas paisagens meditativas de *Leça* e que aqui, sob suporte técnico semelhante, ressaltam no areal pelo ritmo e vivacidade tonal (*Leça* – acalmia: poética psicológica / *Figueira da Foz* – agitação: comportamento social dos anos (19)20).

Em meados desta década - após passagens expositivas por *Lisboa* e *Coimbra*⁸⁷ em 1922 e uma homenagem *amarantina* de 1924⁸⁸ – o ano de 1925 sublimou o início de uma oscilação sensitiva na sua última fase existencial. Com a deterioração do estado de saúde e respetiva morte de *Maria Josefina*, entre dezembro de 1925 e 12 de janeiro de 1926⁸⁹ - vítima de tuberculose - a perturbação emocional da perda levou *Carneiro* a intensificar o seu refúgio íntimo na arte (*pintura e poesia*)⁹⁰. Até 1927 expressou o seu luto através do silencioso registo gráfico, autênticas “rezas pictóricas”⁹¹ de pormenores interiores de igrejas. Foram recobros meditativos de *Santa Cruz de Coimbra*, *São Francisco*, *São Bento* e *Sé do Porto*, cuja profundidade metafísica, de solidão e culto, reforçou com clarividência a ideia da sua obra de arte como um prolongamento espiritual⁹².

Seguindo as palavras do próprio artista, é envolto numa aura de “nuvem densa e tristíssima”⁹³ devido à doença agravada da filha⁹⁴, que em fevereiro de 1925 obtém o produto acabado do ambicionado atelier pessoal. Inaugurado com uma exposição de pinturas e desenhos, este complexo, situado na rua *Barros Lima* (atual *Rua António Carneiro*) tornou-se uma realidade na sua vida através da intervenção de *Oliveira Cabral* (1890 – 1974) e do financiamento que conseguiu do capitalista e colecionador *Domingos Rufino*⁹⁵.

Com o atelier construído, usufruiu no fim da vida da amplitude espacial e iluminação propícia ao efeito artístico que a sua obra, apesar dos condicionalismos precedentes, conseguira fazer adivinhar permanentemente. Neste “museu pessoal”⁹⁶, alternou entre a individualidade silenciosa do ato criador e a tertúlia literária com a geração que liderou - e que aqui recebeu, rodeado por paredes povoadas de sombras de maturidade, sorrisos infantis, paisagens meditativas, aguadas céleres, interiores de perda



Fig. 108 “Melgaço I” (“Paisagem de Melgaço em 1921”) – Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1921. Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian - Ext. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/melgaco-i-138970/> - 04/02/2017, 10 h 57 m.



Fig. 109 “Paisagem em 1921” – Original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a Pastel sobre Papel, 1921 - Ext. <http://www.artnet.com/artists/antonio-teixeira-carneiro-junior/paisagem-5l1q0smA3MOwvwVZvuw6fw2> - 04/02/2017, 11 h 03 m.



Fig. 110 “Menina com o gato” (*Maria Josefina, a filha de António Carneiro retratada em 1900*) – Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1900. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis - Ext. <http://charco-frio.blogspot.pt/2011/02/antonio-carneiro.html> - 04/02/2017, 11 h 18 m.



Fig. 111 “Maria Josefina em 1905” - a filha de António Carneiro retratada em Leça da Palmeira no ano de 1905) – Original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1905. Sintra, Museu das Artes de Sintra - Ext. <http://museuvirtual.cm-sintra.pt/obra-em-destaque/314-maria-josefina-em-1905> - 04/02/2017, 11 h 27 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

dolorosa, fantasmas perpétuos, simplicidade linear e ma-lhas nervosas⁹⁷.

Apontado como um dos "símbolos da geração saudo-sista d'A *Águia* e da *Renascença Portuguesa*"⁹⁸, este pólo laboral permaneceu indissociável dos últimos anseios simbólicos de *António Carneiro*. Apreciador de problemáticas metafísicas e sínteses humanas, foi no perfil de ilustrador - ativo desde a viragem do século - e pleno usufruto das potencialidades do atelier que despoletou, entre 1925 e 1929, os múltiplos registos e versões de "*Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos*"⁹⁹. E aprofundou em 1928 a "agilidade de pensamento"¹⁰⁰, constituído pelo estudo gráfico de interpretação do *Inferno*, o primeiro cântico de *A Divina Comédia* de *Dante Alighieri* (1265 - 1321)¹⁰¹.

Chegado o mês de junho de 1929, após a conclusão da segunda versão da sua *Lírica Camoniana* - um dos poucos quadros em que denota interesse acentuado de venda - perante a inexistência / desinteresse de capital nacional na sua aquisição, embarca no pacote *General Osório* com destino ao *Brasil*, quinze anos após a primeira viagem. Próximo de completar 57 anos de idade, é agora um homem "cansado e envelhecido"¹⁰², vitimado pelos cardos sentimentais e económicos da sua vida, que tenta atingir no *Brasil* a estabilidade que a Pátria lhe negava, distraída do valor da sua arte espontânea.

Na chegada ao *Rio de Janeiro*, hospedou-se no *Hotel Suíço* e contemplou um ambiente agora sumptuoso e excessivo, bem distinto daquele que perpetuou nas suas aquarelas de 1914 - 1915. Protagonizando uma estadia profusamente solicitada pela imprensa local¹⁰³, cujas entrevistas reforçaram a clarividente cultura artística que possuía e o sentido pioneiro *antinaturalista* da sua maturidade¹⁰⁴, inaugurou a 19 de agosto um núcleo expositivo na *Galeria Jorge*. Com objetivo primordial direcionado para o comércio, sobretudo a venda da segunda versão de "*Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos*", não obteve na clientela do *Rio* a procura desejada; e, por isso, recebeu aconselhamento a permutar de cidade.

É já em *São Paulo*, abalado pelo malogro da crise brasileira e sequente nomeação que recebera de *Portugal* para o cargo de Diretor da *A.P.B.A.*¹⁰⁵, que consegue por



Fig. 112 "*Maria Josefina em 1925*" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Pastel sobre Papel, 1925. Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian - Ext. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/stitulo-152708/> - 04/02/2017, 11 h 35 m.



Fig. 113 "*Maria doente*" - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Desenho a Água-tinta sobre Papel, ca.

1925 - 12 janeiro de 1926 - Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/28938119904/in/photostream/> - 04/02/2017, 11 h 41 m.

Fig. 114 *Fotografia de Maria Josefina e pormenor da sua inscrição manuscrita, que aponta a data da sua morte para o ano de 1926* (assinalado por "seta azul"); pertencente a Francisco Costa Queiroz, cunhado de António Carneiro - Coleção particular. Cortesia imagética de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro.



Fig. 115 "*Carlos Carneiro como Cavaleiro*" (retratado pelo pai, A. C. em 1928) - Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1928. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis - Ext. <http://charcofrio.blogspot.pt/2011/02/antonio-carneiro.html> - 04/02/2017, 11 h 54 m.

fim atingir, no final de uma exposição curta (que principia a 4 de novembro no *Prédio Glória*), o pressuposto desta viagem. Consumou então, no fecho da mostra, com *Francisca Sampaio Monteiro da Silva* – de origem portuguesa – o negócio que lhe permitiria um desafogo existencial que nunca obtivera desde a infância: "(...) *no dia em que ia encerrar a exposição, quando já tinha perdido a esperança de o vender, entrou uma jovem (...) olhou o quadro atentamente, observando-o de diferentes ângulos, e perguntou o preço (...) 240 contos, e isto impedira outros admiradores de o adquirirem. A menina não discutiu (...) tirou da malinha de mão o livro de cheques, escreveu a importância, assinou, entregou-o (...)*"¹⁰⁶.

Retido no *Brasil* até 1930, viveu o 36.º aniversário de matrimónio que perpetuou no soneto *Victória* dedicado a *Rosa*¹⁰⁷. Contudo, nunca esqueceu a problemática laboral na *Academia* e é num profundo estado de crise espiritual que embarca a 8 de janeiro no *General Mitre* com destino a *Portugal*.

Beneficiário de uma estrutura financeira inédita que lhe permitiria subsistência familiar e interregnos de encomendas, privilegiando necessidades plásticas pessoais – Ilustração de *A Divina Comédia*, projeto iniciado oficialmente em 1928 para o qual previa uma década de trabalho – , chegou ao *Porto* no final de janeiro numa situação antitética daquela que o sucesso obtido devia promover. Bastante debilitado, fustigado pela sombra da nomeação diretiva, hipótese de despedimento e uma enfermidade contraída, demonstra que o seu perfil humano não se coadunava com sucessos materiais e reconhecimentos públicos.

No seu leito, será rodeado pelos motivos constantes e suportes efetivos da sua verdadeira poética pictórica, a família e os amigos íntimos. Durante três meses lamentou o impedimento de professar a sua *Arte* – tal como *Carrière*, inspiração da sua maturidade o fizera diante da morte¹⁰⁸ – visto que vivia subjetivamente através dela. No dia 31 de março, pelas 22 horas, na sua residência portuense, *António Carneiro* na iminência dos 58 anos de idade, abandonou em definitivo a curta ponta de lápis que o acompanhava permanentemente, soberana "*interprete dos enigmas das almas*"¹⁰⁹, considerada pela dimensão um veículo de simbiose corporal com o culto da linha e da mancha. Faleceu e fechou-se assim, perante uma hepatite, o seu álbum gráfico de lembranças e experimentações.



Fig. 116 *António Carneiro em 1913* - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1913. Amarante, Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso (Cortesia Imagética).

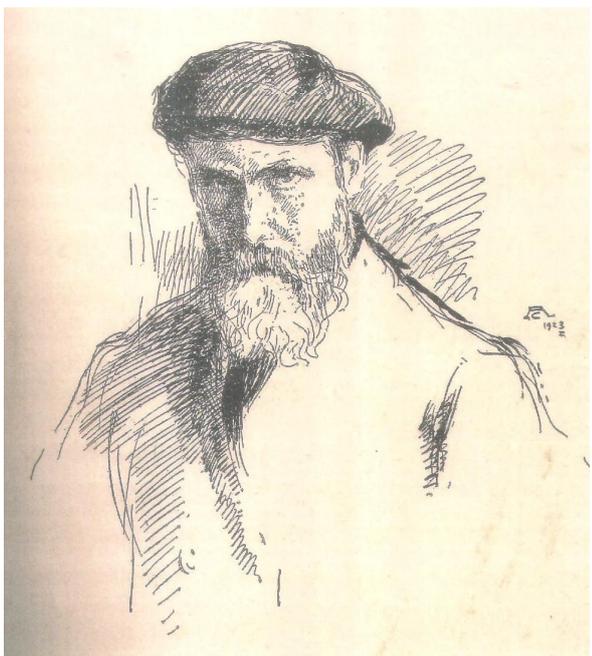


Fig. 117 *António Carneiro em 1923* - Autorretrato original de António Carneiro (1872 – 1930), Desenho a lápis sobre papel, 1923 - Ext. *Revista do Norte*. Vol. I, n.º 6, Porto: junho de 1955, (s/p) - capa.

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Perfil Biográfico do retratado: O Homem, a meditação e o labor estético

Notas & Citações

¹ Separata resultante / extraída do número “2.1”, do segundo Capítulo do Volume I da *Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa* do autor deste estudo, José Carlos de Castro Amorim. Intitulada “*António Carneiro* (1872 - 1930). *Pluralidade e desígnios do Ilustrador*”, classificada, numa escala de avaliação quantitativa de 0 a 20 valores, com dezassete (17) valores; orientada pelo Professor Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo e apresentada, em 2012, ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Ext. AMORIM, José Carlos de Castro - *António Carneiro* (1872 - 1930). *Pluralidade e desígnios do Ilustrador*. Vol. I. Porto: D.C.T.P. / F.L.U.P., 2012, pp. 54 a 80.

² Excerto de entrevista a *António Carneiro*, publicada no ano de 1923 – cf. *Revista Portuguesa*. n.º 10, (s/l): 19 de maio de 1923, p. 13.

³“(…) ao findar do curso na Academia Portuense de Belas Artes assinava com firmeza *Carneiro Júnior* (…)” – cf. *Revista do Norte*. Vol. I, n.º 6, junho. Porto: junho de 1955, p. 149.

⁴ FERREIRA, Jaime – *António Carneiro*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1972, p. 35.

⁵ O próprio assento de batismo de *António Teixeira Carneiro Júnior*, de 17 de setembro de 1872, transcrito e anexado em 1885 ao seu processo de Aluno da A.P.B.A., inclui apenas os nomes da mãe e dos padrinhos, comprovando a ausência paterna no nascimento do futuro artista; o que se manterá posteriormente durante a sua infância e juventude. A primeira referência documental à existência do pai de *António Carneiro* surge no seu requerimento de matrícula na *Academia*, relativo ao primeiro ano do curso de *Pintura de História*, de 19 de outubro de 1891. Implicitamente, através deste registo, aponta-se o princípio da última década do séc. XIX como o período dos possíveis contactos primordiais entre ambos. Até então os requerimentos e documentos identificam apenas *Francisca de Jesus*, sua mãe – em 1888 no seu requerimento de ingresso no primeiro ano de *Escultura* é-lhe aplicado um registo parental incógnito, facto que não se verifica em nenhum documento oficial anterior ou posterior – cf. *Processo individual de aluno António Teixeira*

Carneiro Júnior, disponível para consulta digital no *Repositório Temático da Universidade do Porto* - cf. http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 27/08/2012, 12 h 18 m.

⁶ *Francisca Rosa de Jesus* foi maioritariamente referenciada como executante de pequenos trabalhos de costura, com vista ao difícil sustento familiar entre 1872 e 1879. Por vezes ostracizada pela condição monoparental do seu agregado, foi ainda esporadicamente referida como “criada de servir”. Referência que é comprovada documentalmente na transcrição do assento de batismo de *António Carneiro*: “(…) filho natural de *Francisca Rosa de Jesus, criada de servir* (...) parochiana e moradora na rua de *Dona Maria Pia d’esta freguesia* (...)” - cf. http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 27/08/2012, 16 h 03 m.

⁷ Tertúlias e memórias de serões protagonizados por *Teixeira de Pascoaes* e *António Carneiro*, em estadias regulares na residência do poeta – cf. PASCOAES, Teixeira de – *António Carneiro*. (*Separata de Arte Portuguesa, Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto*). Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 1952, pp. 11 e 17.

⁸ “(…) *Para António Carneiro* (...) ela (a arte), representa enternecidamente essa noiva estremecida. A sua musa chama-se vestal, ainda nas suas carriescas maternidades mais fecundas (...)” – cf. *Ilustração Portuguesa*. n.º 305, Lisboa: 25 de dezembro de 1911, p. 799.

⁹ Complexo sob regência da *Santa Casa da Misericórdia do Porto* desde 1871, foi fundado em 1863 pelo *Barão de Nova Sintra, José Joaquim Leite Guimarães*. Inicialmente conhecido como *Estabelecimento humanitário de Nova Sintra*, foi muitas vezes citado como *Asilo do Barão de Nova Sintra* e o seu propósito inicial incidia no “acolhimento e educação de crianças abandonadas e recolha dos chamados vadios, julgados em tribunal”. Conhecido pelo suporte formativo proporcionado a *António Carneiro*, e a milhares de jovens necessitados, desde 1972 tem como designação oficial: *Colégio Barão de Nova Sintra* - cf. Aa. Vv. - *António Carneiro revisitado na galeria dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: S.C.M.P., 2011, pp. 55, 99 e 100.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

¹⁰ "(...) As melhores horas da minha primeira vida, de Artista-criança, me dizia ele, tinha-as, quando ia com os meus companheiros de Asilo aos enterros, por colher das tochas a cera que delas escorria, durante os ofícios, em que, depois, eu modelava (...)" - Memória da infância de asilado, confessada ao Visconde de Vila Moura em Ance-de - cf. VILA MOURA, Visconde de - *O pintor António Carneiro. (Separata de Portucale, vol. IV)*. Porto: Portucale, 1931, p. 12.

¹¹ O seu contacto com grafismos, iluminuras de fólhos religiosos - usados em celebrações sacras - e ilustrações publicadas em revistas e periódicos pertencentes à S.C.M.P., permitiu-lhe uma prática regular do desenho desde criança. Copiou estes elementos, desenvolvendo pressupostos técnicos e interesse pelo desenho, inclusive como disciplina complementar da literatura e do periodismo. Indiretamente, sedimentou um conhecimento de programas pictóricos, valências plásticas e metodologias que utilizou nas solicitações posteriores que obteve como ilustrador (p. ex., a ilustração de base religiosa aplicada em *O Santo*, de Manuel da Silva Gaio - 1927, com iconografia franciscana e cristológica) - cf. *Revista Sapiens. História, Património e Arqueologia*. n.º 1, (s/l): julho de 2009, p. 103.

¹² Perante a capacidade artística revelada, a Mesa Administrativa da S.C.M.P. facultou, a título excepcional, a inclusão de António Carneiro no meio formativo da *Academia Portuense de Belas Artes*. A expensas daquela instituição, frequentou com aproveitamento a totalidade dos cinco anos do curso de *Desenho Linear*, comprovados pelos requerimentos de ingresso / matrícula apresentados no seu processo de aluno entre 1885 e 1890. Entre 1888 e 1890 cursou também *Escultura*, sob orientação de António Soares dos Reis. Apesar da existência do respetivo requerimento de ingresso no terceiro ano desta área, datado de 28 de outubro de 1890, Carneiro não concluiu este curso, abandonando a sua frequência regular um ano após o trágico suicídio do seu mestre, verificado em 1889 - cf. http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 30/08/2012, 15 h 05 m.

¹³ Resultante do seu mérito artístico e competência laboral na área do *desenho*, cujo curso concluiu em 1890, desde outubro de 1890 até abril de 1891 assumiu a responsabilidade de regência pedagógica da *Aula de Desenho* do seu estabelecimento de internato. Facto subscrito pela tutoria de Joaquim Vitorino Ribeiro (1849 - 1928), personalidade artística de renome da cidade do Porto, à época *Conservador titular da Galeria de retratos da Misericórdia do Porto (Galeria dos Benfeitores)* e habitual docente da disciplina - cf. *Portucale. Revista ilustrada de*

cultura literária, científica e artística. vol. III, n.º 15, Porto: maio e junho de 1930, p. 243.

¹⁴ Com quem terá contactado pessoalmente apenas em meados da década de 90 do séc. XIX - cf. CASTRO, Laura - *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004, p. 11. António Teixeira Carneiro (pai), num regresso definitivo a Amarante, onde posteriormente fundou o jornal *A Flôr do Tâmega*, surpreende o filho, como comprova o relato de Pascoaes: "(...) Chegado ao Porto, bate à porta do filho, que lha abre e estaca, muito surpreendido (...) o senhor quem é? (...) Sou o seu pai (...) o silêncio empedrou as duas figuras (...) O artista perdeu a quem o entregara à triste sorte (...)" - cf. PASCOAES, Teixeira de - *Ob. cit.* (1952), p. 17.

¹⁵ *Portucale. Revista ilustrada de cultura literária, científica e artística*. Vol. III, n.º 15, Porto: maio e junho de 1930, p. 243.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ "(...) Saído do Asilo (...) procurou emprego de amanuense num cartório da cidade e daí partiu para Lisboa (...) tentando ocupação artística (...) passou fome (...) regressou ao Porto, para continuar o curso de pintura (...)" - cf. FRANÇA, José-Augusto - *António Carneiro (1872-1930)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, p. 15.

¹⁸ Desde os primórdios da sua inclusão na A.P.B.A., pelo seu perfil espiritual e condição de asilado em valência de tutela religiosa, foi cognominado pelos condiscípulos da *Academia* como o *Mongezinho de Nova Sintra* - uma denominação invocada em relato do Visconde de Vila Moura, datado de 1931, quando cita uma confidência do arquiteto José Marques da Silva (1869 - 1947), companheiro de formação de Carneiro, junto ao jazigo do artista - cf. VILA - MOURA, Visconde de - *Ob. cit.* (1931), p. 11.

¹⁹ Requerimento de ingresso / matrícula apresentado e aprovado em 19 de outubro de 1891: "(...) António Teixeira Carneiro J.or, filho de António Teixeira Carneiro (...)" - cf. http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 30/08/2012, 16h 32m.

²⁰ Destacando-se pela sua literacia, publicou o primeiro conjunto de poemas em 1891. O mesmo ano em que conhece um futuro investidor, o 1.º Marquês de Praia e Monforte. Em 27 de março de 1892 publica, no jornal bracarense *A Pátria*, uma nova poesia intitulada *Realidades* - cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), p. 177. Afastado de vulgaridades, desde cedo filtrou o seu círculo amistoso e revelou interesse na desenvoltura doutrinária do seu meio, nomeadamente através do periodismo - área fértil de participação gráfica como ilustrador, na

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

maioria do seu desígnio laboral. Embora denuncie desde a infância uma personalidade introvertida, quase monacal, em 1894 assumiu a direção artística de um efêmero movimento editorial, o da revista *A Geração Nova* (1894 - 1895), participação sua, conjunta com literatos e artistas portugueses, que durou até ao sexto número, sendo substituído no cargo por Ângelo de Lima (1872 - 1921) - cf. MELO, Isabel Maria Pinto de Souto - *O Anfigurismo na Poesia de Ângelo de Lima. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: F.L.U.P., 2003, p. 31. - vd. *A Geração nova. Jornal de Arte*, n.º 1 (n.º especial dedicado a Fialho de Almeida), n.º 2 (n.º especial dedicado a Camilo Castelo Branco), n.º 3 (n.º especial dedicado a Gomes Leal), n.º 4 (n.º especial dedicado a Manoel de Moura), n.º 5 (*Fausto Guedes Teixeira*), n.º 6 (n.º especial dedicado aos "poetas mortos"). Coleção em depósito na B.P.M.P..

²¹ Companheira inseparável das vivências do artista, personificou um ideal feminino inspirador para momentos da sua lírica poética e pictórica. Apesar das dificuldades materiais, o casal viveu em harmonia e amor, constituindo o meio familiar saudável que tanto prezou e perpetuou. Rosa, alegoricamente citada como a sua *Madona* (título aplicado em retratística que a representa - p. ex., *Madona*, n.º 26 da II série da revista *A Águia*, de fevereiro de 1914), deu-lhe três filhos: *Cláudio* (1895 - 1963), ilustre compositor; *Maria Josefina* (1898 - 1926), falecida aos 27 anos, vítima de tuberculose; e *Carlos* (1900 - 1971), notável artista, à imagem do pai.

²² Conterrâneo *amarantino*, poeta, companheiro de tertúlias e serões, com quem partilhou princípios estéticos, ideais e uma fiel amizade desde 1895, em deslocação a *Amarante* na companhia do seu pai. Segundo testemunho de Pascoaes: "(...) Conheci-o ainda, muito jovem, como estudante. E eu também o era, nesse ano, talvez o de 1895 (...) ele com os seus 21 ou 22 anos, de jaquetão abotoado, muito ereto, já senhor do seu destino, de buço e espessa cabeleira (...)" - cf. PASCOAES, Teixeira de - *Ob. cit.* (1952), p. 12.

²³ Com núcleos de obras orientadas por uma estética marcadamente académica, influenciada pelos desígnios naturalistas da *Academia Portuense*: "(...) Nos meados da década de 80 participa nas primeiras exposições coletivas. Conhecem-se dos inícios da década de 90, algumas obras do pintor (...) de acentuado traço escolar (...) retratos de amigos ou figuras amarantinas (...)" - cf. CASTRO, Laura - *Ob. cit.* (2004), p. 9.

²⁴ Ensaio remissivo da sua proximidade com o movimento simbolista francês, abordagem ao episódio cristológico

segundo uma perspetiva distinta dos demais académicos portugueses: "(...) Já então a sua conceção de arte se desviava dos que procuram apenas o esplendor das formas. Jesus, na sua túnica branca, evocando uma lenda de piedade, não era unicamente um assunto - era um símbolo (...)" - cf. BRANDÃO, Júlio - *Galeria das Sombras. Memórias e outras páginas*. Porto: Livraria Civilização, 1935, p. 192. - vd. Reprodução fotográfica do quadro em depósito na B.P.M.P. - cf. *Jesus e a lenda do martyrio* (material gráfico) / *Carneiro Júnior*, Porto: Fotografia Guedes, 1896.

²⁵ "(...) A prova final foi muito apreciada (...) e discutida também, favorável e desfavoravelmente, devido ao tema (...)" - cf. FERREIRA, Jaime - *Ob. cit.* (1972), p. 46.

²⁶ Academia artística parisiense criada por *Rodolphe Julian* (1834 - 1907) em 1868. Ao longo da sua atividade regular diferenciou-se pelo ambiente cosmopolita, principalmente vincado pela diversidade de alunos internacionais que recebia. Perante a dificuldade de ingresso de estrangeiros na *École des Beaux-Arts*, a *Julian* marcou a educação artística francesa e foi sobejamente apreciada e selecionada como destino formativo complementar pelos artistas portugueses na viragem do século (XIX - XX) - cf. OLIVEIRA, Maria João Lello Ortigão - *Aurélia de Sousa em Contexto. A cultura artística do fim de século*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006, pp. 342 - 344.

²⁷ Apesar de responder a encomendas de retratística frequentes para sustento familiar desde 1895, a sua condição económica era limitada e não lhe permitia suportar os encargos da viagem, estadia e ingresso na *academia parisiense*, visto que não usufruía do estatuto de bolseiro estatal. Sensibilizados, amigos como *Alberto de Oliveira* (1873 - 1940) e *Magalhães Lima* (1859 - 1936), intercederam em 1896 junto do 1.º *Marquês de Praia e Monforte*, apoiante do artista desde 1891, para obtenção de uma bolsa mensal para os estudos de *Carneiro*. Com o contributo monetário do *Marquês*, ao qual o próprio *Alberto de Oliveira* e outros amigos acrescentaram verbas mensais, o seu projeto formativo externo obteve viabilidade financeira. Confirma-se também a existência, após requerimento do artista, de mais um subsídio anual para o efeito, neste caso de "160.000 réis", concedido pela *Mesa Administrativa da S.C.M.P.*, confirmado em ata manuscrita de uma Sessão ordinária desta instituição data de 30 de dezembro de 1896: "(...) Pode a Misericórdia abandonar a meio do caminho a educação artística, que dirigiu e fomentou, d'um seu distinto filho adotivo? Não pode nem deve (...) N'estes termos e tendo o supplicante *Carneiro Júnior* obtido já de dois beneméritos cavalheiros a importância annual de 600.000 réis, propomos-lhe o

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

subsidio annual de 160.000 réis (...)” – cf. *Ata n.º 26*, de 30 de dezembro de 1896, do *Livro de Atas da Mesa Administrativa*, publicada em: Aa. Vv. - António Carneiro revisitado (...), *Ob. cit.*, pp. 110 e 111.

²⁸ Área de presença constante de personalidades portuguesas de diversos tipos. Compatriotas de estudo, ideais e amizade, residentes ou visitantes esporádicos, que António Carneiro recebia frequentemente em ambiente de tertúlia neste atelier francês, casos dos irmãos Teixeira Lopes, Correia de Barros, Dinis Neves, Alfredo de Magalhães, Francisco de Lacerda, etc..

²⁹ CASTRO, Laura – António Carneiro. *O universo no olhar*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Edições Afrontamento, 1996, p. 21.

³⁰ Curiosamente, duas vertentes que se opunham em discussão no meio parisiense frequentado por António Carneiro: o simbolismo límpido (classicista) de Puvís de Chavannes e a neblina psíquica, aplicada a círculos íntimos e sentimentais, professada por Carrière e Rodin. Entre estes dois caminhos o artista recenseou o essencial de ambas em todo o seu percurso. Assim o comprovam obras de períodos similares, como o caso do tríptico *A Vida* (1899 - 1901), próximo da luz simbólica de Chavannes e o *Ecce Homo* (1901), direcionado para o “esfumado” psíquico de Carrière – cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), p. 17.

³¹ Durante os anos de residência em França conviveu com acontecimentos e correntes de pensamento plásticos cruciais para a maturação da sua identidade estética. Em 1897, assistiu à exibição pública de *Le Frise de La Vie* de Munch, no *Salon des Independants* e poderá ter recebido notícias acerca da obra *D’Où venon nous? Que sommes-nous? Où allons-nous?*, pintada por Paul Gauguin (1848 - 1903), no *Taiti*. Duas reflexões acerca do ciclo existencial do humano e do meio, hipotéticas bases concetuais para a sua interpretação tripartida, pela via pictórica de Puvís de Chavannes, em *A Vida*. Conhece a fundação em 1898 de uma nova academia de sentido livre por parte de Eugène Carrière – frequentada por Henri Matisse (1868 - 1954) e André Derain (1880 - 1954) – e contempla *La Deserte* de Matisse, no *Salon de La Nationale*. Em 1899, antes de viajar por solo italiano, presencia a polémica recusa por parte da *Société des Gens de Lettres* da obra *Balzac*, de Auguste Rodin, apresentada publicamente. Visita a exposição dos *Nabis*, tributada a Odilon Redon (1840 - 1916) na galeria *Durand-Ruel* e conhece uma mostra da irmandade artística de *La Rose-Croix* – cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), pp. 16 e 17.

Em 1900 conviveu, na *Exposition Universelle de Paris*, com obras de uma corrente de artistas britânicos de

quem recebe ligeiros influxos, os Pré-Rafaelitas John Everett Millais (1829 - 1896) e Edward Burne-Jones (1833 - 1898) – cf. OLIVEIRA, Maria João Lello Ortigão - *Ob. cit.* (2006), p. 24.

³² PAMPLONA, Fernando de – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*. vol. II, 4.ª Edição. Barcelos: Livraria Civilização, 2000, pp. 53 e 54.

³³ “(...) Mas as montanhas! Tenho por elas inclinação especial, e isso vem-me, talvez da infância: fui embalado, do berço até aos sete anos no meio daquelas soberbas montanhas do Marão. São duradoiras as impressões que nos vêm do berço (...)” - ao observar algumas montanhas italianas, recorda no seu diário a ligação telúrica ao Marão e à primeira infância em *Amarante* – cf. VASCONCELOS, Flórido de – *Notas de Viagem a Itália (1899) de António Carneiro. (Separata da Revista de Estudos Italianos em Portugal, n.ºs 45-47. 1982-1984)*. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1986, p. 103.

³⁴ VILA MOURA, Visconde de – *Ob. cit.* (1931), p. 38. Esclarece os interesses e objetivos de equilíbrio, entre a vanguarda (*França*) e a tradição (*Itália*), que António Carneiro pretende com a sua estadia em *Itália*.

³⁵ Submetendo a exibição duas peças de retratística: um *Autorretrato* e um retrato de *Alfredo Coimbra*; um apontamento de estudo de cabeça para a figura masculina do painel central – *Amor / Maturidade* - do tríptico *A Vida*; e a composição final de índole simbólico – religiosa, *A Fonte do Bem*.

³⁶ Considerando a França como a sua segunda pátria, o ambiente cultural parisiense marcou António Carneiro, que permaneceu perpetuamente ligado aos seus pressupostos e agentes. Em viagens familiares voltou regularmente a Paris até 1914, ano da eclosão da 1.ª Guerra Mundial. Nestas viagens visitava museus e exposições - é atribuído a uma viagem de 1901 o possível visionamento de quadros iniciais do período azul de Pablo Picasso (1891 - 1973), na *Galeria Volard*; e em 1903 uma exposição de Gauguin – cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), p. 20. Respondia também a encomendas e, como comprova a constituição da sua biblioteca pessoal (atualmente no *Centro de Estudos António Carneiro*, na C.O.A.C.), adquiria livros sobre movimentos e artistas que apreciava, como Chavannes e Rodin – cf. CASTRO, Laura - *Ob. cit.* (2004), p. 29.

³⁷ Para os bolseiros a estadia em França tornava-se um ponto de partida para viagens de estudo secundárias. Para além do imperativo desejo de conhecimento da Itália, no fim do séc. XIX e início do XX a Flandres e a

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Inglaterra – do atmosférico William Turner (1775 - 1851), da literária Irmandade Pré-Rafaelita (ca.1848) e do oficial Arts and Crafts (ca. 1880 – 1940) - atraíram frequentemente estes estudiosos da arte. Neste segmento, a paragem de António Carneiro na Bélgica supõe novo contacto com um estilo decorativo em voga na Europa, a Arte Nova (cujo apogeu presenciara ainda em Paris na Exposição Universal), localmente pela via de um dos seus impulsionadores, o arquiteto Victor Horta (1861 - 1947). Sucedeu isso em consonância com um interesse implícito de melhoria do seu conhecimento historicista acerca da estética flamenga, que já de algum modo lhe fora revelada através dos acervos de museus franceses e da viagem a Itália em 1899. A partir de 1900, aquele país torna-se um destino frequente e inspirador para alguns apontamentos paisagistas, citando-se *A Catedral de Santa Gúdula – Bruxelas*, ca. 1903, exposta em Lisboa no IV Salão da S.N.B.A. de 1904. Como complemento de regressos esporádicos a Paris, a conjuntura do mercado belga sugeriria hipotéticas encomendas de retratística, referenciadas em epistolografia trocada no início do século com Ramiro Mourão e sua filha Eugénia – cf. CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 23.

³⁸ Terminologia representativa de um estado de espírito no rescaldo da experiência francesa, testemunhando, em Portugal, a saudade que nutria pelo universo mental em que evoluiu na capital artística da contemporaneidade. A Saudade é aplicada ao último estado do Homem, ao momento em que se aproxima da morte no contexto do tríptico *A Vida*. Mas, para Carneiro, esta Saudade assinalou também uma frustração. É o vaticínio em 1901 da incompreensão da crítica, da rejeição geral perante a diferença da sua arte (aglutinada no mesmo ano pelo seu autorretrato personificando a figura de Cristo condenado ao suplício – *Ecce Homo* – rejeitada por divergências iconográficas pela S.C.M.P.), maleitas que dificilmente teria de enfrentar em Paris, a sua “cidade única do espírito e da arte” – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 24.

Representa um clamor que o artista levanta à necessidade de mutação rápida de paradigma, de renovação estrutural do pensamento português contemporâneo, distante da mentalidade europeia, deficitário de reflexão e identidade (princípio de mudança simbolicamente representado pela presença simultânea de uma criança desnuda, ladeando a figura feminina de negro, em reflexo da pureza da primeira infância, da existência do início do ciclo de renovação circular e melhoria da vida).

³⁹ Segundo crónica descritiva desta exposição de 1901, publicada posteriormente, no entendimento de António Lemos evidenciam-se, para além do tríptico *A Vida* e do

estudo final para *A Fonte do Bem*: “(...) paisagens - *Tarde no mar (...)* *Campo de trigo (...)* *em Auray (...)* *em Leça (...)* *o Tâmega (...)* *Pinheiros ao cair da tarde; retratística - Marcos Guedes (...)* *António Patrício (...)* *Alfredo de Magalhães (...)* *J. Teixeira Lopes; e esboços a sanguínea de figuras diversas para as composições simbolistas - Figuras para a Fonte do Bem (...)* *Estudo para o quadro do Amor (...)* *Figura da Esperança (...)*” – cf. LEMOS, António – *Notas d’Arte*. Porto: Tip. Universal, 1906, pp. 18 e 19. – “(...) *Do ponto de vista do discurso visual, a exposição do início do século e a de António Carneiro não é exceção, apresentava o modelo característico herdado dos salões: as obras acumulavam-se independentemente da sua dimensão, do género e do tema (...)* *não se deteta também a tentativa de aproximar estudos das obras finais (...)*” – cf. Aa. Vv. – *António Carneiro revisitado (...)*, *Ob. cit.*, p. 69.

⁴⁰ “(...) António Teixeira Carneiro Júnior, pedindo para realizar por espaço de um mez, na galeria de retratos d’esta Santa Casa, a exposição de trabalhos de pintura seus, executados durante a sua permanência em Paris, e mediante o pagamento de um subsídio (...) que tomará por quaisquer prejuízos que possam advir da instalação e desmontagem dos quadros (...)” – cf. *Ata n.º 29 da sessão ordinária da Mesa Administrativa da S.C.M.P.*, de 7 de fevereiro de 1901, publicada em: Aa. Vv. – *António Carneiro revisitado (...)*, *Ob. cit.*, p. 51.

⁴¹ Tal como uma das suas inspirações iniciais (*Puvis de Chavannes*), António Carneiro sentia desconforto em momentos de exposição pública. Ainda em Paris, revelou intentos de se desviar desta tipologia de ações e, numa entrevista editada em *A Voz Publica*, justifica a obrigatoriedade de expor no seu regresso a Portugal: “(...) *decidiria mesmo abster-me de qualquer exposição, se não fora o dever que se me impõe de demonstrar aos meus protetores o uso que fiz da sua generosidade. É uma questão de consciência e não de vaidade (...)*” – cf. CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 22. – “(...) *Se não fosse pobre só exporia os seus quadros a íntimos e artistas. Vive para a arte e para os seus (...)* *só ouve a sua consciência de artista íntegro (...)*” – cf. *Diário da tarde*. (s/l): 6 de março de 1901, (s/p).

⁴² Em outubro de 1902 volta a expor individualmente na *Galeria da Misericórdia*, onde se evidenciam pinturas de *História*, encomendas do eborense Francisco Barahona (1843 – 1905), levadas conjuntamente com outras obras, como o tríptico *A Vida*, para o seu palácio em Évora. No mesmo local volta a comparecer em outubro e dezembro de 1904, para apresentar estudos de *A Ceia* e *O Batismo*. De 1903 a 1906 integra os Salões lisboetas da S.N.B.A., com medalha de 2.ª classe na III edição,

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

indiferença do júri e crítica na IV e V, e medalha de 2.^a classe na categoria de desenho na VI. A assiduidade nestes Salões alimentou ainda estadias mensais em Lisboa e novas tentativas, infrutíferas, de fixar residência e clientela suficiente para subsistência familiar, principalmente entre 1904 e 1905. Internacionalmente, mantém o seu lugar nas escolhas portuguesas para as *Exposições Universais*: St. Louis (E.U.A.), 1904 – medalha de prata; Barcelona, 1906 - medalha de prata; e a sua obra regressa vitoriosa do Brasil, com medalha de ouro na exposição do *Centenário do Rio de Janeiro*, em 1908.

⁴³ VILA MOURA, Visconde de – *Ob. cit.* (1931), p. 15.

⁴⁴ Citado por Alberto Mattos, em resposta a questão sobre a sua estadia formativa em Paris, António Carneiro comprovou o gosto e a proximidade de pensamento constante com estes dois artistas por toda a sua carreira: "(...) todo o meu gosto e todas as minhas preferências eram por Carrière e Chavannes (...)" – cf. *O Malho*. Ano XXIV, n.º 1439. Rio de Janeiro: abril de 1930, p. 39.

⁴⁵ Distanciamento do *naturalismo* através de uma paisagem de "pinheirais", cujo ambiente criado pelo caminho vago, entre os pinheiros densos e imperativos, se aproxima da aura simbólica que *Puvis de Chavannes* incute na natureza, segundo inventariação de J.-A. França: *Pinhal*; Óleo sobre Tela; 67,5 x 119 cm; col. Maria Osswald, Porto – cf. FRANÇA, José-Augusto - *Ob. cit.* (1973), p. 156. Primeira referência do gosto de Carneiro pelo motivo arbóreo, pela carga simbólica do pinheiro, que aplica em sonetos (*Os pinheiros*) e programas ilustrativos posteriores – *molduras gráficas, capas, extratextos e grafismos na malha textual*.

⁴⁶ Depreciada pelo júri do concurso *Barão de Castelo de Paiva* de 1902, promovido pela A.P.B.A.. Recebeu apenas o voto de António Teixeira Lopes, amigo pessoal, compatriota na estadia francesa, por isso habilitado a perceber a dimensão subjetiva do *simbolismo* desta obra – cf. LOPES, Teixeira – *Memórias ao correr da pena*. V.N. de Gaia: Câmara Municipal de Gaia, 1968, pp. 316 e 317.

⁴⁷ FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 22.

⁴⁸ "Criança doente" - uma das primeiras maternidades da autoria de Carrière, de 1885, atualmente no *Museu d'Orsay, Paris*.

⁴⁹ A recusa foi baseada no relatório de Joaquim Vitorino Ribeiro, Conservador da *Galeria de Retratos da S.C.M.P.*, registado em ata da *Mesa Administrativa de 6 de setembro de 1901*: "(...) o artista auctor do trabalho se affastára bastante da tradição (...) notára também uma omissão que acha indispensável reparar e que difine

tipicamente as figuras religiosas - a auréola (...)" – cf. *Ata n.º 10 da sessão ordinária de 6 de setembro de 1901*, do *Livro de atas da Mesa Administrativa*, publ. em: Aa. Vv. - António Carneiro revisitado (...), *Ob. cit.*, p. 113.

⁵⁰ "(...) *Cri out'rorra nos homens. Um momento / Das suas mãos fei o meu destino / (...) Por atalhos errei à chuva e ao vento / (...) Um dia, já exausto, retomei / Abandonando tudo, o meu bordão; / (...) Arte, é na tua fúlgida clausura / Que aprendi a ser forte com brandura / Que vejo Deus, porque entendi o amor (...)*" – cf. CARNEIRO, António – *Solilóquios. Sonetos Póstumos*. 2.^a Edição. Porto: Tip. Costa Carregal, 1980, p. 26. Este soneto de sua autoria, intitulado *Arte Redentora*, dedicado à sua obra, expressou as dificuldades do seu caminho e considerou-a uma clausura. Entendia a *Arte* como um momento de recolhimento quase monacal, em cuja reflexão, e fidelidade prestada aos seus princípios, encontrara os únicos métodos para realizar os seus anseios estéticos. O termo clausura denota também a forma como a recusa da clientela e a crítica às suas opções o faziam sentir isolado - preso e menosprezado em relação a outros contemporâneos.

⁵¹ Compilou nesta composição convencional a figura mitológica de *Mercúrio*, liderando uma nuvem de cavalos galopantes que se dirige a três alegorias no plano inferior: envolvidas em manto rosado a *Arte* e a *Indústria*; e com indumentária negra a *Ciência* – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 24. A decoração original encontra-se disponível para observação virtual em: <http://panoramas.ifuturo.net/biblioteca-3/>

⁵² Pressupondo-se contactos precedentes e interesse despertado através de leituras de António Nobre (1867 – 1900), inicia em 1906 a presença anual documentada até 1915, numa residência alugada em *Leça da Palmeira* durante períodos estivais. Aqui desenvolve o seu paisagismo reflexivo, tributa ao trabalho exaustivo, ao mar e aos rochedos nas suas *marinhas*; e convive com intelectuais e amigos – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 84, 85 e 87.

Melgaço pontua as incursões nacionais de Carneiro, ca. 1907 a 1926, através da presença em estâncias termais - uma paisagem minhota que despoletou o único *momento expressionista* da *Arte Portuguesa* – cf. PONTES, J. M. da Cruz – *O pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Minerva, 1997, p. 15.

A sua ligação a Coimbra, cidade do seu amigo Eugénio de Castro (1869 – 1944), inicia-se em 1908 com a vitória, face a Leopoldo Battistini (1865 – 1936), no concurso para a encomenda do retrato de D. Manuel II, posteriormente colocado na sala dos *Capelos da Universidade de*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Coimbra. A partir de 1909 esta cidade e os seus claustros, propícios à introspeção e à *Arte*, representam um destino alternativo face aos insucessos lisboetas. Aqui desenvolveu um vínculo laboral com a *Universidade*, respondendo a encomendas de retratística até 1929 – cf. PONTES, J. M. da Cruz – *Ob. cit.* (1997), pp. 54, 56 e 57.

⁵³ PAMPLONA, Fernando de – *Ob. cit.* (2000), p. 53.

⁵⁴ FRANÇA, José-Augusto – *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2004, p. 217.

⁵⁵ 15 de janeiro, n.º 4 – *Mercúrio: Estudo para o plafond do salão de leitura da A.C.P.*; 1 de fevereiro, n.º 5 – *Portugal, ilustração de poema de Miguel de Unamuno* (1864 – 1936); 15 de fevereiro, n.º 6 – *Victor Hugo*; 1 de abril, n.º 8 – *João de Deus; Manoel de Sousa Pinto*; 1 de julho, n.º 10 – *António Nobre*.

⁵⁶ SAMUEL, Paulo – *António Carneiro. O artista da Renascença Portuguesa*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1988, p. 7.

⁵⁷ Participação iniciada simbolicamente na II série, em janeiro de 1912, com um retrato em extratexto da própria esposa, intitulado *R.C.*, de 1910.

⁵⁸ Em 1918 promove a *Exposição permanente de Arte da Renascença Portuguesa*, registada fotograficamente no n.º 75-76 da II série de *A Águia*, de março e abril do mesmo ano. Para além do *ex-libris* de sua autoria, proliferam múltiplos elementos de retratística, aplicados como complementos gráficos de ilustração, em publicações editadas pela própria *Renascença Portuguesa* – cf. *A Águia. II Série*, n.º 75 – 76, Porto: março e abril de 1918.

⁵⁹ A última referência à sua condição de diretor artístico de *A Águia* surge no n.º 12 da IV série, de novembro e dezembro de 1929. Embora se encontre ausente no *Brasil* para expor, mantém as suas funções de responsável pela secção artística desta revista. Quanto à ilustração, a última participação em *A Águia* aconteceu no n.º 3 da IV série, de junho de 1928, com o desenho *Convalescente*, um apontamento da sua filha - falecida entretanto em 1926 - em momento íntimo de recobro devido à sua enfermidade – cf. *A Águia, IV Série*, n.º 3, Porto: junho de 1928; e *A Águia, IV Série*, n.º 12, Porto: novembro e dezembro de 1929.

⁶⁰ Entre 1917 e 1919 dirigiu a revista sozinho, após a saída de *Teixeira de Pascoaes*, secretariado por *Álvaro Pinto*, que assume o cargo vago em 1920. Em 1922, com a revista sob regência de *Leonardo Coimbra* (1883 – 1936), interrompeu funções, regressando ao seu posto em 1923 e mantendo-se até 1929 – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 30.

⁶¹ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (2004), pp. 24 e 25.

⁶² Escultura de 1903 representativa de *Dante* em atitude meditativa, com o rosto apoiado no seu braço direito. Esse *ex-libris* de *Carneiro* parece conservar uma base ideológica semelhante à de *Rodin*, embora demonstre a sua própria perspetiva diante do conceito formulado. Uma perspetiva resultante de uma conjuntura nacional própria, de um país e respetiva cultura, distante do espírito francês, onde *Rodin* formulou o seu *Penseur*. “(...) *Para distintivo da revista, e do movimento que ela exprimia, Carneiro desenhou em 1911, “um ex-libris” (...) dentro de uma circunferência, um perfil de homem, olhos fechados, boca entreaberta, a testa apoiada num punho talvez crispado. Réplica portuguesa ao “Penseur” de Rodin (...) cabeça de homem exangue, angustiada, mordida de saudades e de ausência (...)*” – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 30.

⁶³ “(...) *António Carneiro foi a alma da sensibilidade da Renascença Portuguesa (...)*” – cf. SAMUEL, Paulo – *Ob. cit.* (1988), p. 44.

⁶⁴ *Idem* – *Ibidem*, p. 47.

⁶⁵ Saudada pelo seu conterrâneo e amigo, o orador *António Cândido* (1850 – 1922), em carta de 15 de novembro de 1911, afirmando: “(...) *É o primeiro passo para uma colocação definitiva (...) relativo sossego d’alma que bem preciso lhe era! (...)*” - carta transcrita em FERREIRA, Jaime – *Ob. cit.* (1972), (s/p).

⁶⁶ FRANÇA, José Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 97.

⁶⁷ Qualidade provada através da estrutura regular sedimentada pelo desenho nos múltiplos programas de ilustração que realizou pela vida fora; e visível na grande quantidade de estudos preparatórios a *lápiz*, *sanguínea* ou *carvão*, cuja densidade plástica supera em alguns casos a própria pintura final. O seu lugar especial como desenhista na contemporaneidade portuguesa foi sublinhado, pois “sempre soube colocar a estrutural força do desenho na base da arte” – cf. LOPES, Joaquim – *Um Artista Excepcional. António Carneiro*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1955, pp. 13, 14 e 17.

⁶⁸ “(...) *É um homem de estatura mediana, grave no vestir, sempre de escuro, brando e comedido nos gestos, voz macia ou cautelosa e barba que já começou há muito a ser grisalha (...)*” - descrição física e psicológica de *António Carneiro* em 1925, transcrita em ALVES, João – *António Carneiro e a pintura portuguesa*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1972, p. 50.

⁶⁹ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1994), pp. 25 e 27. *Eugénia Mourão*, filha de *Ramiro Mourão*, amigo íntimo de *António Carneiro*, é apontada como exemplo dos discípulos

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

particulares a quem A. C. ministrava o ensino artístico no término da década de (19)20. Este outro tipo de atividade é comprovado pelo assunto de alguma correspondência endereçada pelo artista à aluna em 1929, informando da sua impossibilidade de lecionar – cf. FERREIRA, Jaime – *Ob. cit.* (1972), pp. 72-75.

⁷⁰ *Albino Forjaz de Sampaio* a 28 e *José de Figueiredo* a 31 de dezembro, referiram desse modo a exposição, em crónicas publicadas no mesmo órgão de imprensa lisboeta, o periódico *A Luta* – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 25 e 27.

⁷¹ *Manoel de Sousa Pinto* realizou o prefácio do catálogo das 171 criações exibidas. No seu corpo textual assinou analogias entre *Carneiro* e *Carrière*, concluindo essa nota introdutória com uma frase do próprio artista francês, considerado o esteio da maturidade de *António Carneiro*: "(...) *A transmissão da ideia pela arte, como a transmissão da vida, é obra de paixão e de Amor* (...)" – cf. PINTO, Manoel de Sousa – *Catálogo da Exposição de Quadros e desenhos de António Carneiro. Salão da Ilustração Portuguesa: dezembro*. Lisboa: (s/n), 1911, p. 5.

⁷² "(...) *Columbano* (...) visitou demoradamente a exposição e afirmou que ninguém desenhava melhor (...)" – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 25.

⁷³ Visitou esta exposição em 22 de dezembro, com o seu secretário, o próprio filho, reconhecendo o valor artístico de *António Carneiro* – cf. *Ilustração Portuguesa*, n.º 306, Lisboa: 1 de janeiro de 1912, p. 8. Neste artigo existe ainda um documento fotográfico, que apresenta como fundo uma parede pontuada por registos infantis, retratística e desenhos para ilustração, e onde se pode identificar o artista acompanhado por *Manuel de Arriaga*. Já após a sua morte, este vulto foi retratado por *Carneiro* a partir de fotografia, numa encomenda da *Universidade de Coimbra*, de 1917 – cf. PONTES, J. M. da Cruz – *Ob. cit.* (1997), pp. 29-32.

⁷⁴ Remontando a 1905, na sequência de desprezo lisboeta excluiu na sua "cólera" tentativas posteriores de mudança, afirmando no regresso ao *Porto* que só voltaria à capital para recolher encomendas solicitadas. Classifica então o meio como hipócrita, mercantilizado em demasia e restrito a uma preferência naturalista que refutava a profundidade do seu catálogo – cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 22.

⁷⁵ "(...) *Chegamos aqui hontem* (...) *a viagem foi o melhor possível* (...) *fizemos a bordo boas relações, pois estivemos sobre o mar a fortuna de encontrar-mos magníficos companheiros de viagem* (...) *estamos em pleno inverno aqui, e entretanto faz um calor como o dos melhores dias de verão dos que temos passado em Leça*.

A entrada do Rio vista do Mar é (...) extraordinária de beleza (...) esta cidade é feérica (...) monumental (...) vida que em todos os sentidos se agita (...) vim aqui pensando no vosso futuro (...) a grande força que me impulsionou a uma tam aventurosa empresa (...) – cf. *Carta de 23 de junho de 1914*, endereçada do *Rio de Janeiro* para o filho *Cláudio*. Epístola expressiva das motivações de *António Carneiro*, para a sua aventura brasileira. Pertencente ao *A.H.S.C.M.P.* publicada em: Aa. Vv. – *António Carneiro revisitado (...)*, *Ob. cit.*, p.115.

⁷⁶ Proximidade de abstração lírica perceptível através de confronto visual com duas impressões de bordo, assim intituladas e inseridas no período de viagem ao *Brasil*, ca.1914 – 1915, pertença da C.O.A.C. e publicadas por CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (2004), p. 120 e por ALMEIDA, Bernardo Pinto de – *Caminhos da Arte Portuguesa no século XX. António Carneiro. O voo da águia*. Lisboa: Caminho / Edimprensa, 2005, p. 18.

⁷⁷ Cidade brasileira onde o próprio pintor tem família com assento de residência no ano de 1914. "(...) *Aqui, à nossa espera, estão o primo Bagão e esposa, que vieram de Curytiba expressamente para nos esperar* (...)" – cf. *Carta de 23 de junho de 1914*, endereçada do *Rio de Janeiro* ao filho *Cláudio*, pertencente ao *A.H.S.C.M.P.* publ. em: Aa.Vv. – *António Carneiro revisitado (...)*, *Ob. cit.*, p.115.

⁷⁸ Revista publicada entre 1915 – 1920, idealizada por *João de Barros* (1881 – 1960) e *João do Rio* (1881 - 1921), que visa uma proximidade global e "reinício histórico" entre *Portugal* e *Brasil* - cf. <http://hemerotecadigital.pt/FichasHistoricas/Atlantida.pdf> - 11/09/2012, 00 h 22 m.

Em *A Atlântida*, *António Carneiro* prestou o seu contributo entre o final de 1915 e ca. 1919, com aprox. 13 desenhos de retratística, dedicados a personalidades portuguesas e brasileiras, e uma composição simbólica do episódio religioso da *Anunciação*, num poema de *Augusto Gil* (1873 – 1929).

⁷⁹ Com destaque para: *São João de Gatão (Amarante)* – *Solar de Teixeira de Pascoaes*; *Porto Manso, em Ancede (Baião)* – *Mário Beirão* (1890 – 1965) e *Visconde de Vila Moura* (1877 – 1935); *Noêda (Douro)* – *Júlio Brandão* (1869 – 1947); *Coimbra* – *Eugénio de Castro* e *Manuel da Silva Gaio* (1860 – 1934); *Lisboa e Belinho (Minho)* – *António Correia de Oliveira* (1878 – 1960). Convivências essas registadas em desenhos rápidos, de formato reduzido a *água-tinta*, *lápiz*, *sanguínea*, *carvão*, *pastel* e *aguarela*.

⁸⁰ "(...) *Fui seu companheiro de estudo durante anos – quando ia a Ancede retemperar-se das lidas oficiais, nesse atelier espantoso de Porto Manso (e o qualificativo*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

é seu, digo-o desvanecidamente) – trabalhando à inspiração da luz e côr magnificentes daquelas nossas tam queridas esarpas (...)” – cf. VILA MOURA, Visconde de – *Ob. cit.* (1931), p. 30.

⁸¹ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 50.

⁸² FRANÇA, José-Augusto – *Os Anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 8.

⁸³ Idem - *Ibidem*.

⁸⁴ Até 1925 desenvolveu a sua carreira na residência pessoal no Porto, situada na Rua Joaquim António de Aguiar com o n.º 245. A divisão da casa que lhe servia de estúdio é descrita por Pascoaes como um “pequeno aposento onde o pintor trabalhava contrafeito, sem amplitude e luz essencial às criações da pintura”, portanto uma área demasiado restrita para processos plásticos mais ambiciosos – cf. PASCOAES, Teixeira de – *Ob. cit.* (1952), pp. 7 e 9.

⁸⁵ FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 91 e 92.

⁸⁶ Idem - *Ibidem*, p. 91.

⁸⁷ Expõe individualmente, entre fevereiro e março, na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa, 44 óleos, 41 aguarelas e 44 desenhos em diversos suportes técnicos. Em paralelo com a mostra anterior de 1911, o catálogo foi prefaciado por Manoel de Sousa Pinto. Importa realçar que em termos de público, devido ao estatuto de docente de Desenho da A.P.B.A. que obteve em 1918, existiu maior presença de estudantes de Belas Artes, tributários aos seus desígnios – cf. *Ilustração Portuguesa*, n.º 837, Lisboa: março de 1922, pp. 196-198.

J.-A. França pressupõe exposição coimbrã de António Carneiro em 1922, com auxílio do amigo Eugénio de Castro - cf. FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 91.

⁸⁸ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 26.

⁸⁹ Existe no Arquivo Histórico da S.C.M.P. uma carta de António Carneiro, datada de 4 de dezembro de 1925, que se refere ao estado de saúde, supõe-se que da filha, a qual se encontrava viva mas muito debilitada: “(...) a doentinha soffre mais de dia para dia, e o seu sofrimento reflete-se em todos nós (...)” - reproduzida em Aa. Vv. - António Carneiro revisitado (...), *Ob. cit.*, p. 121.

Confrontando o conteúdo da carta supracitada com um registo fotográfico de Maria, que pertenceu a Francisco Costa Queiroz (retratado a lápis, 1907 e óleo, 1910), cunhado de António Carneiro - na posse de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro – com a inscrição: “Maria Josefina Carneiro. Faleceu em janeiro de 1926

com 27 anos”; e o soneto 12 de fevereiro da autoria do pintor, que assinala o primeiro mês após a morte da filha, subentende-se como possível data de falecimento oficial de Maria Josefina o dia 12 de janeiro de 1926 e não 12 de janeiro de 1925 como habitualmente surge referenciado.

⁹⁰ Escreveu *A Filha, A Casa; 12 de fevereiro, A Mãe; No cemitério e Regresso a Casa*, sonetos dedicados à enfermidade e morte de Maria e conseqüente luto familiar – cf. CARNEIRO, António – *Ob. cit.* (1980), pp. 59-64.

⁹¹ Em soneto de 24 de janeiro de 1923 dedicado ao artista, Mário Beirão reforça a metafísica da arte que este professa, aproximando-a da solenidade de um ato religioso: “Pintas como rezando (...) Etéreas cores (...)” – cf. *Portucale. Revista ilustrada de cultura literária, científica e artística*. vol. III, n.º 15, Porto: maio-junho de 1930, p.145.

⁹² “(...) Nos momentos mais cruciantes da sua existência, até durante a agonia após a morte da filha tão amada, sempre a sua boca reteve lamentos, sempre no seu olhar ardia a chama transfiguradora (...) só o via abatido (...) quando acabava de vender um quadro (...)” – cf. OS-SWALD, Maria – António Carneiro. (*Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XXI, n.ºs 1 e 2). Porto: Câmara Municipal do Porto, 1958, p. 8.

⁹³ Carta de António Carneiro, endereçada a um amigo em 4 de dezembro de 1925, pertencente ao A.H.S.C.M.P. e publ. em Aa. Vv. – António Carneiro revisitado (...), *Ob. cit.*, p. 121.

⁹⁴ Maria Josefina, que já em 1913 apresentava sinais de debilidade física e enfermidade. Características comprovadas por uma epístola da autoria de António Carneiro, endereçada a Cláudio no dia 9 de maio: “(...) Faz porque Maria coma um bocadinho, para não deixar enfraquecer-se mais (...)” – cf. Carta de 9 de maio de 1913, pertencente ao A.H.S.C.M.P. e publicada em: Aa. Vv. – António Carneiro revisitado (...), *Ob. cit.*, p. 114.

⁹⁵ Face às confidências do pintor de 1922 ou 23, onde lamentava a falta de condições da sua residência para concretizar projetos de maior envergadura, como a ilustração de *A Divina Comédia* de Dante, que exigia trabalho de modelo nu. Oliveira Cabral abordou no café Excelsior Domingos Rufino, seu amigo e dono de capital brasileiro, que prontamente se ofereceu para financiar o atelier, sob condição de anonimato. Apesar da estranheza da notícia, acabou por aceitar a oferta, prometendo pagamento posterior logo que possível. Com o primeiro projeto de Raul Lino (possivelmente de 1920), recusado pela Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto,

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da Cultura artística portuguesa

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

submeteu nova planta, agora de *Sá e Melo*, com colaboração de um decorador, *Álvaro Miranda*. Através de diligências que se prolongavam desde 1922, o deferimento foi conseguido em 1924, marcando o arranque imediato dos trabalhos, que ficaram concluídos oficialmente em fevereiro de 1925, ultrapassando o próprio orçamento previsto – cf. *Museu*. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, pp. 91-93.; FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 98.; e CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 26.

⁹⁶ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 17.

⁹⁷ Através de visionamento de fotografias do artista tiradas na envolvimento laboral do atelier (hoje na posse do arquivo imagético da C.O.A.C.), no término dos anos (19) 20 destacava-se a multiplicidade estilística de obras que se encontravam fixadas nas paredes - *sanguíneas, pastéis, carvões, aguarelas, águas-tintas e óleos*: analogias materiais à estética em que primava e às incidências subjetivas do seu temperamento, numa biografia visual tributada pelo próprio e pelos seus companheiros assíduos.

⁹⁸ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 26.

⁹⁹ A *temática camoniana* desenvolve-se no pensamento deste artista através de uma colaboração gráfica, iniciada em 1925, num álbum de espírito laudatório da *História Nacional* com música de *Estefânia Cabreira* (1891 – 1977), poesia de *Oliveira Cabral* (recém intercessor no financiamento do atelier do pintor) e ilustrações criadas por pintores e escultores contemporâneos. Sobre o tema global *Virtudes e Heroísmos Lusíadas*, na sequência desta publicação realizou-se em 1927 uma mostra no *Ateneu Comercial do Porto*, com as obras difundidas (*óleos, aguarelas e escultura em bronze*), adquiridas na totalidade por *Domingos Rufino* – cf. *Museu*. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, p. 93.

Ilustrando o poema final *Hino da Raça* - onde junta figuras históricas nacionais desde a fundação à contemporaneidade (de *Afonso Henriques a Gago Coutinho e Sacadura Cabral*) – foi na evocação da epopeia lusa que encontrou um tema síntese para o último período da sua vida. Em “*Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos*”, partiu da ilustração para duas versões alargadas a Óleo sobre Tela, estudadas previamente em dezenas de desenhos pormenorizados e estudos de composição. Numa primeira versão realizada entre 1926 –1927 (*Camões sentado, recita o poema a 11 frades* - pertença da C.O.A.C.), e outra de 1929 (*Camões de pé em escala superior, ampliada a plateia para 22 dominicanos*, vendida em *São Paulo* no mesmo ano), o episódio é subjetivado pela seleta intimista dos filhos e conhecidos,

a que recorre como modelos e intérpretes de *Camões* e dos ouvintes *Dominicanos*. Invocada também como *pintura de História*, a ação desenrolada em ambiente de recolhimento claustral - próximo dos que conheceu em estadias coimbrãs – denota uma ambiência que ultrapassa o relato historicista e que, pela via dos seus agentes, constituiu uma retrospectiva pessoal, um epílogo de retratística simbólica da microesfera sociocultural de intelectuais, amigos, convivas, artistas e mecenas que recebeu no seu atelier na cidade do *Porto* – cf. CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (2004), pp. 46 e 48.

¹⁰⁰ Segundo *Mónica Baldaque*, os seus estudos para o *Inferno* constituíam o “*caminhar sobre o papel com a agilidade do pensamento e a liberdade que só com a idade se apura*” – cf. *Museu*. IV Série, n.º 3, Porto: 1995, p. 89.

¹⁰¹ Num total de 42 esboços (ca.1928 – 1930, pertencentes ao espólio do M.N.S.R.), a *água-tinta* com hipotéticas variações (nomeadamente através do uso do *carvão, sépias ou sanguíneas*), é composto por escorços diluídos e ambientes manchados, reflexivos “do ódio, amor e desespero” que o *ideário dantesco* insere na metáfora ao *Inferno* – cf. CANDIAGO, Anna – *António Carneiro Ilustrador de Dante*. Barcelos: Livraria Civilização, 1965, p. 8.

¹⁰² CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 27.

¹⁰³ Em carta endereçada do *Hotel Suisso no Rio de Janeiro* a um amigo, em 23 de julho de 1929 - pertença do A.H.S.C.M.P. – afirma acerca da paisagem e espírito brasileiro: “(...) *O Rio, sumptuoso, largo, muito construído e excessivamente movimentado. Os panoramas naturais (...) é que começam a ser prejudicados pela lastimável construção de arranha-céus (...)*”. Acrescenta ainda um pedido de fotografias suas para a imprensa local: “(...) *em vez de 6 ou 8 retratos meus (...) uns 12. São todos para reprodução em jornaes e revistas (...)*” - epístola publicada em Aa. Vv. – *António Carneiro revisitado (...)*, *Ob. cit.*, p. 122.

¹⁰⁴ FRANÇA, José - Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 104 e 105.

¹⁰⁵ Docente efetivo na *Academia Portuense* desde 1918, o *Conselho Escolar* e o *Ministério* da tutela, reconhecendo os méritos da sua pedagogia e profissionalismo, nomearam-no em 1929 para diretor da instituição. Um cargo que lhe repugna e recusa, pela reticência do seu feitio avesso a exibicionismos, considerando-se incapaz para tal função. Em carta de 27 de outubro de 1929, endereçada a *Eugénia Mourão*, denota o desconforto perante esta problemática, associando a recusa do cargo com um consequente despedimento: “(...) *a minha situação é melindrosa, devido à péssima ideia que o conselho escolar teve em votar o meu nome para diretor da escola, e que*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - "Pintor - poeta", desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

teve também o governo nomeando-me – pois que dada a repugnância invencível que sinto em ocupar tal cargo (para o que, além de tudo, me sinto incapacitado) eu terei de ver-me na contingência de perder o meu lugar de professor, se me obstinar a recusar a diretoria (...) – cf. FERREIRA, Jaime – *Ob. cit.* (1972), pp. 73 e 74.

¹⁰⁶ Relato do artista, descrito por Oliveira Cabral acerca da venda da 2.ª versão de "Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos" em São Paulo – cf. *Museu. II Série*, n.º 11. Porto: janeiro de 1967–julho de 1969, pp. 93 e 94.

¹⁰⁷ De 23 de dezembro de 1929 – cf. CARNEIRO, António – *Ob. cit.* (1980), p. 71.

¹⁰⁸ "Eugène Carrière: «(...) É forçoso morrermos quando sabemos pintar (...)», escreveu amargamente Carrière (...) em vésperas de partir (...) António Carneiro: (...) Nas vésperas de morrer dizia a um moço «(...) não imagina a mocidade que me transborda do coração! O desejo que sinto de sair daqui (...) para ir pintar (...)» – cf. VILA MOURA, Visconde de – *Ob. cit.* (1931), p. 46.

¹⁰⁹ *Revista Portugal*. Ano II, n.º 40, Rio de Janeiro: 31 de março de 1925, p. 20.



Fig. 118 "António e Rosa Carneiro fotografados na inauguração da Exposição Geral de Belas Artes do Brasil em 1914, aquando da primeira estadia do casal em solo brasileiro" (Pomenor) - Registo fotográfico original de autoria desconhecida, 1914 – Ext. *Ilustração Portuguesa. II Série*, n.º 449, Lisboa: 28 de setembro de 1914, p. 413.



Fig. 119 "Momento de ascese, meditação e oração" - Desenho original de António Carneiro (1872 - 1930), de cariz simbolista e publicado como extratexto da 1.ª edição, em 1915, de "Auto do Anno-novo", volume da coletânea poética "A minha terra" – Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. II Auto do Anno-novo*. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1915.

Fig. 120 "Ballet Katherine Dunham (1909 - 2006), em novembro de 1926" – Original de António Carneiro (1872 - 1930), Aguarela sobre Papel, novembro de 1926 - Ext. <http://oportunidadeleiloes.auctionserver.net/view-auctions/catalog/id/1606/lot/540677/?url=%2Fview-auctions%2Fcatalog%2Fid%2F1606%2F-04/02/2017,14h39m>.



Fig. 121 "Vista de Curytiba em 1914" – Original de António Carneiro (1872 - 1930), Aguarela sobre Papel, 1914 - Ext. <https://www.cml.pt/cml.nsf/artigos/80EC53E88C682F078025774A00525952#!prettyPhoto> - 04/02/2017, 14 h 39 m.

Fig. 122 "Buarcos, Figueira da Foz, em 1921" – Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1921 - Ext. http://www.mdsleiloes.com/leiloes/42/?page=4#product_175 - 04/02/2017, 14 h 49 m.



Fig. 123 "Órgão do Coro-Alto da Igreja de São Bento da Vitória - Porto, em 1924" – Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1924 - Ext. https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/1157/_BBG7661_g.jpg - 04/02/2017, 15 h 04 m.

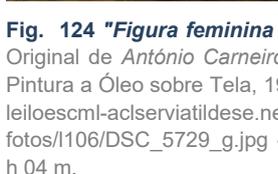


Fig. 124 "Figura feminina perto de Rio" – Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Tela, 1902 - Ext. https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/1106/DSC_5729_g.jpg - 04/02/2017, 15 h 04 m.

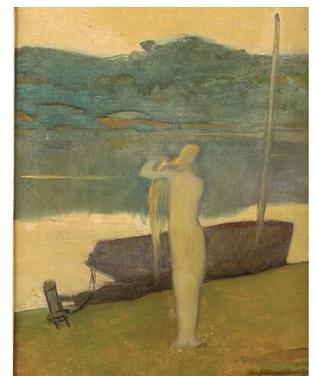


Fig. 125 "Vista de Coimbra" – Original de António Carneiro (1872 - 1930), Pintura a Óleo sobre Madeira, ausente de datação - Ext. https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/1139/_BBD2233_g.jpg - 04/02/2017, 15 h 13 m.



Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

Prólogo

O Museu no "espaço e no tempo" - Breve cronologia do Museu de Santa Maria de Lamas & O Museu de Santa Maria de Lamas, sua História e Coleções

BELK, Russel W. (1994). «Collectors and collecting» In PEARCE, Susan M. [et al.] – *Leicester readers in Museum studies: Interpreting Objects and Collections*. Londres & Nova Iorque: Routledge.

BOTELHO, Maria Leonor & FERREIRA, Susana Gomes. (2005). «O Museu de Santa Maria de Lamas: História de um Museu e do seu relançamento» In FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas*. (s/l): Multitema.

CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS. (1985). *Guia do Museu de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas.

CLETO, Joel & FARO, Suzana - «Museu de Santa Maria de Lamas, Feira. Um sonho de cortiça» In *O Comércio do Porto. Revista Domingo*. (janeiro de 2000).

COELHO, Sofia Thenaisie. (2005). «Imaginária Feminina na Escultura Sacra Portuguesa. Processos de conservação e restauro. Uma exposição sobre o universo interior da Arte» In FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas*. (s/l): Multitema.

GONÇALVES, A. Nogueira & DIAS, Pedro. (1979). «Lamas» In *História e Arte: Concelho de Vila da Feira*. Vila da Feira (Santa Maria da Feira): Câmara Municipal de Vila da Feira (Santa Maria da Feira).

SANTOS, Carlos Oliveira. (1997). *Amorim. História de uma Família (1870 - 1997)*. 1.º Volume: 1870-1953. Mozelos: Grupo Amorim.

SCHULZ, Eva. (1994). «Notes on the history of collecting and of museums» In PEARCE, Susan M. [et al.] – *Leicester readers in Museum studies: Interpreting Objects and Collections*. Londres & Nova Iorque: Routledge.

TWARDOWSKY, Karin – «O Museu de Santa Maria de Lamas» In *Jornal Actual*. (s/l), (maio de 1994).

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas. Ano III, n.º 31 (fevereiro de 1977).

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas. Ano IV, n.º 39 (fevereiro de 1978).

A Coleção de Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas - Breve caracterização tipológica e estilística & Tabela síntese das "subcoleções" que integram a Medalhística contemporânea do Museu de Santa Maria de Lamas

CAETANO, Francisco Perfeito – *Escola de Artes decorativas Soares dos Reis. O ensino técnico artístico no Porto durante o Estado Novo (1948 – 1973)*. Porto: Universidade do Porto, 2012.

CHANTEREAU, P.M. – *Louis- Oscar Roty (1846 – 1911). Un graveur dans la République. Numismatique et Change*. (s/l): setembro de 2011.

MOREIRA, Ana - *Utopias territoriais do Iluminismo em Portugal (Dissertação de Mestrado em Arquitetura - Especialidade de Teoria e História da Arquitetura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra)*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2006.

TRIGUEIROS, António Miguel – *A medalha*.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

Arte nobre da escultura. (s/l): (s/n), 2010, p. 26.

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%C3%ADcio%20do%20largo%20do%20professor%20abel%20salazar%20-%20nota%20biogr%C3%A1fica%20do%20escultor%20jo%C3%A3o%20da%20silva - 27/01/2017, 17 h 53 m.

Medalhística Comemorativa do Primeiro centenário de Nascimento (1872 - 1972) de António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - Forma & Iconografia

“ANTÓNIO CARNEIRO.PINTOR - I.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO (1872 - 1972): CICLO DE COMEMORAÇÕES” - *Medalha circular da autoria de “M. Nogueira” (Manuel da Silva Nogueira), promovida e encomendada pela Câmara Municipal do Porto em 1972*

ALVES, João – *António Carneiro e a pintura portuguesa*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1972.

AMORIM, José Carlos de Castro - *António Carneiro (1872 - 1930). Pluralidade e desígnios do Ilustrador*. Vol. I. Porto: D.C.T.P. / F.L.U.P., 2012.

FRANÇA, José-Augusto – *António Carneiro (1872 - 1930)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

FRANÇA, José–Augusto – *Arte Portuguesa do século XIX*. Lisboa: Instituto Português do Património cultural, 1988.

O Mundo Ilustrado. 2.º Ano, n.º 16, Porto: 20 de março de 1913.

OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. VI Do meu quintal*. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

SANTOS, Rocha dos - “A Sagração do Espaço”. *A Voz de Leça*. Ano IV, n.º 1, Leça da Palmeira: março de 2008.

SOARES, Luís - *Ecce Homo - António Carneiro. Comemorações do 80.º Aniversário da morte do Artista (Catálogo)*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Museu da Quinta de Santiago, 2010.

VAZ, Maria Laurinda dos Reis Antunes - *Catálogo da Coleção de Medalhas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1980.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=208820> – 27/01/2017, 18 h 00 m.

<http://www.cam.gulbenkian.pt/index.php?headline=94&visual=2&langId=1&pesquisar=1&ngs=1&autor=Ant%C3%B3nio%20Carneiro> – 27/01/2017, 18 h 01 m.

“ANTÓNIO CARNEIRO.1872 - 1972 - CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARNEIRO” - *Medalha circular da autoria de “Ulisses”, gravada por “A. Canelo”, promovida e encomendada em 1972*

A Águia. IV Série, n.ºs 1 e 2, Porto: janeiro-abril de 1928.

BRANDÃO, Júlio – *Desfolhar de Crisântemos*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1938.

CABREIRA, Estefânia & CABRAL, Oliveira - *Vir-tudes e heroísmos lusíadas*. 1.ª Edição. Porto: Companhia Portuguesa, 1925.

CANDIAGO, Anna – *António Carneiro Ilustratore di Dante (Estratto da «Estudos Italianos em Portugal» n.º 23-1964)*. Lisboa: S. P. I., 1964.

CASTRO, Laura – *António Carneiro. O universo no olhar*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Edições Afrontamento, 1996.

CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

- DUARTE, Teresa Bandeira – “O exercício do auto-retrato na obra plástica de António Carneiro (1872-1930)”. *Encontros Estúdio Um. Temas e Objetos do Desenho*. N.º 8. (s/l): março de 2014. [biblarte/29429977782/in/photostream/09/02/2017, 22 h 39 m.](http://biblarte/29429977782/in/photostream/09/02/2017,22h39m) -
- <http://comjeitoearte.blogspot.pt/2013/07/o-patrimonio-da-cidade-de-coimbra-no.html> 10/02/2017, 00 h 08 m. -
- FRANÇA, José-Augusto – *António Carneiro (1872 - 1930)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973. http://www.mdsleiloes.com/leiloes/42/?page=4#product_171 - 10/02/2017, 11 h 01 m.
- Museu*. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969. https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/I98/DSC_6512_g.JPG - 10/02/2017, 11 h 41 m.
- PONTES, J. M. da Cruz – *O pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Minerva, 1997. ***António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na Coleção de Medalhística contemporânea do Museu***
- Revista Internacional. O Soneto Neo - Latino*. N.º 1, Vila Nova de Famalicão: 1929. ***Perfil Biográfico do retratado: O Homem, a meditação e o labor estético***
- https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Ant%C3%B3nio_Carneiro_-_Cam%C3%B5es_lendo_Os_Lus%C3%ADadas.jpg - 09/02/2017, 21 h 58 m.
- <http://portofofotos.blogspot.pt/2013/09/a-casa-oficina-de-antonio-carneiro.html> - 09/02/2017, 22 h 10 m.
- <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/330494/fullscreen> - 09/02/2017, 22 h 12 m.
- <https://www.flickr.com/photos/biblarte/29004851323/in/photostream/> - 09/02/2017, 22 h 32 m.
- <https://www.flickr.com/photos/biblarte/28936627593/in/photostream/> - 09/02/2017, 22 h 35 m.
- <https://www.flickr.com/photos/>
- A Águia*. I Série, n.º 4, Porto: janeiro de 1911.
- A Águia*. II Série, n.º 1, Porto: janeiro de 1912.
- A Águia*. II Série, n.ºs 52, 53 & 54, Porto: abril, maio & junho de 1916.
- A Águia*. II Série, n.º 55, Porto: julho de 1916.
- A Águia*. II Série, n.º 75 – 76, Porto: março e abril de 1918.
- A Águia*, IV Série, n.º 3, Porto: junho de 1928.
- A Águia*. IV Série, n.º 12, Porto: novembro e dezembro de 1929.
- Aa. Vv. - António Carneiro revisitado na galeria dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia*

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

do Porto. Porto: S.C.M.P., 2011.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – *Caminhos da Arte Portuguesa no século XX. António Carneiro. O voo da águia*. Lisboa: Caminho / Edimprensa, 2005.

ALVES, João – *António Carneiro e a pintura portuguesa*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1972.

AMORIM, José Carlos de Castro - *António Carneiro (1872-1930). Pluralidade e desígnios do Ilustrador*. Vol. I. Porto: D.C.T.P. / F.L.U.P., 2012.

BRANDÃO, Júlio – *Galeria das Sombras. Memórias e outras páginas*. Porto: Livraria Civilização, 1935.

CABRAL, Luís - *Catálogo da Exposição no 150º Aniversário da sua Fundação (1833 - 1983)*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984.

CABREIRA, Estefânia & CABRAL, Oliveira - *Biblioteca dos Pequeninhas n.º 24: Canções do amor à terra*. 1.ª Edição. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1929.

CANDIAGO, Anna – *António Carneiro Ilustrador de Dante*. Barcelos: Livraria Civilização, 1965.

CARNEIRO, António – *Solilóquios. Sonetos Póstumos*. 2.ª Edição. Porto: Tip. Costa Carregal, 1980.

CASTRO, Laura – *António Carneiro. O universo no olhar*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Edições Afrontamento, 1996.

CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses*.

António Carneiro. Lisboa: Edições Inapa, 2004.

COIMBRA, Leonardo - *Guerra Junqueiro*. 1.ª Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1923.

Diário da tarde. (s/l): 6 de março de 1901.

DUARTE, Teresa Bandeira – “O exercício do auto-retrato na obra plástica de António Carneiro (1872 - 1930)”. *Encontros Estúdio Um. Temas e Objetos do Desenho*. N.º 8. (s/l): março de 2014.

FERREIRA, Jaime – *António Carneiro*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1972.

FRANÇA, José-Augusto – *António Carneiro (1872 - 1930)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

FRANÇA, José-Augusto – *Os Anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

FRANÇA, José-Augusto – *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

Ilustração Portuguesa. N.º 305, Lisboa: 25 de dezembro de 1911.

Ilustração Portuguesa. N.º 306, Lisboa: 1 de janeiro de 1912.

Ilustração Portuguesa. II Série, N.º 449, Lisboa: 28 de setembro de 1914.

Ilustração Portuguesa. N.º 837, Lisboa: março de 1922.

Jesus e a lenda do martyrio (material gráfico) / Carneiro Júnior, Porto: Fotografia Guedes, 1896.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

- LEMOS, António – *Notas d’Arte*. Porto: Tip. Universal, 1906.
- LOPES, Joaquim – *Um Artista Excepcional. António Carneiro*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1955.
- LOPES, Teixeira – *Memórias ao correr da pena*. V. N. de Gaia: Câmara Municipal de Gaia, 1968.
- LARANJEIRA, Manuel – “António Carneiro. Esboço para o estudo de uma obra através de um temperamento”. *Serões*. N.º 17, Lisboa: novembro de 1906.
- MELO, Isabel Maria Pinto de Souto – *O Anfigurismo na Poesia de Ângelo de Lima. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: F.L.U.P., 2003.
- Museu*. II Série, n.º 11, Porto: janeiro de 1967–julho de 1969.
- Museu*. IV Série, n.º 3, Porto: 1995.
- O Malho*. Ano XXIV, n.º 1439. Rio de Janeiro: abril de 1930, p. 39.
- OLIVEIRA, António Correia de - *O Pinheiro Exilado*. 1.ª Edição. Porto, Lisboa: Livraria Ferreira, 1908.
- OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. II Auto do Anno-novo*. 1.ª Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1915.
- OLIVEIRA, Maria João Lello Ortigão – *Aurélia de Sousa em Contexto. A cultura artística do fim de século*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.
- OSSWALD, Maria – *António Carneiro. (Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, vol. XXI, n.ºs 1 e 2)*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1958.
- PAMPLONA, Fernando de – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*. Vol. II, 4.ª Edição. Barcelos: Livraria Civilização, 2000.
- PASCOAES, Teixeira de - *O Bailado*. 1.ª Edição. Porto, Lisboa, Coimbra, Rio de Janeiro: Lumen, 1921.
- PASCOAES, Teixeira de – *António Carneiro. (Separata de Arte Portuguesa, Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto)*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 1952.
- PINTO, Manoel de Sousa – *Catálogo da Exposição de Quadros e desenhos de António Carneiro. Salão da Ilustração Portuguesa: dezembro*. Lisboa: (s/n), 1911.
- PONTES, J. M. da Cruz – *O pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Minerva, 1997.
- Portucale. Revista ilustrada de cultura literária, científica e artística*. vol. III, n.º 15, Porto: maio e junho de 1930.
- Processo individual de aluno António Teixeira Carneiro Júnior*, disponível para consulta digital no *Repositório Temático da Universidade do Porto* (http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf). - 27/08/2012, 12 h 18 m.).

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “Pintor - poeta”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

- Revista do Norte*. Vol. I, n.º 6, junho. Porto: junho de 1955. <http://hemerotecadigital.pt/FichasHistoricas/Atlantida.pdf> - 11/09/2012, 00 h 22 m.
- Revista Portugal*. Ano II, n.º 40, Rio de Janeiro: 31 de março de 1925. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/29550933181/in/photostream/> - 29/01/2017, 16 h 00 m.
- Revista Portuguesa*. N.º 10, (s/l): 19 de maio de 1923. <https://www.mutualart.com/Artwork/Amarante/F4FBA87BA12AB7CC> – 29/01/2017, 16 h 15 m.
- Revista Sapiens. História, Património e Arqueologia*. N.º 1, (s/l.): julho de 2009. http://www.mdsleiloes.com/leiloes/42/?page=4#product_167 – 29/01/2017, 16 h 30 m.
- SAMUEL, Paulo – *António Carneiro. O artista da Renascença Portuguesa*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1988. <https://www.mutualart.com/Artwork/Vista-de-Paris/6719AD9861C55128> – 29/01/2017, 16 h 24 m.
- VASCONCELOS, Flório de – *Notas de Viagem a Itália (1899) de António Carneiro. (Separata da Revista de Estudos Italianos em Portugal, n.ºs 45-47. 1982-1984)*. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1986. <http://www.evandrocarneiroleiloes.com/145675?artistId=88681> - 01/02/2017, 16 h 13 m.
- VILA MOURA, Visconde de – *O pintor António Carneiro. (Separata de Portucale, vol. IV)*. Porto: Portucale, 1931. <https://www.mutualart.com/Artwork/Claudio-Carneiro-portrait/ECC4498274032C71> – 01/02/2017, 17 h 03 m.
- http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 27/08/2012, 16 h 03 m. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/stitulo-156126/> – 02/02/2017, 10 h 43 m.
- http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 30/08/2012, 15 h 05 m. <https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/stitulo-152698/> – 02/02/2017, 11 h 11 m.
- http://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/1235/5/Processo_Carneiro_Junior.pdf. - 30/08/2012, 16h 32m. http://lh3.ggpht.com/_FkKgTDI7ngU/S_Kjzp8SWvl/AAAAAAAAABkU/gX8BOGIIkJI/s1600-h/cc27%5B4%5D.jpg - 02/02/2017, 12 h 24 m.
- <http://panoramas.ifuturo.net/biblioteca-3/> <http://www.plentyofpaintings.com/Antonio-Carneiro/Paisagem-oil-painting.html#lightbox/1/> – 02/02/2017, 22 h 51 m.
- http://www.artnet.com/artists/antonio-teixeira-carneiro-junior/praiacomcasario-o6oDSWZtNjm8LqIpTg_L_KQ2 - 04/02/2017, 10 h 28 m.

Medalhística contemporânea como forma de tributo a diferentes vultos da *Cultura artística portuguesa*

António Teixeira Carneiro Júnior (1872 - 1930) - “*Pintor - poeta*”, desenhista e ilustrador assinalado em duas medalhas comemorativas do centenário do seu nascimento (1872 - 1972), patentes na *Coleção de Medalhística contemporânea do Museu*

Fontes, Bibliografia & Recursos eletrónicos

<http://www.artnet.com/artists/antonio-teixeira-carneiro-junior/luar-RFxD3fEaO6RNWZRa9rKSVA2> - 04/02/2017, 10 h 43 m.

<https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/nocturno-156178/> - 04/02/2017, 10 h 48 m.

<https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/paisagem-de-melgaco-138972> - 04/02/2017, 10 h 57 m.

<https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/melgaco-i-138970/> - 04/02/2017, 10 h 57 m.

<http://www.artnet.com/artists/antonio-teixeira-carneiro-junior/paisagem-511q0smA3MOvwVZvuw6fw2> - 04/02/2017, 11 h 03 m.

<http://charcofrio.blogspot.pt/2011/02/antonio-carneiro.html> - 04/02/2017, 11 h 18 m.

<http://museuvirtual.cm-sintra.pt/obra-em-destaque/314-maria-josefina-em-1905> - 04/02/2017, 11 h 27 m.

<https://gulbenkian.pt/cam/collection-item/stitulo-152708/> - 04/02/2017, 11 h 35 m.

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/28938119904/in/photostream/> - 04/02/2017, 11 h 41 m.

<http://charcofrio.blogspot.pt/2011/02/antonio-carneiro.html> - 04/02/2017, 11 h 54 m.

<http://oportunidadeleiloes.auctionserver.net/view-auctions/catalog/id/1606/lot/540677/?url=%2Fview-auctions%2Fcatalog%2Fid%2F1606%2F> - 04/02/2017, 14 h 39 m.

<https://www.cml.pt/cml.nsf/artigos/80EC53E88C682F078025774A00525952#!prettyPhoto> - 04/02/2017, 14 h 39 m.

http://www.mdsleiloes.com/leiloes/42/?page=4#product_175 - 04/02/2017, 14 h 49 m.

https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/l157/_BBG7661_g.jpg - 04/02/2017, 15 h 04 m.

https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/l106/DSC_5729_g.jpg - 04/02/2017, 15 h 04 m.

https://leiloescml-aclserviatildese.netdna-ssl.com/fotos/l139/_BBD2233_g.jpg - 04/02/2017, 15 h 13 m.

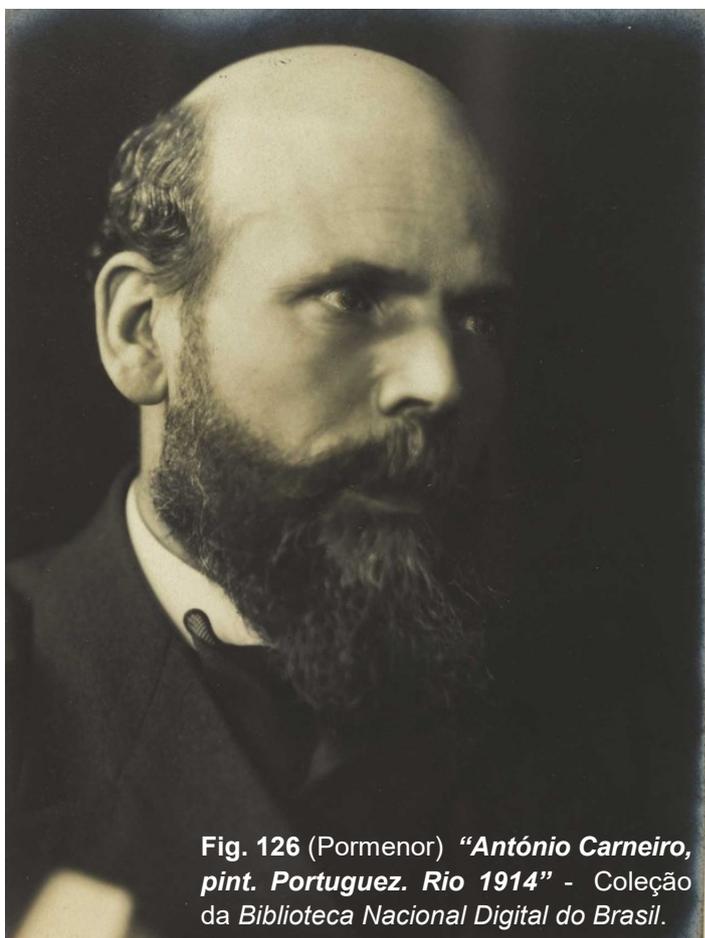


Fig. 126 (Pormenor) “*António Carneiro, pint. Portuguez. Rio 1914*” - Coleção da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

A close-up photograph of a golden Inca face sculpture, likely a representation of a deity or ruler. The face is highly detailed, showing the eyes, nose, and mouth. The sculpture is set against a dark, textured background. The lighting highlights the metallic sheen and the intricate carvings of the face.

O QUE
GUARDAM
AS RESERVAS
DO
MUSEU DE
SANTA MARIA
DE LAMAS?!